



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA.
MESTRADO ACADÊMICO**



**O EXÍLIO DO ESCRITOR:
A ESCRITA COMO ATO SOLITÁRIO EM JEAN-PAUL SARTRE E CLARICE
LISPECTOR**

TAINNARA CRISTINA PINHEIRO HERNANDEZ

**SÃO LUÍS-MA
2024**

TAINNARA CRISTINA PINHEIRO HERNANDEZ

**O EXÍLIO DO ESCRITOR:
A ESCRITA COMO ATO SOLITÁRIO EM JEAN-PAUL SARTRE E CLARICE
LISPECTOR.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade Federal do
Maranhão, para obtenção do grau de Mestra em Filosofia.

Área de Concentração: Linguagem e Conhecimento

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Rita de Cássia Oliveira.

SÃO LUÍS-MA
2024

H557e Hernandez, Tainnara Cristina Pinheiro

O exílio do escritor: a escrita como ato solitário em Jean-paul sartre e Clarice Lispector. / Tainnara Cristina Pinheiro Hernandez. – Brasília: Universidade Federal do Maranhão, 2023.

92 p.

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Rita de Cásia Oliveira

1. Filosofia. 2. Existencialismo. 3. Literatura. 4 .Escrita. I. Título.

**O EXÍLIO DO ESCRITOR:
A ESCRITA COMO ATO SOLITÁRIO EM JEAN-PAUL SARTRE E CLARICE
LISPECTOR.**

TAINNARA CRISTINA PINHEIRO HERNANDEZ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação de Filosofia
da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Mestra em
Filosofia

Aprovado em:31/10/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Oliveira (Orientadora)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO/UFMA

Prof. Dr. Plínio Santos Fontenelle
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO/UFMA

Prof.^a Dr.^a Solange Aparecida de Campos Costa
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI/UESPI

Dedico essa dissertação a todas as pessoas incríveis que são diagnosticadas no Transtorno do Espectro Autista. Demoramos muito para chegar até aqui e agora vamos até o topo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao universo, aos meus ancestrais que me protegem e cuidam para me manter aqui, agradeço também a mim por todo choro engolido, palavra silenciada e desespero contido em todo esse processo de escrita, terminamos, agora cuidarei de mim.

Ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Mestrado Acadêmico/PPGFIL por ter disponibilizados os meios para essa conquista. O Mestrado Acadêmico foi fruto do esforço de diversos professores e sou grata pela oportunidade de fazer parte do programa.

À minha orientadora Rita de Cássia Oliveira, pelo acompanhamento e paciência nesse processo. Durante a graduação foi minha professora e partilhar mais essa etapa da minha vida profissional até aqui foi enriquecedor.

À minha companheira Adriely Almeida Costa que, enquanto eu descobria como faria isso esteve ao meu lado, foi serena, compreensiva e obstinada. Vi nas redes sociais uma declaração de amor que dizia algo assim, “enquanto eu estava com você, poderia ser eu mesma e ao me apaixonar por ti, me apaixonei também por mim”. Obrigada por não me deixar desistir, nunca haverá palavras suficientes para expressar minha gratidão.

À minha família Ilzilene Pinheiro, Nayara Hernandez, Emanuel Pinheiro e Valentina Hernandez por me darem forças para ser muito mais do que eu poderia imaginar e não duvidarem que eu alcançaria meus sonhos, mesmo quando eu não acreditava mais.

À minha melhor amiga Fernanda Ferreira, em um mundo onde amizades são tão volúveis seguimos há nove anos apoiando e amando uma a outra como no primeiro dia. Hoje não somos mais tão presentes no dia a dia uma da outra, mas sabemos que a qualquer hora vamos estar disponíveis uma para outra, mesmo após as duas da manhã.

À minha grande Jéssica Correa que inúmeras vezes foi um porto seguro e uma divindade a quem pude pedir apoio, carinho e atenção. A vida adulta nos obrigou ser mais fortes e determinadas a duras perdas e apesar não saber como será daqui para frente, eu sou muito feliz e orgulhosa de partilhar momentos feliz contigo, aliás prometo sempre a servir com devoção.

Aos meus amigos Samuel Pizetta; Daniel Ribeiro; Taciano Pessoa; Cleudilene Gomes; Neila Matias; Thayse Messias; Cássio Gomes; Ana Paula Landim; Fábio

Mesquita; Daiane Bezerra; Lucas Alencar e Marilúcio Gomes que me incentivaram e demonstraram apoio irrestrito nesse período tão importante de desenvolvimento pessoal e profissional. Pensei que tinha atingido minha cota de pessoas que considero amigos na vida, felizmente estava errada.

Ao Professor Dr. Luciano da Silva Façanha, que desde quando iniciei a vida acadêmica tem sido um porto seguro, agora mesmo de longe me acompanha com carinho e atenção, sou eternamente grata pelos conselhos e amparo. Espero ser para os meus alunos o que o senhor tem sido para mim.

À Banca formada pelo Professor Dr. Plínio Santos Fontenelle e a Professora Dr.^a Solange Aparecida de Campos Costa pela disponibilidade e atenção quanto ao meu trabalho dissertativo.

“Escrever existe por si mesmo? Não. É apenas o reflexo de uma coisa que pergunta. Eu trabalho com o inesperado. Escrevo como escrevo sem saber como e por quê – é por fatalidade de voz. O meu timbre sou eu. Escrever é uma indagação. É assim:”
(Clarice Lispector, 2020, p. 14)

RESUMO

HERNANDEZ, T.C.P. **O exílio do escritor: a escrita como ato solitário em Jean-Paul Sartre e Clarice Lispector.** 2024, 92f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Universidade Federal do Maranhão, 2024.

A Filosofia e a Literatura participaram de momentos singulares na história, sempre ultrapassando as barreiras impostas pela sociedade quanto a sua importância e a sua relevância para o desenvolvimento do conhecimento. Em vista disso, essa dissertação possui um caráter interdisciplinar que visa mostrar uma relação entre a filosofia e a escrita literária. Para tanto, esta pesquisa teve o intuito de identificar a escrita como um ato solitário no filósofo francês Jean-Paul Sartre e na literata brasileira Clarice Lispector. Sartre e Clarice foram lançados no mundo literário e se puseram a se comunicar com o mundo por meio da literatura. Contudo, o que seria escrever? Para Jean-Paul Sartre, em sua obra *Que é a Literatura?*, é já agir no mundo, na maneira de modificá-lo, sendo o escritor engajado com os temas do seu tempo, não permitindo que as pessoas ignorem o mundo - seus problemas - e se considerem inocentes ao fazê-lo, nesse sentido o engajamento literário tem uma obrigação com o mundo em relatar os problemas que o cercam, assim, o homem deve saber o que falar, qual o seu propósito para com o discurso proferido e uma vez engajado no universo da linguagem, o escritor não poderia deixá-lo. Clarice sente a necessidade de ser envolta na literatura, sentindo a escrita como parte dela e como a coisa que a mantém viva e sã. A escrita em Lispector permeia o consciente e o inconsciente, sendo o primeiro quando ela está escrevendo e notando as coisas a sua volta; enquanto o segundo é seu estado de espírito quando não está escrevendo. Entretanto, para Lispector a sua escrita não pode transformar o mundo e se exime da responsabilidade social. Nessa perspectiva, trata-se de uma investigação de cunho autobiográfico e filosófico tendo como referencial principal *As palavras*, *O ser e o Nada* e *Existencialismo é Humanismo* de Jean-Paul Sartre, e *Um Sopro de Vida*, de Clarice Lispector, tendo em vista que, a partir da relação entre o pensamento sartreano com a obra lispectoriana poderemos identificar a escrita como um ato solitário para ambos os autores. Ademais, esse estudo irá constituir-se em uma pesquisa qualitativa a ser desenvolvida através da análise hermenêutica dos conceitos centrais apontados.

Palavras-chave: Filosofia; Existencialismo; Literatura; Solidão; Escrita.

RÉSUMÉ

HERNANDEZ, T.C.P. **L'exil de l'écrivain : l'écriture comme acte solitaire chez Jean-Paul Sartre et Clarice Lispector.** 2024, 92f. Dissertation (Mastère de Philosophie) – Programme de 2ème cycle en Philosophie – Université Fédérale du Maranhão, 2024.

La philosophie et la littérature ont eu leur part dans des moments singuliers de l'histoire, surmontant à chaque fois les entraves posées par la société quant à leur importance et leur pertinence pour le développement du savoir. Pour cette raison, cette dissertation revêt un caractère interdisciplinaire qui a pour ambition de montrer les liens entre la philosophie et l'écriture littéraire. Pour ce faire, l'auteure s'est attachée à identifier l'écriture en tant qu'acte solitaire chez le philosophe français Jean-Paul Sartre et chez l'écrivaine brésilienne Clarice Lispector. Sartre et Clarice ont été propulsés dans le monde littéraire et se sont mis à communiquer avec le monde au moyen de la littérature. Mais, que serait donc écrire ? Pour Jean-Paul Sartre, dans *Qu'est-ce que la littérature ?* c'est déjà agir dans le monde, dans la façon de le changer, l'écrivain s'engageant sur les questions de son temps, ne permet pas au public d'ignorer le monde – ses problèmes – ni de se considérer innocent s'il persiste à le faire. En ce sens, l'engagement littéraire l'oblige vis-à-vis du monde à montrer les problèmes qui l'entourent, et ainsi l'Homme doit savoir que dire, quelle est sa position par rapport au discours ainsi proféré et, une fois engagé dans l'univers du langage, l'écrivain ne saurait l'abandonner. Clarice ressent le besoin d'être plongée dans la littérature, car elle perçoit l'écriture comme une partie d'elle-même et comme ce qui la maintient en vie et en bonne santé. L'écriture chez Lispector imprègne le conscient et l'inconscient, le premier quand elle écrit et note ce qui se passe autour d'elle ; Le second correspond à son état d'esprit quand elle n'est pas en train d'écrire. Toutefois, pour Lispector, son écriture ne peut transformer le monde et elle s'exempt de responsabilité sociale. Nessa perspectiva, cette dissertation est une enquête à caractère bibliographique, d'analyse de contenu philosophique et littéraire, dont les références majeures sont *Les mots*, *L'être et le Néant* et *L'existentialisme est un humanisme* de Jean-Paul Sartre, ainsi que *Um Sopro de Vida*, de Clarice Lispector, dans la mesure où, à partir de la relation entre la pensée sartrienne et l'œuvre lispectorienne, on pourra identifier l'écriture comme un acte solitaire pour les deux auteurs.

Mots-clés : Philosophie ; Existentialisme ; Littérature ; Solitude ; Écriture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 EXISTENCIALISMO E LITERATURA NO SÉCULO XX.	19
2.1 A influência do Existencialismo no século XX	20
2.2 A vida do escritor e o papel da Literatura: Sartre e Clarice	34
2.2.1 Sartre: Eu existo porque escrevo.....	34
2.2.2 Literatura Engajada.....	40
2.2.3 Clarice: É uma maldição, mas uma maldição que salva.....	44
2.2.3.1 Você pode ser chamado e não saber como ir	51
2.2.4 Literatura: Liberdade e Solidão	55
3 COLISÃO: ENCONTRO ENTRE CLARICE E SARTRE.	59
3.1 A escrita é um sopro de vida	59
3.1.1 A voz de Clarice.....	61
3.1.2 As vozes de Clarice	68
3.2 A solidão da escrita ou a escrita da solidão.....	77
3.2.1 O que há entre uma palavra e outra?	78
4 CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS.....	89

1 INTRODUÇÃO

Na antiga civilização mesopotâmica, por volta de 4.000 aEC, a escrita surgiu e mostrou a sua necessidade para a comunicação e a propagação do conhecimento. Desde esse período tem permitido cada vez mais avanços, pois por intermédio dela foi possível que histórias, culturas, mandamentos, conceitos entre outros conhecimentos chegassem da maneira mais verossímil possível a atualidade, se tornando uma peça fundamental para o desenvolvimento da humanidade.

Para muitos as letras são apenas uma mera forma de documentar o que descobrimos, no entanto, para alguns pesquisadores ela pode ser maior, uma vez que permitiu ampliar a forma de nos expressar, perpassando a linguagem oral, pois as palavras, em muitas situações, davam a oportunidade de repensar a fala, o conceito, a entonação e outros elementos que facilitaram a comunicação. Nesse sentido, o escritor Martin Puchner¹, ao imaginar como seria o mundo sem a escrita (sem o registro gráfico das histórias) nos conta que seria lamentável e, provavelmente, até a maior parte das ideias filosóficas e políticas já teriam sido esquecidas ou nem sequer teriam existido. (Puchner, 2019, p. 9)

À vista disso, sabemos o quanto teríamos perdido se a escrita não viesse a existir, é algo que beira a loucura pensar que esses signos não teriam sido inventados e nem lhes fossem dados significados que permitissem a formação de palavras, frases e sentenças a respeito do que percebemos ou imaginamos do mundo. Foi ao pensar a respeito da escrita que esta pesquisa passou a ser desenvolvida e, ao tentar compreender a relevância que ela possui para a humanidade, nós voltamos para aquele que é responsável por a manter viva: o escritor.

O escritor tem mantido seu ofício vivo em tantos anos e a Literatura tem tido um papel crucial para nós, da mesma forma a Filosofia mantém a escrita viva ao permitir o registro dos pensamentos, reflexões e análises de temas que versam a humanidade. Dessa forma, ao olharmos para a História notamos que desde a antiguidade há um entrelaçamento ou, se for mais apropriado dizer, uma discussão entre a Filosofia e a Literatura, sendo este diálogo mantido aqui nessa dissertação.

Ora, é necessário explicar que não pretendemos sobrepor uma área sobre a outra, nem mesmo qualificar ou desqualificar essas formas de pensamento. Como

¹ É um crítico literário e filósofo, seus primeiros trabalhos como crítico literário se concentraram no modernismo, especialmente em gêneros como o drama de armário, o manifesto literário, e o drama moderno. Atualmente está mais voltado para a literatura, tecnologia e história cultural.

discorre Jeanne Marie Gagnebin de Bons (2009), é importante refletir nos cuidados que devemos tomar com a análise entre Filosofia e Literatura para não cometer o erro de acabar por considerar como filósofos aqueles que têm bons pensamentos e não sabem explicar e, literários como aqueles que sabem explicar e falar bem, mas não são originais em seus pensamentos.

Tendo em vista que desde Platão² essa discussão é polêmica, pois o filósofo que expulsou os poetas da cidade, considerava a poesia da época e a forma como contava sobre os deuses, ensinamentos que não eram adequados e proveitosos para os homens. Entretanto, Aristóteles³ os convida a voltar à cidade por compreender a relevância da poesia para a sociedade.

Ainda sobre o tema, a ética e religião serão temas dominantes na Literatura até o fim da Idade Média, visto que influenciados pela cultura greco-romana, os medievos terão as histórias ficcionais importantes por manter ensinamentos, ou seja, terá uma função pedagógica assim como o teatro e a poesia dos gregos antigos. No entanto, a Filosofia e a Literatura terão o papel de manter o Cristianismo como este novo balizador e que deve ser difundido pela sociedade.

Contudo, com o progresso científico e social expressos na mudança da Idade Média para a Modernidade, iremos notar que o Renascimento expresso pelo renascer do Homem e a sua potencialização trará o Humanismo como foco filosófico e científico que se expressará na dominação da natureza por meio da razão, sendo a fé deixada de lado, o que desencadeará no século XVIII o movimento iluminista, que tinha o

² Platão mostra a necessidade de se discutir as afirmações dos poetas. Trata-se assim de destituí-los da autoridade de que ainda gozam na educação e na opinião comum. Só graças à discussão filosófica e a uma educação por ela inspirada – o que pressupõe a produção ou a seleção de mitos – é que se pode esperar uma maior realização da justiça, tanto no plano do indivíduo (do governo de sua alma) quanto no nível da cidade. (Villela-Petit, 2003, p. 1).

³ Segundo o que foi dito se apreende que o poeta conta, em sua obra, não o que aconteceu e sim as coisas que poderiam vir a acontecer, e que sejam possíveis tanto na perspectiva de verossimilhança como da necessidade. O historiador e o poeta não se distinguem por escrever em verso ou prosa; casos as obras de Homero fossem postas em metros, não deixaria de ser história; a diferença é que um relata os acontecimentos que de fato sucederam, enquanto o outro fala das coisas que poderiam suceder. E é por esse motivo que a poesia épica contém mais filosofia e circunspeção do que a história; a primeira trata das coisas universais, enquanto a segunda cuida do particular. Entendo que tratar das coisas universais significa atribuir a alguém ideias e atos que, por necessidade ou verossimilhança, a natureza desse alguém exige; a poesia, desse modo, visa ao universal, mesmo quando dá nome a suas personagens. Quanto a relatar o particular, ao contrário, é aquilo que Alcebiades fez, ou aquilo que fizeram a ele (Aristóteles, 2000, p. 47).

esclarecimento humano como foco. Tal mudança de paradigma social será acompanhada não só pela Filosofia da época, mas também pela Literatura.

Enquanto a Filosofia pensa as bases conceituais da Modernidade e reflete sobre o ônus e bônus do progresso científico-racional, a Literatura também irá passar dos temas da fé para os assuntos que versam o Ser Humano como centro da discussão. Neste momento, a Literatura terá um grande alcance devido a massiva publicação de textos e haverá muitos diálogos de renomados filósofos com as Belas Artes, como por exemplo: *A História trágica de Doutor Fausto*⁴ de Christopher Marlowe, *Dom Quixote*⁵ de Miguel de Cervantes, o *Primeiro Fólio*⁶ de William Shakespeare, *O Misanthropo*⁷ de Molière, *Robinson Crusoé*⁸ de Daniel Defoe

Até que no século XIX, a Literatura irá estar imersa nas revoluções iniciadas pela burguesia, sendo possível identificar o *romantismo*, *realismo* e *naturalismo* como os movimentos literários predominantes, que com a alfabetização em massa irá conter um grande número de leitores e escritores, sendo possível acessar o que muitos tinham a contar, dizer e a inventar por meio das histórias. Destarte, a Filosofia se ocupará em refletir sobre essas revoluções e o impacto social do advento da burguesia, além de compreender as realidades dos diversos grupos sociais.

É, neste cenário que movimentos feministas, gays, ativistas dos direitos civis, entre outros grupos, que antes eram silenciados, passam a tomar voz e, por meio de

⁴ É uma peça de teatro elizabetana - período associado ao reinado da rainha Isabel I - escrita por Christopher Marlowe entre 1589 e 1592, com base na história do Dr. Fausto (Historia Von Dr. Johann Faustus), 1587, recolhida em uma obra anônima alemã de contos sobre praticantes de ciências ocultas. O poema que escrito parte em verso parte em prosa, retrata a vida de um homem que vendeu sua alma ao diabo em troca de conhecimento e poder. Uma curiosidade a respeito do poema é que existem duas versões, a primeira de 1604 e outra, de 1616, em que são omitidos 36 versos e adicionados outros 676.

⁵ Foi publicado pela primeira vez em 1797. Dom Quixote narra as aventuras e desventuras de um homem de meia idade que resolveu se tornar cavaleiro, depois de ler muitos romances e histórias fantasiosas. Após arrumar um cavalo e uma armadura, na companhia de seu fiel escudeiro Sancho Pança - que acreditava que seria recompensado ao fim das aventuras -, ele decide que provaria seu valor e amor a Dulcineia de Toboso.

⁶ Publicado em 1623, preservou 18 peças de Shakespeare que nunca haviam sido impressas antes. Foi o primeiro livro de Shakespeare a ser dividido em comédias, histórias e tragédias. O fólio agora em exibição na Galeria de Exposições Hanke pertence ao Clube Elisabetano da Universidade de Yale. Existem mais de duzentas cópias do primeiro fólio, por isso não são consideradas raras atualmente.

⁷ Peça de 1666, é um drama protagonizado por um homem chamado Alceste que está revoltado com a hipocrisia da sociedade, uma vez que é inevitavelmente sincero e totalmente avesso às convenções sociais. Ele ama uma mulher chamada Célimène que é tanto a causa do seu desconforto social, quanto o paradoxo irônico dele mesmo, o que acaba criando a obra engraçada e irônica, uma vez que ele ama uma mulher que é exatamente tudo que ele abomina.

⁸ Publicado originalmente em 1719, sendo primeiramente publicado na forma de folhetins no jornal "The Daily Post" no Reino Unido. É um romance epistolar, ou seja, é narrado em formas de cartas, possuindo uma linguagem didática e confessional, sendo uma autobiografia do personagem Robson Crusoé que naufragou e ficou preso em uma ilha tropical.

uma literatura-filosófica, começam a reivindicar respeito a sua existência e apresentar as suas histórias e reflexões.

Nesse sentido, independente da área, compreendemos como a escrita terá um papel relevante para o desenvolvimento da Filosofia e da Literatura na história da humanidade, sendo o elo entre ambas, o ofício do escritor. A partir disso, as nossas investigações e estudos acadêmicos voltados para o escritor se tornaram mais latentes após o fim da graduação, que teve como tema de trabalho final *O Reflexo da Felicidade Rousseauiana em Clarice Lispector* (2020). Ao trabalhar com a escritora no trabalho de conclusão de curso, percebemos o tema da escrita solitária e que era possível ampliar a discussão com o Existencialismo sartreano, possível de ser identificado nas palavras de Lispector.

Esta dissertação intitulada *O exílio do escritor: a escrita como um ato solitário em Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Clarice Lispector (1930-1977)* teve como um de seus objetivos mostrar a relação do escritor com a arte da escrita. Por conta disso, foi necessário tratar a respeito de como Sartre e Clarice enveredaram o mundo da escrita, e como isso muda drasticamente a forma de vida e a ótica que possuem do mundo e da condição humana, relatando nos dois autores esse afastamento do outro – sociedade – para se dedicar às palavras.

Dito isso, para Sartre (2015), a palavra significa poder e o escritor que reconhece e a utiliza precisa estar consciente da importância do que é falado⁹, dado que, para o filósofo, escrever é uma forma de se comunicar com a realidade e esse encontro com o mundo deve ser feito sempre de forma atenta aos problemas reais e da condição humana.

Desse modo, o filósofo acredita que, por meio da palavra, seria capaz de formular novas formas e novos modos de pensamento, entre esses estava a corrente filosófica denominada Existencialismo. A obra a qual corresponde o desenvolvimento dessa, é *O existencialismo é um humanismo* (1946). A premissa desta corrente filosófica estava relacionada à ideia de que a existência humana estar pautada na

⁹ Na edição da Vozes de 2015 com tradução de Carlos Felipe Moises é utilizado o termo “falar” fazendo-se necessário explicar que em alguns momentos o filósofo Jean-Paul Sartre se utiliza do “parlant” para se referir a escrita na obra *Que é literatura?* É um exemplo de onde podemos identificar essa mudança de significado da palavra, que normalmente entendemos por oralidade. Na edição original em francês da Editora Galimard de 1948 o termo utilizado é “parlant”, falante no sentido que está no ato de falar, mas se constitui pela fala.

liberdade e, para Sartre, o ser humano está condenado a ser livre, pois é responsável por tudo que irá lhe acontecer na vida e, por conta disso, vive angustiado. Esse será um dos temas que abordaremos nesta dissertação.

Em consonância, Clarice Lispector (2010) faz da escrita um lugar de acolhimento e reconhecimento de quem ela é. A autora cria uma relação de união com a arte de escrever, a qual é uma característica marcante sua, uma vez que para escrever necessitava estar conectada com o mais íntimo de si mesma e isso permitia que ela buscasse compreender tanto a si (internamente) como as outras pessoas a sua volta. A escritora observava o mundo, falava a respeito dele, mas se sentia desconectada dele, por isso buscava nos livros uma ponte de conexão mais eficaz e firme. Escrever é um ato solitário, no qual os nascidos para tal vocação se dedicam de corpo e alma, pois existe um mundo de percepções e conceitos a serem descobertos, por aqueles que seguem o chamado ao exercício da escrita.

Assim, Sartre acreditava que todas as vezes que alguém decidia começar a falar sobre a realidade, a liberdade, a condição humana, entre outros assuntos, se tornava impossível parar, pois, uma vez engajado com a escrita, não poderia mais abandoná-la. O ato de escrever era um ato de modificação da realidade.

Portanto, a Filosofia e a Literatura estabelecem uma relação denominada "vizinhança comunicante" e por meio de uma passagem interna é possível adentrar de uma para a outra, sem perder suas particularidades e diferenças. Sartre (1948) identifica, na escrita, essa relação com o mundo, esse engajamento, essa vivência, esse reconhecimento do necessário, a eminente mudança que precisa ser dita e desvelada a todos para que comece a ser produzida. As palavras para o filósofo proporcionam justamente esse movimento de transpassar as páginas e ir para o universo buscando alterar o que está em desarmonia, é para ele a responsabilidade do escritor ao identificar uma necessidade.

Constatamos que a Filosofia está em uma procura incansável para conhecer o mundo real e seus segredos e a Literatura traça um caminho diferente, fazendo surgir uma verdade alternativa e sendo ela capaz de “destruir o mundo”, esse mundo real em prol da ficção. A Literatura ousa falar daquilo que não aconteceu ou mesmo existe, criando outras dimensões, realizando sua própria realidade ficcional, produzindo o que mais poderá se assemelhar ao concreto. A Filosofia, por sua vez, trabalha com abstração, com conceitos e pela procura da verdade. Talvez a Literatura possa

trabalhar elementos filosóficos e a Filosofia possa utilizar da fluidez com que a literatura aborda seus dramas e cenários por meio dos personagens.

Na perspectiva literária, Clarice Lispector (1978) via a escrita como uma forma de expressar tudo, de dizer a respeito do mundo e quando não conseguia, era o mesmo que morrer nessa realidade, era como sufocar com as palavras dentro de si. Escrever era, para a literata, exorcizar os seus demônios e isso só se faz sozinho, em um reconhecimento de si, pois, quando não estava escrevendo, tinha que encarar a sociedade que não a entendia e o caos do pré-pensamento que não possui nem cor e nem forma.

A partir disso, veremos o exílio literário como ausência. A ausência do mundo, o silêncio da letra e o pesar da pena¹⁰ são fardos que muitos escritores carregam quando estão submersos pelas letras. Escrever é se ausentar, é reconhecer que, para tratar a respeito daquilo que ninguém mais consegue, se faz necessário se colocar atrás das cortinas, é abdicar da presença e dar vida às palavras, observando essa existência por uma perspectiva nova, diferente e um tanto sagaz da realidade que todos os outros estão acostumados. Em virtude disso, que colocamos o escritor como uma peça fundamental e que possui uma visão oblíqua e talvez um tanto dissimulada da nossa vã realidade.

Nesse sentido, o objetivo principal deste trabalho é mostrar, de modo claro e coeso, a escrita como um ato solitário em Sartre e Lispector, por meio da perspectiva existencialista e literária, do filósofo referido e da obra *Um Sopro de Vida* (1978), da escritora aqui tratada.

Posto isso, nesta dissertação, discutiremos, no segundo capítulo, intitulado *Existencialismo e Literatura no século XX*, a respeito da influência do existencialismo no período e como ele foi importante para o desenvolvimento literário que encontrou junto com essa corrente filosófica uma maneira de tratar a respeito das questões de cunho existencial que foram caras no século XX, incluindo aqui uma caracterização do Existencialismo, as suas bases conceituais e um destaque para o Existencialismo sartreano.

Além disso, trataremos no tópico *A vida do escritor e o papel da Literatura: Sartre e Clarice* acerca de como a escrita – Filosofia e Literatura - começa a fazer parte do dia a dia do filósofo Jean-Paul Sartre, como ocorreu seu desenvolvimento no

¹⁰ A pena, aqui, faz referência ao instrumento de escrita que era utilizado no mundo ocidental, no período do século VI até o XIX.

mundo filosófico/literário e qual a importância que a escrita toma na sua vida. Pontuamos que teremos como foco o Sartre, como um filósofo e escritor, por isso trataremos do seu conceito filosófico a respeito do Existencialismo neste trabalho e para demonstrar a simbiose existente entre Sartre e Clarice apresentaremos também o seu eu escritor, o que recai na sua Literatura.

Seguindo a mesma linha de pensamento, versaremos a respeito de como Clarice Lispector se desenvolveu desde a sua infância, o seu progresso frente à Literatura, os medos e as angústias conectadas a sua vocação. Discorreremos sobre alguns assuntos tratados pela autora em suas obras, como o ser, a sociedade, o eu e a coisa ausente, caracterizando a sua Literatura e o papel da escrita para a referida autora.

Após a caracterização do pensamento sartreano e lispectoriano, realizaremos no terceiro capítulo o diálogo entre eles, começando com uma análise crítico-literária acerca do livro *Um Sopro de Vida* (1978) de Clarice Lispector e, concomitante, identificaremos elementos do pensamento sartreano na obra de Clarice, tendo como principal referência a escrita como ato solitário. Ou seja, neste último e terceiro capítulo intitulado *Colisão: Encontro entre Sartre e Clarice* iremos apresentar como se dá a escrita enquanto um ato solitário, analisando de acordo com os conceitos sartreanos de liberdade, angústia e responsabilidade, sendo possível identificar nos personagens – Autor e Ângela Pralini -, da história de Lispector, o exílio que só a escrita proporciona.

Em função disso, os capítulos têm como papel apresentar os autores Jean-Paul Sartre e Clarice Lispector, primeiramente, de modo distinto para mostrar a conexão de cada um com a escrita, que podemos afirmar serem suas vocações, haja vista que eles se dedicaram até seus últimos momentos ao seu dom, sendo felizes e angustiados, todavia satisfeitos por terem visto a realidade com seus olhos ferozes e, no caso de Clarice, como Capitu, com olhos de cigana oblíqua.

Para realizar esta pesquisa, desenvolvemos uma metodologia de abordagem qualitativa, de natureza básica, pois este estudo visa uma compreensão de um fenômeno teórico que é o exílio do escritor, sendo assim uma proposta teórica e sem pretensão de aplicação prática, seguida de uma pesquisa exploratória que consistiu no levantamento de dados bibliográficos, biográficos e documentais que permitiu a seleção do referencial teórico a ser utilizado nesta dissertação. Além disso, para a construção do texto utilizamos também de uma pesquisa explicativa, pois há um

aprofundamento no contexto histórico e na realidade vivenciada, paralelamente há uma hermenêutica das obras escritas que caracterizam o pensamentos dos autores a partir das obras que eles escreveram e dos textos que os referenciam, de acordo com a temática aqui estabelecida.

Portanto, para avançar com essa discussão, passaremos aos capítulos de desenvolvimento desta pesquisa de dissertação, que se iniciam com a análise do Existencialismo, enquanto corrente filosófica influente para o movimento literário no século XX, a fim de atestar a importância dessa forma de pensamento na contemporaneidade.

2 EXISTENCIALISMO E LITERATURA NO SÉCULO XX.

A história da Humanidade acumula milhares de anos e, conseqüentemente, os mais diversos tipos de acontecimentos e fenômenos naturais, biológicos e sociais. Assim, ao estudarem o passado e os fatos sucedidos os historiadores realizaram uma divisão historiográfica por épocas ou idades, nas quais levaram em consideração os paradigmas sociais, desenvolvimento e as transformações causadas como fatores para o estabelecimento das épocas que em geral se definem em: História antiga (por volta de 4000 aEC à 476), História medieval (476 à 1453), História moderna (1453 à 1789) e História contemporânea (1789 até os dias atuais).

Levando em consideração o estabelecimento das épocas, a Filosofia acompanhará o desenvolvimento da Humanidade e inclusive, será fundamental para o progresso científico, tal fato fará com que os estudiosos da História da Filosofia a delimitem conforme as épocas estabelecidas, tendo como prerrogativa que o pensamento filosófico iniciou e se desenrola no espaço-tempo em que os sujeitos estão inseridos, não podendo ser deslocados ou independente do contexto histórico-social, sendo este influente nas ideias que serão concebidas pelos filósofos.

À vista disso, ao observamos a História da Filosofia desde a antiguidade à contemporaneidade é possível notar que sempre houve uma aproximação entre o pensamento filosófico e as outras áreas do conhecimento, inclusive, destacamos aqui o diálogo entre as Letras - que hoje conhecemos mais como Literatura - e a Filosofia.

Não detalharemos a relação histórica da Literatura com a Filosofia desde a antiguidade, mas por questões metodológicas de demarcação que toda pesquisa exige, vamos nos ater em compreender como se deu esse diálogo na História Contemporânea, sobretudo, no século XX, pautando a estreita relação com uma

corrente filosófica muito difundida nesse período que foi denominada como Existencialismo. Portanto, este será o foco desse capítulo, ou seja: iremos investigar a relação e influências da Filosofia e Literatura no século XX, com foco na discussão sobre a Existência humana a partir do Existencialismo, que será caracterizado a seguir e com destaque para o pensador Jean-Paul Sartre.

2.1 A influência do Existencialismo no século XX

As épocas históricas são marcadas por intensos acontecimentos e não será diferente no período Contemporâneo, sobretudo o século XX que englobou duas grandes Guerras Mundiais, a primeira em 1914 a 1918 e a segunda aconteceu em 1939 a 1945. Tais situações causaram muitas instabilidades políticas, sociais e econômicas nas sociedades da época, despertando nas pessoas muitos temores, receios e angústias diante das destruições causadas por esses eventos tão próximos e catastróficos. Esse terror social foi ainda mais profundo para as pessoas que estavam no centro das ocorrências, a saber os europeus.

Em cada canto da Europa os moradores vivenciaram de modos peculiares o horror das guerras, mas foi comum a todos o assombro diante da finitude da vida, suscitando aflições e desassossegos sociais que irão refletir na Filosofia e na Literatura da época. Pois, é nesse contexto, que irá se difundir o Existencialismo francês. Primeiramente, vamos compreender do que trata esse termo.

O Existencialismo é uma corrente filosófica introduzida pelos filósofos Soren Kierkegaard e Friedrich Nietzsche na metade para o fim do século XIX, que tem como foco o Ser humano e a compreensão da sua existência, não no aspecto biológico, mas em aspectos sociais e subjetivos, tematizando a liberdade, autonomia, responsabilidade, angústia e a morte como pontos cruciais a todo ser humano, que diferente dos demais animais da natureza, não vive somente conforme a própria natureza, mas construiu todo um sistema social, político, religioso, moral, estético e ético para dá significado e sentido à sua própria vida. Entretanto, até a própria delimitação do termo é algo posterior ao seu início, tendo em vista que muitos existencialistas não consideravam o nome “Existencialismo” abrangente o suficiente. No livro *Existencialismo* (2014), Jack Reynolds salienta que

Uma dificuldade desse projeto é que o termo "existencialismo" não foi inicialmente usado por nenhum desses filósofos, e não aparece em quaisquer dos textos canônicos da tradição: nem em *O ser e o nada* de Sartre nem em *Ser e tempo* de Heidegger. Na verdade, o termo foi inicialmente cunhado por

Marcel, descrevendo Sartre e outros, e somente veio a ser aceito por Sartre e de Beauvoir alguns anos mais tarde em 1945. Merleau-Ponty nunca aceitou o rótulo incondicionalmente, ao passo que Heidegger rejeitou-o veementemente. Por isso é difícil argumentar que o existencialismo representa um movimento filosófico único, unificado [...] Em vez de nossa identidade ser determinada por nosso status biológico ou social, o existencialismo insiste que ela deve ser continuamente criada, e que existe uma ênfase resultante sobre nossa liberdade ou, no vocabulário preferido dos existencialistas, nossa transcendência. (Reynolds, 2014, p. 14-15)

Segundo o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano, o termo *Transcendência* é utilizado na Filosofia com dois significados, o primeiro se refere ao divino, a este estado que está para além de tudo e o segundo se refere ao estabelecimento de relação entre várias partes, mas sem criar uma unificação, ou seja, mantendo a identidade e a alteridade.

Esses dois significados serão influentes nessa corrente filosófica, pois para o existencialismo cristão há o transcendente divino que é superior à própria existência humana e importante, inclusive, para que o homem consiga transpor aos seus próprios limites existenciais. No entanto, é no segundo significado de transcendental que o existencialismo ateu irá se aprofundar, sobretudo por influência da Fenomenologia Heideggeriana que apresenta a transcendência como o projeto do ser que está lançado no mundo e, como veremos mais adiante, Sartre a utilizará para a definição do *para-si* e *em-si*. (Abbagnano, 2006. p. 970-971)

Assim, o importante a ser frisado aqui é que apesar da discordância inicial a respeito do termo e de especificidades de cada pensador, essa nomenclatura se solidificou como o modo de se referir aos filósofos que tratam da dimensão humana não como um todo, mas como seres individuais que possuem identidade e a alteridade como características cruciais. Entretanto, mesmo não sendo possível essa homogeneidade, Jack Reynolds (2014) ressalta os temas mais comuns nos existencialistas, diz o autor:

Liberdade; morte, finitude e mortalidade; experiências fenomenológicas e "disposições" como angústia (ou ansiedade), náusea e tédio; uma ênfase sobre autenticidade e responsabilidade assim como a tácita condenação de seus opostos (inautenticidade e má-fé); uma sugestão de que a individualidade humana tende a ser obscurecida e negada pelos costumes sociais comuns da multidão, e, possivelmente, um pessimismo sobre as relações humanas *per se* (devido à influência da dialética senhor-escravo de Hegel sobre Sartre e de Beauvoir); uma rejeição de qualquer determinação externa de moralidade ou valor, incluindo certas concepções de Deus e a ênfase na racionalidade e no progresso que foram destacadas durante o Iluminismo. (Reynolds, 2014, p. 13)

Então, essa corrente filosófica tem como foco principal a preocupação de que o indivíduo estar lançado neste mundo, só e diante da imensidão de um universo sem sentido. Logo, os temas existencialistas irão se direcionar a forma como se vê o mundo, como se vê o Eu e a forma adequada de teorizar – pensar e escrever - no Existencialismo (Escorcio; Monteiro, 2011). Prosseguem os autores:

Os filósofos existencialistas pensam a partir de três pilares, o homem na sua existência concreta, o homem enquanto um indivíduo, e o mundo diante da absurdidade, ou seja, todos têm como concepção o diagnóstico do absurdo, a ausência de propósito e sentido da vida. (Escorcio; Monteiro, 2011, p. 20)

Ora, é certo que esses temas já haviam sido mencionados ou utilizados por filósofos e escritores anteriores, entretanto, é somente com Kierkegaard e Nietzsche que houve um aprofundamento crucial e diferente do que já havia sido discutido, onde foi possível caracterizar e conceituar de modo mais determinante o que estaria sendo desenvolvido nessa corrente filosófica, uma vez que ao estudar as concepções de existência do ser humano somos expostos a um vasto conteúdo de crenças estabelecidas anteriormente que visavam determinar a existência, que passa a ser questionada. A citação a seguir atesta:

Kierkegaard é conhecido como o pai do existencialismo e Nietzsche é um precursor dos problemas que os existencialistas do século XX vão ocupar-se, a filosofia nietzschiana não é propriamente uma filosofia existencialista, mas as suas intuições e teorias antecedem o existencialismo. “a filosofia da vida (Lebensphilosophie) e a Teoria dos Valores” (WOODWARD, 2016, p. 53) são correntes de pensamentos que estavam preocupadas com problemas particulares da existência humana. Segundo Woodward (2016) “a partir de Jaspers, Nietzsche foi interpretado como um filósofo existencialista e tornou-se - ao lado de Kierkegaard - uma das mais importantes influências do existencialismo do século XX”. Diante disso é possível enfatizarmos que a corrente filosófica existencialista surge com esse nome no século XX, mas as premissas dessa corrente estão no século XIX. O filósofo cristão dinamarquês Søren Kierkegaard foi um dos primeiros a dá destaque a experiências como desespero e temor (Escorcio; Monteiro, 2011, p. 16)

Sendo que essas experiências são vivenciadas pelo homem em sua face mais íntima possível, ou seja, sabemos que o ser humano se desenvolveu em sociedade e, para muitos estudiosos, ele é intrinsecamente um animal político e social, como Aristóteles afirmava desde a Antiguidade. Entretanto, o foco é compreender o ser humano como um indivíduo, só, lançado no mundo e que enfrenta diversos dilemas sociais, econômicos e políticos.

Afinal, o homem foi lançado em um mundo estranho e, até onde temos conhecimento sobre a história, não havia um manual de sobrevivência que fosse capaz de nortear as ações humanas, modos de vida e no que acreditar. Por conta

disso, ele tem passado a maior parte da sua curta existência esquadrinhando tudo o que conhece e até o que não conhece para responder algumas das maiores questões humanas: “O que é existir?”. Ao tentar responder essa pergunta de quatro palavras e doze letras, se abre mais um outro quantitativo de questionamentos que em certas ocasiões parece infindável ao indivíduo.

Ao tratar sobre esse indivíduo, Kierkegaard distinguiu a vida autêntica e vida inautêntica, também, definiu o estágio estético, estágio ético e estágio religioso como forma de explicar a consciência, ações e construções humanas. Sendo que o estágio estético se refere ao plano da sensação, o estágio ético se refere ao plano do estabelecimento de princípios morais e o estágio religioso diz sobre o plano em que a pessoa encontra a si próprio (Escorcio; Monteiro, 2011) só sendo possível a passagem dos estágios a partir de profundas mudanças (Reynolds, 2014).

As mudanças possibilitadas pelos princípios morais e religiosos serão modos desse homem, que é livre, a fugir do desespero que o acomete ao se perceber indivíduo. Inclusive, no pensamento kierkegaardiano há uma relação do homem com o divino como o mantenedor externo de valor, além disso, é o desespero diante da finitude que também explica os temores que acompanham o homem.

Ora, Kierkegaard era um filósofo cristão, e essa relação com o divino estará presente na sua filosofia. Entretanto, o alemão Nietzsche desenvolverá o niilismo e, em seu pensamento, o homem além de livre para se definir e ser, se deparará com a morte de Deus - desde Feuerbach - agora estando sozinho e lançado no mundo, haverá de procurar meios para propor sentido a sua própria vida, a fim de não admitir que não há nada e é esse o grande desvelamento nietzschiano. Ou seja, o niilismo consiste na negação das crenças que serviam como justificativas para a vida humana e se estabeleciam como princípios morais, políticos e religiosos; a negação desses princípios e o entendimento de que não há nada que justifique a vida humana foram, amplamente, discutidos pelos existencialistas.

É na abertura para um novo tipo de pensamento que pensa o indivíduo diante da perplexidade da vida e morte que, os escritores do centro da Europa, no século XX, irão assimilar e construir literaturas com essas temáticas, levando em consideração o desvelamento do homem e a sua finitude. Sendo essa discussão ampliada e a corrente Existencialista solidificada com pensadores como Karl Jaspers, Albert Camus, Sartre, Simone De Beauvoir. Também será difundida na Literatura de Shakespeare, Dostoiévski e outros.

Ao escrever *Existencialismo e o século XX* em 1967, Célia Fonseca colocará como a Literatura difundiu essa forma de pensamento pela sociedade e a popularizou até mais que a própria Filosofia na época, tendo como prerrogativa o sentido de ansiedade e angústia que a sociedade estava compartilhando entre si e puderam encontrar nos romances da época. Complementa a autora sobre o Existencialismo:

De modo geral os grandes escritores franceses do nosso século, sobretudo dos períodos de após-guerra, de maneira menos ou mais intencional, apresentam obras impregnadas não só do pessimismo como da angústia característica da corrente existencialista. Assim é Malraux em *La condition humaine*; Sartre em *La nausée*, *Les mains sales*, *Huis Clos* e outras; Camus em *Caligula*, *L'Etranger*, entre outros; Jean Anouilh com suas *Pièces Noires*, sem falar em alguns outros. Poder-se-á objetar que escritores angustiados sempre existiram. Certo, mas não como característica quase geral, atingindo tão grande número de escritores de primeira grandeza e, ainda, distinguindo-se o fato pela consagração e preferência do público. Evidentemente havendo uma identificação entre público e escritores. (Fonseca, 1967. p. 173)

Ou seja, como fora apresentado anteriormente nesta seção, a identificação com o Existencialismo se dá por ele trazer à tona, em outras palavras, verbalizar temas que atravessavam as pessoas. E, como também já foi posto, esses temas serão suscitados devido o horror vivenciado com as guerras e os temores que abalaram não só os filósofos e escritores, mas a todos. Assim, temos a filosofia existencialista intrínseca ao espaço-tempo em que se solidifica; como salienta Célia Fonseca (1969), era muito difícil os escritores não abordarem tais temáticas.

Pois, o existencialismo surge desejando resgatar o sentido da vida depois da barbárie que foi ocasionada pelas duas Guerras Mundiais, declarando que o homem lançado no mundo seria capaz de enfrentar seus problemas e encontrar soluções por meio da racionalidade e das emoções, para que fosse possível uma vida feliz individual e coletiva, em que não seria necessário utilizar armas e tecnologias científicas para comprovar a superioridade de um povo sobre o outro.

Prosseguindo com essa discussão, apresentaremos sucintamente alguns filósofos e escritores existencialistas do século XX, que dialogaram entre si como forma de deixar explícito a influência dessa corrente filosófica na Literatura. Para tal empreendimento, iremos também utilizar a pesquisa apresentada no texto *Introdução ao Existencialismo: Perspectivas literárias* (2016) da professora universitária Dra. Camila Pereira Lisboa, que o inicia explicando:

O Existencialismo [...] foi uma Filosofia, mas também se traduziu em dramas humanos reais, quer nas trajetórias peculiares de seus autores, quer em suas produções escritas. Estas transpuseram os limites da Filosofia, ampliando suas produções para a literatura, terreno fértil onde puderam encontrar uma

maior correspondência com a vida humana em si, em toda a sua complexidade. Dada a relevância que a produção literária teve no Existencialismo, recupero aqui alguns dos textos clássicos que fizeram parte desse movimento. Incluí outros que são anteriores à filosofia existencial ou cujos autores não se reconhecem como parte dela, mas que ilustram com propriedade alguns dos temas que o Existencialismo analisou. (Lisboa, 2016, p. 255)

Lisboa (2016) explica que o ponto em comum entre esses autores é o fato da tematização da existência humana e a problematização de uma vida que é construída apenas por cada indivíduo. Para se afastarem do academicismo, esses autores enxergam a Literatura como possibilidade de escrita e fala com as pessoas comuns, sobre questões comuns a todos ou a maior parte da sociedade, apresentando um “homem novo” que é o único responsável pela sua própria trajetória (Lisboa, 2016. p. 255).

Partindo disso, a autora nota que desde o Zaratustra, personagem de *Assim Falou Zaratustra* (1883) de Nietzsche, há uma busca ansiosa e incerta do homem pelo seu próprio lar, uma busca que nunca termina e há apenas o desvelamento da própria consciência de si, enquanto ser desamparado, o que pode dar lugar a angústia por não encontrar nem mesmo um Deus – que já está morto - e os existencialistas prosseguiram deixando explícito que não há divino ou sociedade que pode determinar o destino do Ser Humano, seja o salvador ou o destruidor, não há quem possa ser o responsável além do próprio sujeito e essa perspectiva está presente na Literatura de Dostoiévski. A citação a seguir confirma isso:

É desse processo que emerge a dor do encontro consigo mesmo. Dostoiévski sintetiza esse sentimento ao descrever o momento em que o Sr. Golyádkin descobre quem era o grande algoz que o perseguia há dias: “O senhor Golyádkin quis gritar, mas não pôde, quis protestar de algum modo, mas não teve forças. Ficou de cabelos arrepiados e sentou-se, desfalecido de pavor. Aliás, havia razão para isso. O senhor Golyádkin reconheceu por completo seu amigo noturno. O amigo noturno era senão ele mesmo – o próprio senhor Golyádkin, outro senhor Golyádkin, mas absolutamente igual a ele -, era, em suma, aquilo que se chama o seu duplo em todos os sentidos...” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 74). A consciência de existir ocupa um lugar de centralidade na doutrina existencial. (Lisboa, 2016, p.256)

O homem é o único que carrega de fato o peso da sua própria vida, pois ele é o único autor que tem liberdade para escolher e se projetar no mundo. Jean-Paul Sartre explica que o projeto do ser, se refere ao ato do Ser lançado no mundo e se colocar de forma consciente além do próprio presente, em direção ao futuro, é a escolha de definir-se. Sartre explica:

A consequência essencial de nossas observações anteriores é a de que o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros peso do mundo

inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser. Tomamos a palavra 'responsabilidade' em seu sentido corriqueiro de 'consciência' (de) ser auto incontestável de um acontecimento ou objeto. Nesse sentido a responsabilidade do Para-si, já que o Para-si é aquele que se faz ser (..) o Para-si deve assumi-la [responsabilidade] com a consciência orgulhosa de ser o eu autor, pois os piores inconvenientes ou as piores ameaças que prometem atingir minha pessoa só adquirem sentido pelo projeto; e elas aparecem sobre o fundo do comprometimento que eu sou. Portanto, é insensato pensar em queixar-se, pois nada alheio determinou aquilo que sentimos, vivemos ou somos. (Sartre, 2012, p. 678)

É a liberdade que possibilita o Para-si – que é o ser em estado de construção consciente de si, não aceitando nenhuma determinação externa, é aqui que se desvela a transcendência do ser - se constituir diferente do Em-si – que é marcado pela inconsciência, característica comum dos objetos. E, desta liberdade não se pode escapar ou fugir e até o ato de delegar a outro o poder de escolher em seu lugar, constitui em si uma escolha.

O filósofo francês dialoga com a premissa que o homem está condenado a ser livre, uma vez que não foi ele que se criou, ainda assim quando lançado no mundo é responsável por suas ações, impedido de ter um outro para culpar ou responsabilizar. Tal pensamento é explícito pela máxima *a existência precede a essência*, que se refere ao fato de que o ser humano primeiro existe enquanto indivíduo neste momento e após isso ele está propenso a definir-se.

Sendo assim, o filósofo vai contra a ideia cristã de que quando nascemos já estamos determinados, partindo do pressuposto que a Bíblia Sagrada expõe no livro de Jeremias 1:5: “antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses, te consagrei, e te constituí profeta às nações” (Storniolo; Balncin, 2008, p. 1179). A idealização de Deus feita pela sociedade para Sartre faz com que o homem creia que tudo que rodeia sua vida já estava escrito em pedra e é imutável, em contrapartida a essa concepção religiosa ele irá tratar a essência como algo a ser construído a partir de nossas vivências dentro de um corpo social, em que seremos responsáveis tanto por nós mesmo, como pelo outro. Desse modo, iremos nos movimentar no mundo por meio do ser-para-si¹¹, possibilitado pela liberdade. Paulo Perdigão explica:

¹¹ Ser-para-si consciência livre e transcendente, que nega tanto nossa facticidade como os objetos. Como o termo sugere, refere-se a criaturas que são algo para si mesmas, que são autor reflexivas, mas ele não pode ser restrito meramente à consciência reflexiva Ser-em-si pura objetualidade, ou “pura plenitude”, sobre a qual não podemos dizer muito, exceto que é contingente e gratuito. Para Sartre, podemos falar sobre nossa facticidade e descrevê-la, mas não podemos falar do objeto como ele é em-si-mesmo: ou seja, enquanto está fora de certos modos humanos de entender e compreender esse objeto (Reynolds, 2014, p. 90-91)

A liberdade desponta já na origem do Para-Si. Ao escapar ao Ser, recuando diante dele, o Para-Si expressa essa liberdade, porque, não fosse livre, permaneceria encarcerado no Ser. É a liberdade que lhe possibilita nadificar o Ser e temporalizar-se, fugindo do passado e lançando-se em projeto aos possíveis futuros. A liberdade constitui, pois, a razão mesmo da existência do Para-Si, algo que se confunde com o próprio modo de existir da realidade humana. Não se trata de um privilégio eventual, de uma propriedade a conquistar. Nem se confunde com vontade, decisão consciente, deliberação racional [...] para ele, se toda a natureza é regida pelo determinismo, ao homem, e só a este, cabe o reino da liberdade. (Perdigão, 1995, p. 86)

Seria essa liberdade um elemento puramente abstrato? De forma alguma, a liberdade está de acordo com mundo em que a consciência está inserida, ou seja, é situada, daí vem o conceito de *liberdade situada* trabalhada por Sartre. A autora Camila Pereira Lisboa, mostra como esse tema também está presente na obra de Dostoiévski na representação de quando Jesus é tentado no deserto, diz:

Ninguém além do próprio homem é o responsável por traçar as próprias linhas da sua história. Vejamos uma narrativa de Dostoiévski a respeito da liberdade e da angústia que faz com que queiramos abrir mão dessa liberdade. Nesse interessante trecho de Os Irmãos Karamázov, um dos personagens narra como teria sido o discurso que Jesus ouvira em meio às tentações que sofreu no deserto: 'Desejas ir ao mundo e vais de mãos vazias, com uma promessa de liberdade que, em sua simplicidade e em seu caos inatos, eles não podem nem mesmo compreender; Tua promessa lhes provoca medo, e eles a temem, pois nada nunca foi mais insuportável para o homem e para a sociedade humana do que a liberdade!' (...) Vê o que fizeste, em nome da liberdade! Digo e repito: para o homem, não há preocupação maior além de encontrar, o mais cedo possível, a quem ceder esse dom da liberdade que o infeliz carrega ao nascer. Mas, para dispor da liberdade dos homens, é preciso dar-lhes uma consciência serena. O pão é indiscutível: o homem se inclina diante de quem lhe dá o pão; mas se outro, se não Tu, se apossasse da consciência humana, ah, então o homem abandonaria até mesmo o Teu pão, para seguir quem lhe cativasse a consciência. Mas em certo sentido estavas certo: o segredo da existência humana está não apenas em viver, mas também em encontrar um sentido para viver. Sem uma ideia clara do motivo da existência, o homem prefere renunciar à vida, mesmo cercado por montes de pães, prefere destruir-se a permanecer na terra. É assim mesmo, mas eis o que aconteceu: em vez de apossar-se da liberdade humana, tu resolveste ampliá-la? Tu Te esqueceste de que o homem prefere a paz, até mesmo a morte, à liberdade de distinguir entre o bem e o mal? Para o homem, não há nada mais atraente do que o livre-arbítrio, mas tampouco existe algo mais doloroso'. (Lisboa, 2016, p.258-259)

Isto posto, é possível identificar a angústia do homem, suscitada pela liberdade e a responsabilidade de arcar com o peso da consciência da sua própria vida. Em Sartre a responsabilidade também é tema, tendo em vista que tudo que o homem faz nesse mundo há um impacto e ser ciente disso, é ser responsável. E isto nos faz, inclusive arcar com uma série de atividades que às vezes, podem até nos sufocar, o que é evidente em Gregor Samsa, personagem da *Metamorfose* (1915) de Frank Kafka, a citação a seguir mostra:

Acompanhemos um dos exemplos mais belos da literatura a esse respeito, quando Gregor Samsa tem a sua rotina interrompida por uma estranha sensação que lhe assola ao acordar. Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. 'Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, quando levantou um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido em segmentos arqueados, sobre o qual a coberta, prestes a deslizar de vez, apenas se mantinha com dificuldade. Suas muitas pernas, lamentavelmente finas em comparação com o volume do resto de seu corpo, vibravam desamparadas ante seus olhos.' Recai-lhe o peso de uma existência marcada pelas obrigações com o trabalho e a família. Sua única possibilidade de existir diante de tudo isso ocorre através da metáfora da transformação no 'inseto monstruoso', disfuncional para o trabalho e para a vida social como um todo. O Sr. Samsa gradualmente adapta-se a sua forma de existir, inclusive descobrindo habilidades antes desconhecidas. Entretanto, não lhe compreendem, ignoram que ainda tenha sentimentos, repudiam-lhe um modo de viver tão peculiar. Aos olhos dos outros, ele não era mais um humano, e sim um ser descartável que se conserva por hábito, desejando-lhe a morte. Essas são as consequências possíveis da busca por um modo de existir próprio, nem sempre legitimado pelas outras pessoas. (Lisboa, 2016, p. 263)

Ainda assim, o Sr. Samsa mantém um existir e com consciência desse existir. Não só Sartre, mas outros existencialistas vão tematizar sobre esse peso da vida e sobre como a rotina construída pelos seres humanos não alivia esse sentimento de angústia, pelo contrário, muitas vezes todo esse sistema social criado para proporcionar significado à vida humana, fadiga muito mais e nem é possível encontrar nele o sentido de viver, que é dinâmico, complexo e com muitas nuances. Ao observar o Giovanni Drogo, personagem do romance *O Deserto dos Tártaros* (1940) de Dino Buzzati, a pesquisadora Lisboa vai destacar a relação do homem com o cotidiano dessa vida social, diz:

Imerso na rotina que o consumia lentamente, depois de um tempo Drogo percebe que não consegue mais deixar o Forte Bastiani. Não que gostasse da vida que tinha ali, mas tudo lhe era familiar e costumeiro. Enquanto jovem, imaginava ficar poucos meses na fronteira, até conseguir sua transferência. Porém esses poucos meses foram suficientes para lhe incitar o desejo de prolongar a sua estadia, sem perceber que não conseguiria deixar o Forte jamais. Já não se adaptava em lugar algum e, mesmo o que lhe incomodava na vida do Forte, já lhe era bem conhecido. Deixar o conforto da rotina lhe seria doloroso, embora não percebesse a dor que a própria rotina o sufocava. [...] No Existencialismo, o tédio é resultado da constatação natural do homem a respeito da inalterabilidade dos seus dias. A alienação sobre as possibilidades de escolha que estão sempre à disposição ocasionam o tédio existencial. (Lisboa, 2016, p.265)

A autora irá prosseguir explicando que o tédio existencial pode levar à angústia e desespero diante da limitação e do rotineiro que parece caminhar para uma vida monótona, anônima, na qual o homem se depara com a mesmice do dia a dia. No entanto, ela chama a atenção para o fato de que ao retomar a consciência de si, ou seja, quando o Para-si entrar em ação, o indivíduo perceberá que a vida é constante

movimento, que cada escolha e atitude gera movimento, mesmo que este seja limitado pelo tempo, espaço ou outro. Nesse sentido, o próprio indivíduo se não se atentar ao movimento do viver que é singular a cada um, pode acabar se conduzindo a pior das mortes, que é a morte existencial, por não ver possibilidades de se potencializar enquanto ser humano neste mundo. (Lisboa, 2016).

Se é a vida é difícil de encarar mais ainda é a morte que também é uma temática na Filosofia e Literatura existencialistas, o fim da vida resulta no homem os mais diversos tipos de sentimentos e temores, inclusive os textos de Tolstói mostra a angústia do homem diante da morte. A citação a seguir mostra:

Vejamos alguns trechos de uma das obras em que a morte aparece como o personagem principal. 'Ele então ia para seus aposentos, deitava-se e outra vez ficava a sós com ela. Cara a cara com ela. E não havia nada que ele pudesse fazer com ela, a não ser olhar e estremecer.' É no encontro de Ivan Ilitch com a morte que Tolstói descreve a angústia de um aristocrata que revisita a sua vida, concluindo pelo vazio da sua existência. É nesse processo que, finalmente, o personagem encontra a si mesmo. (Lisboa, 2016, p.260)

Do homem mais pobre ao mais rico, não há quem não a tema ou se sinta angustiado diante da certeza da morte, o que inclusive, influência nas escolhas realizadas pelas pessoas em busca de um valor a existência ao ficar de frente com o nada, Escorcio e Monteiro (2011) observam que o absurdismo desenvolvido pelo filósofo Albert Camus tem raízes nesse pensamento niilista de Nietzsche que afirma o Nada, não como algo que existe, mas justamente para se referir que não há nada que justifique a vida, ou seja, não há esse valor externo que os homens tanto buscam – algo que já foi mencionado aqui anteriormente - destacam os autores:

O absurdo é então consequência do niilismo diagnosticado por Nietzsche, a falta de sentido da vida e a ausência de valor no mundo. [...] Camus percebe assim como os pensadores existencialistas parte da investigação sobre a ausência de propósito ou sentido da vida, mas ele vai além inaugurando um pensamento próprio o absurdismo, pois o homem além de ter consciência da ausência de sentido, ele está em confronto com o Eu e o mundo, e possui um desejo incansável por sentido, não há uma separação entre o homem e o mundo, mas um choque. (Escorcio; Monteiro, 2011, p. 22)

Entretanto, Albert Camus irá se distanciar do niilismo nietzschiano por considerar que ele apontava para um suicídio filosófico. E, o absurdismo de Camus irá se referir “a brecha entre o que os entes humanos esperam da vida e o que de fato encontram.” (Reynolds, 2014. p.31). Pois, os homens estão esperando encontrar a paz, a tranquilidade, a estabilidade e o conforto, o que não acontece e nunca se chega a esse estado tão desejado, em vez de simplesmente desistir da vida, Camus aponta

para o ato de “baixar expectativas” e compreender como a vida de fato é, tarefa que pode ser realizada pelo exercício do filosofar.

Outro filósofo existencialista que influenciou a Literatura do século XX foi o Karl Jaspers que Escorcio e Monteiro (2011) ainda apontaram em seu estudo, informam:

Karl Jaspers é um existencialista cristão, sua reflexão filosófica não fundamenta nenhuma teoria, para ele o ato de filosofar é uma atitude própria da existência. O indivíduo é o responsável por procurar as respostas para as suas inquietações e essas partem do concreto da existência. “A meta, a tarefa primária da Filosofia será, então, esclarecer a existência daquele que coloca as questões filosóficas” (GILES, 1989, p. 220). Sendo assim a investigação de Jaspers parte da própria existência do ser, o indivíduo inicia suas investigações com inquietações pessoais. (Escorcio; Monteiro, 2011, 21)

Apesar da inclinação filosófica do Existencialismo e esta oferecer um terreno fértil para a discussão, como já ressaltamos, repetimos novamente: a Literatura teve papel crucial para a disseminação do pensamento existencialista, tendo o filósofo Jean Paul Sartre como um dos mais influentes, isto porque o contexto pós-guerra – que também já foi exposto aqui – será crucial para a identificação popular com esta corrente filosófica. Tal compreensão é atestada pela pesquisadora Célia Fonseca (1967), diz a autora: “E ainda mais: a voga e maior renome alcançado por Sartre, sobretudo como o filósofo do existencialismo, foi justamente depois da II Guerra Mundial, época em que se consagraram alguns dos nomes citados. (Fonseca, 1969. p. 173)”.

Sartre, que além dos temas já mencionados aqui, tem como célebre a máxima de que *a existência precede a essência*, afirmando que o Ser primeiro existe, é lançado neste mundo enquanto ser humano no meio de outros, mas com próprio corpo e mente, ou seja, indivíduo, e somente após isso é que irá se constituir, definir-se como essência, identidade e na alteridade. Citamos o autor:

Dostoiévski escreveu: “Se Deus não existisse, tudo seria permitido”. Eis o ponto de partida do existencialismo. De fato, tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dela nada a que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. (Sartre, 1970, p. 17).

Jack Reynolds traz no seu livro *Existencialismo* (2014) uma explicação relativamente simples, dada pelo próprio Sartre que afirma que o existencialismo nada mais é que a máxima: “que a existência do ente humano precede sua essência”. Isso significa que os entes humanos não possuem alma, natureza, essência ou eu que os

determinem como são. De acordo com tal máxima, nós simplesmente existimos sem nenhuma restrição deliberativa e somente mais tarde que conferimos uma essência a nossa existência. (Silva, 2014)

Para exemplificar essa máxima, Jean-Paul Sartre em o *Existencialismo é um Humanismo* (1946) apresenta o exemplo do carta-papel, isto é, um objeto que já possui uma “essência” pré-definida para explicar de forma mais pragmática um dos principais conceitos do existencialismo. Cito o filósofo francês:

Consideramos um objeto fabricado, como por exemplo, um livro ou um corta-papel: tal objeto fabricado por um artífice que se inspirou de um corta-papel é ao mesmo tempo um objeto que se produz de uma certa maneira e que, por outro lado, tem uma utilidade definida, e não é possível imaginar um homem que produzisse um corta-papel sem saber para que há de servir tal objeto. Diremos, pois, que, para cada corta-papel, a essência – quer dizer, o conjunto de receita e de características que permitem produzi-lo e defini-lo – precede a existência; e assim a presença, frente a mim, de tal corta-papel está bem determinada. Temos, pois uma visão técnica. (Sartre, 2012, p. 18)

Sartre, desenvolverá um existencialismo ateu e para ele se não estamos presos a nenhuma essência pré-definida, somos livres para sermos o que desejarmos, ao menos dentro de um mundo intersubjetivo. A filosofia da liberdade é possível de ser identificada em sua totalidade em o *Ser e o nada*, sendo ela uma das maiores e longínquas contribuições do filósofo à história da filosofia. Para ele:

A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível; a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo chamamos de liberdade não pode se diferenciar do ser da “realidade humana”. O homem não é primeiro para ser livre depois; não há diferença entre o ser do homem e seu “ser-livre”. (Sartre, 2015, p. 68).

Nesse sentido, Franklin Leopoldo e Silva, em seu livro *Sartre e o Humanismo* (2019), destaca essa aproximação do homem com a liberdade e com esse distanciamento do determinismo, em busca de uma construção humana verdadeiramente autêntica. Contudo o que Sartre quer dizer é somente que somos livres para viver, agir e pensar, sem interferências de destino, ou seja, mesmo que quiséssemos abdicar da liberdade isso não seria possível, dado que não é algo a ser obtido ou perdido, ela faz parte do ente humano.

Essa difícil liberdade do homem foi confundida incontáveis vezes com um niilismo, porque acabou transformando-se em uma indeterminação, já que dentro da indeterminação existe uma ausência de valores determinados previamente. Contudo, Sartre entende que a liberdade radical ou absoluta só é compatível com uma inversão de valores, sendo que se torna tão urgente o exercício da liberdade que o homem passa a inventar continuamente o homem. Destarte, essa responsabilidade de tomar

as próprias decisões permeado de incertezas e se constituindo como sujeito a partir delas acaba por se tornar uma atividade ética singular. Citamos o comentador Franklin Leopoldo e Silva (2019):

A identificação da subjetividade com a liberdade nesse grau de radicalidade traz como consequência outro elemento importante nessa vinculação entre ontologia e ética: a responsabilidade. Com efeito, a escolha absolutamente livre que cada sujeito tem que fazer por si mesmo não é solidária de um subjetivismo extremo, como poderia parecer. A condição humana supõe o desamparo, consequência da liberdade radical e originária. Confundir essa solidão e esse desamparo com subjetivismo seria reduzir a descrição ontológica da subjetividade (e suas implicações éticas). (Silva, 2019, p. 26-27).

Sendo assim, segundo Sartre o homem não é "Ser-em-si", ele é "Ser-para-si" – em outras palavras ele está em movimento, buscando possibilidades – que, a rigor, não é nada, pois se a consciência não tem conteúdo, não é nada. Entretanto, esse espaço vazio é justamente a liberdade fundamental do "para-si", que, transitando através das possibilidades, torna-se capaz de elaborar um conteúdo. Vejamos assim, se o homem, ao experimentar a liberdade, e ao sentir-se como um vazio e viver a *angústia* da escolha, muitas pessoas não suportam essa angústia, fogem dela, aninhando-se na má fé¹².

A angústia que é experimentada pelos homens lhes causa sofrimento e, a custa disso, em determinadas ocasiões buscam não serem responsáveis pelos caminhos que a sua vida é trilhada, criando, assim, seres místicos, onipotentes e celestiais que determinam por eles. Contudo, a angústia é parte dessa liberdade, assim como não podemos ser privados da liberdade, não há escapatórias para as possibilidades de escolha que somente o ser dotado de liberdade pode vir a tomar. Reynolds atesta o que foi dito:

A angústia, portanto, pressupõe o reconhecimento da liberdade, assim como a consciência de nossa própria responsabilidade por nossos procedimentos. É a consciência de que nada externo pode nos compelir a ser ou fazer coisa alguma (BN: 31-32), e, conseqüentemente, que as falhas e sucessos de nossas vidas dependem somente de nós mesmos. (Reynolds, 2014, p. 114).

Em síntese – como já foi expresso anteriormente - estar angustiado é tão somente a tomada de consciência de estarmos lançados no mundo, desamparados,

¹² A má fé é a atitude característica do homem que finge escolher, sem na verdade escolher. É a negação de nossa liberdade (transcendência) e de nossa facticidade, ou a falha em coordená-las. Se rejeitarmos um ou outro desses aspectos de nós mesmos, estaremos de má-fé, porque estaremos nos recusando a reconhecer o que é ser humano. (Reynolds, 2014, p.134)

com responsabilidades e não há divindades ou seres superiores para pedir auxílio ou socorro, destinados a dar um propósito para si, que nem um outro ser seria capaz de fazê-lo. Ao mesmo tempo, não estamos sozinhos no mundo – no sentido de que há outras pessoas nesse espaço-tempo em que vivemos –, desse modo, estamos também à mercê das escolhas de outros dentro de uma situação, porque apesar de sermos livres, o outro também o é.

Assim, é preciso compreender que o existencialista entende que não se escolhe pelo outro, cada um é livre e responsável por si, mas também, admite que a ação que o sujeito toma interfere na vida do outro. Ou seja, não podemos determinar como a situação irá transcorrer ou ter fim por todos e para todos, mesmo que nossas ações tenham impacto mútuo. Citamos o filósofo:

O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade. (Sartre, 1970, p. 13).

Com o objetivo de exemplificar – apesar de ser considerado extremo – em uma situação real como se daria esse sentimento de angústia, Sartre apresenta o seguinte caso: há uma pessoa caminhando à beira de um precipício em um vasto penhasco. Para Sartre, existem duas possíveis situações: podemos ter medo de cair, de um desmoronamento e, dessa forma, de nos precipitarmos para a morte – neste caso temos medo¹³ dos danos externos nos atingirem –; ou podemos experimentar a angústia com a possibilidade de pular no abismo, temerosos, ou seja, da nossa própria liberdade absoluta frente a uma situação – esta seria a angústia diante do que nós mesmo podemos fazer, a incerteza da resposta que podemos dar quando estamos frente a uma situação.

Nesta perspectiva, a angústia associada a responsabilidade pode ser muito inibidora, é olhar na face do abismo e decidir quais decisões tomar e para Sartre ainda que não levássemos em consideração a responsabilidade para com a humanidade, nenhum indivíduo teria controle absoluto pelas situações que o envolvem.

¹³ A angústia necessita ser distinguida do medo. O medo é uma apreensão irreflexiva sobre a possibilidade de que alguma coisa no mundo (e fora de nós) possa nos prejudicar; a angústia envolve uma apreensão reflexiva sobre o eu e nossa liberdade para responder a uma situação externa de vários modos diferentes. (Reynolds, 2014, p. 131-134)

Assim, o Existencialismo sartreano oferece uma gama de conceitos para refletir sobre a existência humana e os dilemas que perpassam os indivíduos neste mundo. Todavia, para além de pensar sobre o indivíduo em geral, Sartre também irá refletir sobre o ofício do escritor e desenvolverá textos literários em formas de romances, peças de teatros entre outros. É na amplitude dessa discussão que iremos dialogar com a escritora Clarice Lispector, a fim de compreender como esses conceitos aparecem em sua obra, e por fim, mostrar que apesar do Existencialismo, Sartre irá se aproximar de Lispector ao colocar a situação do escritor como solitária.

Então, caminhando para o encerramento desse subtópico, passaremos ao próximo que irá apresentar o pensamento dos autores no que se refere a Literatura.

2.2 A vida do escritor e o papel da Literatura: Sartre e Clarice

Este subtópico do trabalho visa apresentar a importância da análise filosófica e literária de Sartre e de Clarice Lispector, destacando a relevância de ambos na história da Filosofia e da Literatura. Todavia, é imprescindível informar que factualmente Clarice e Sartre não se encontraram, assim reiteramos que temos aqui a pretensão de realizar um diálogo teórico entre o pensamento sartreano e a literatura lispectoriana, sobretudo ao que tange a situação do escritor.

Entretanto, antes de apresentarmos esse diálogo vamos primeiramente fazer um panorama geral da relação do Sartre com a escrita e a sua perspectiva de uma Literatura engajada. Em seguida, analisaremos a produção literária de Clarice Lispector e definir o papel da Literatura segundo a autora. Assim, este subtópico irá caracterizar o pensamento dos referidos autores sobre a Literatura de modo isolado – sendo que o encontro teórico entre eles só será apresentado no capítulo seguinte, após os devidos delineamentos que estão sendo construídos nesse capítulo.

2.2.1 Sartre: Eu existo porque escrevo

Este subtópico apresenta a relação que Jean-Paul Sartre detinha com a Literatura e de que maneira isso refletiu na sua vida e obra. Para isso utilizaremos como fonte principal a sua autobiografia intitulada *As Palavras*, que foi publicada em 1963 e onde ele narra a sua infância dos quatro aos onze anos de idade, mostrando a sua relação com o mundo da escrita.

Mas, é importante ressaltar que, desde o início, o filósofo enxergava a escrita como fuga da realidade, um escape das obrigações, das dores e, principalmente,

encontrava nela a sensação de estar no controle do que viria a ser – algo que não é passível de termos no mundo real – o poder de definir como começa e como termina uma história.

Sartre (1963) chama essa fuga de *Felicidade Clandestina*¹⁴ em certo momento em sua autobiografia, pois era algo somente seu e que ninguém – até ser descoberto – poderia ditar o que significava ou para que serviria, por isso era clandestino, estava sendo feito às escondidas, sem a vistoria de “pessoas grandes”, termo que usou para se referir aos adultos de sua vida.

A “Felicidade Clandestina” também foi um termo utilizado pela escritora Clarice Lispector para relatar a respeito de um sentimento/sensação a qual não pertencia a ninguém, somente a ela, e, assim como Sartre, tratou de referência ao prazer da leitura e da escrita.

Ora, a Literatura é uma área do conhecimento que fala a respeito do mundo, dos sentimentos e da origem das coisas, sem que haja uma fórmula conceitual já pré-estabelecida pela humanidade, ela acaba por não se basear no que já é conhecido para dizer o que precisa, por conta desse desapego com as regras - do que existe ou não na realidade conhecida –, ela pode vir a questionar ou mesmo destruir o mundo ou a sociedade que criamos, provavelmente, essa possível destruição pauta os principais motivos que levam a regimes autoritários e ditatoriais a impedir a leitura e a escrita quando tomam o poder de seus países. Há sempre um medo por parte de tais governos do que podem ocasionar os movimentos filosóficos, assim como a arte, a música, a cultura, entre outros.

Temos, por exemplo, a peça teatral *As Moscas* (1943), de Sartre, que explora as críticas aos regimes totalitários e fascistas, colocando a metáfora a respeito das moscas, as quais seriam os alemães que estão invadindo a França. Sendo esse um pequeno exemplo, vemos como a Literatura pode proporcionar a representação do mundo de diversas óticas para o filósofo francês, ela precisa comunicar algo importante a respeito do mundo, em uma tentativa de mudá-lo de algum modo – sempre para o melhor se assim for possível.

¹⁴ Felicidade Clandestina além de ter sido o termo utilizado por Sartre para falar da escrita, é também o nome de uma das obras mais famosas de Clarice Lispector que também trataremos nesta dissertação, por isso escolhemos para o nome do capítulo que faz uma análise de Sartre essa pequena ligação já com a literatura que será citada mais adiante.

O filósofo Jean-Paul Charles Aymard Sartre nasceu em 21 de junho de 1905 e faleceu em 15 de abril de 1980, em Paris. Durante seu tempo de vida, acreditava que o homem tinha por responsabilidade agregar algo à sociedade, principalmente, se este tinha conhecimento dos males que estavam prejudicando não somente a si, mas também ao outro.

Foi um dos filósofos precursores do Existencialismo, escritor e crítico francês, dedicou sua vida e obra às causas sociais e defendia que a função do escritor é se engajar com os problemas de seu tempo. Citamos o comentador István Mészáros que faz uma análise importante a respeito do posicionamento do filósofo francês:

Sartre foi um homem que sempre pregou exatamente o oposto: há uma alternativa, deve haver uma alternativa; como indivíduos, devemos nos rebelar contra esse poder, esse monstruoso poder do capital. Os marxistas, de modo geral, não conseguiram dar voz a isso. Não digo que, para admiti-lo, seja, portanto, necessário tornar-se um existencialista, mas não há ninguém nos últimos cinquenta anos de filosofia e literatura que tenha tentado martelar isto com tanta pertinácia e determinação quanto Sartre: a necessidade de que tem de haver uma rebelião contra o saber do "não há alternativa" e deve haver uma participação individual nela. (Mészáros, 2012, p,11).

Em vista disso, Sartre não acreditava que não havia soluções para o que estávamos experimentando como sociedade, defendendo esse ideal até o fim de sua vida, acreditando fielmente que, ao nos entendermos como seres existentes no mundo, temos responsabilidades sobre nós, assim como pelo outro, é certo que tais conjecturas não foram moldadas a partir do nada, mas, sim, da sua construção como ser no mundo, como poderemos examinar no decorrer deste subtópico.

A vida no mundo das letras para o filósofo francês se iniciou muito cedo, ele conseguia compreender as palavras desde muito jovem e se conectava e desligava do mundo das “pessoas grandes” por conta delas, encontrava nelas e nos livros uma fuga da realidade que para ele não era aprazível.

Na sua autobiografia *As Palavras*¹⁵ (1963), Sartre conta da sua vida e como foi crescer na companhia de sua mãe e de seu avô. Todavia, sua autobiografia vai muito além de relatar como foi a infância do pequeno Jean-Paul Sartre, ele narra de forma muito natural de onde veio o gosto pela escrita, como surgiu esse desejo, os motivos

¹⁵ Obra autobiográfica de Jean-Paul Sartre que conta a respeito de parte de sua vida dos quatro aos onze anos de idade, o livro é dividido em duas partes que relatam como foi crescer com sua mãe e avô e a respeito do momento que passa a perceber a importância que os livros e histórias estavam surtindo no seu desenvolvimento como alguém que reconhece sua existência.

e os porquês desse fascínio pelo mundo das letras. Em compensação ao enxergar esse seu eu, ele também acaba passando pelas pressões externas – familiares – de se definir e tomar como verdade imediata sua vocação, que, para uma criança, ainda brincando com a imaginação era assustador.

Assim, o Sartre (1967) via nessa constante linha de comunicar-se com o real/irreal, entre a realidade e a sua imaginação, a forma mais eficaz de participar e estar inserido nessa armadilha infinita de possibilidades e deixar a sua própria ideia ganhar vida por meio da linguagem, que por sua vez, o possibilitou descobrir o mundo. A citação a seguir ratifica o que foi mencionado:

Disse-o mais acima; por ter descoberto o mundo através da linguagem, tomei durante muito tempo a linguagem pelo mundo. Existir era possuir uma marca registrada, alguma parte nas Tábuas infinitas do Verbo; escrever era gravar nelas seres novos – foi a minha mais tenaz ilusão - colher as coisas, vivas, na armadilha das frases: se eu combinava engenhosamente as palavras, o objeto enleava-se nos signos, eu o apanhava. (Sartre, 1967, p. 116).

A descoberta do seu eu escritor o faz entender que ele só existia porque escrevia, e para Sartre, quando compreende a si mesmo, se vê com clareza no “palácio de espelhos”, onde um dia viu uma criança entrar em busca de se enxergar e, finalmente, reencontrar-se. A fala de Sartre em *As Palavras* demonstra como foi a descoberta da simbiose entre quem ele era e quem viria a se tornar:

Começava a descobrir-me. Eu não era quase nada, quando muito uma atividade sem conteúdo, mas não era preciso mais. Eu escapava à comédia: não trabalhava ainda, porém não brincava mais, o mentiroso encontrava sua verdade na elaboração de suas mentiras. Nasci da escritura: antes dela, havia tão-somente um jogo de espelhos, desde o meu primeiro romance, soube que uma criança se introduzira no palácio dos espelhos. Escrevendo, eu existia, escapava aos adultos: mas eu só existia para escrever, e se dizia eu, isso significava: eu que escrevo. Não importa: conhecia a *felicidade*; a criança pública marcou consigo mesma encontros privados. (Sartre, 2018, p. 92).

Mesmo sendo muito novo, Sartre entendia a escrita como uma atividade prazerosa, que tinha um papel importante e não era algo para falar meras platitudes do dia a dia ou um ofício que se realizava por obrigação. Era quase como se projetar para fora de uma casca, escrever se tornou um modo de dar asas aos pensamentos tão acelerados e inconstantes, por isso ele abdicava do mundo real e se colocava em uma conversa solitária consigo mesmo, na escrita ele consumia a si mesmo incansavelmente e satisfatoriamente. Podemos confirmar o que foi mencionado por meio da citação a seguir:

Nossos visitantes despediam-se, eu ficava só, evadia-me deste cemitério banal, ia juntar-me à vida, à loucura nos livros. Bastava-me abrir um deles para redescobrir esse pensamento inumano, inquieto, cujas pompas e trevas ultrapassavam meu entendimento, que saltava de uma ideia a outra, tão depressa que eu largava a presa cem vezes por página, deixando-a escapular, aturdido, perdido. Eu assistia a acontecimentos que meu avô julgaria certamente inverossímeis e que, não obstante, possuíam a deslumbrante verdade das coisas escritas. (Sartre, 1967, 33).

Para Sartre (1947) a escrita deveria ser uma fuga engajada em encontro a si mesmo, em um sentido responsável de falar algo, provavelmente, uma tentativa frustrada de abandonar, mesmo que por instantes, a complexa realidade. Em contrapartida, no momento que seu dom foi reconhecido pelos mais velhos, ele começa a sentir uma pressão a respeito do que se tornaria, a simples ideia de liberdade¹⁶ acaba se esvaindo com a expectativa de outros, “você é escritor”, é uma afirmativa forte para uma criança que ainda estava imaginando seus contos maravilhosos e buscando aceitar a si mesmo, infelizmente, “era bonito demais para durar; eu continuaria sincero, se houvesse permanecido na *clandestinidade*; arrancaram-me dela”. (Sartre, 1967, 97).

Não obstante, que até chegar a compreender quem era e o que de fato procurava com a escrita e concluir o *eu existo, porque escrevo* um universo de pensamentos povoa a sua cabeça acerca do que seria de fato existir e como se colocaria no mundo depois que consumasse esses pensamentos. A criança Sartre não estava em busca de ser reconhecida como um escritor jovem e extraordinário, buscava tão somente o direito de desejar ter sua liberdade dentro das palavras, sem ser cerceado por expectativas externas e que em nada tinham intenção de respeitá-lo.

“O mundo me utilizava para fazer-se palavra” (Sartre, 2018, p. 126), era assim que o filósofo francês começava o seu processo de escrita, entendendo que o universo que ele iria criar dependia somente dele, da sua imaginação e tudo que ocorreria seria uma consequência das suas ideias. Nesse cenário, para Sartre tudo dependia de como iria progredir com o enredo da sua mente. O escritor Jean-Paul Sartre irá ilustrar seu processo de criação a seguir:

Novas e totalmente escritas, certas frases se reformavam em minha cabeça com a implacável segurança que a gente atribui à inspiração. Eu as

¹⁶ Uma vez que o próprio Sartre acreditava que “escrever é uma certa maneira de desejar a liberdade.” (SARTRE, 1989, p. 53)

transcrevia, elas assumiam a meus olhos a densidade das coisas. Se o autor inspirado, como se crê comumente, é outro que não ele mesmo no íntimo de si próprio, conheci a inspiração entre os sete e os oito anos. (Sartre, 1967, p. 89-90).

Na medida que o escritor se sente em muitas ocasiões ao segurar a pena como um ser onipotente que tem o poder de definir tudo, destruir e reconstruir ao seu bel-prazer, se tem o sentimento de liberdade de encontrar um poder e o ter dependente das suas próprias vontades. À vista disso, ao transcrever as palavras que assumiam a mente do filósofo o imaginário ganhava mais significado e realidade, a densidade da coisa apontada por Sartre corrobora para a concepção de que seria real para ele a criação desse mundo privado.

Convém ressaltar que compreendemos por inspiração é o desejo de colocar no mundo algo que pede expressão, é o autor em contato com as suas musas, que afiam seus bisturis, andam na chuva e têm as palavras roubadas, é justamente a liberdade que a palavra tem de não pertencer e ir tornando-se algo. A citação a seguir ratifica o que foi exposto:

A coisa começava por uma parolice anônima em minha cabeça: alguém dizia: “Eu ando, eu me sento, eu bebo um copo d’água, eu como uma pralina. Eu repetia em voz alta este perpétuo comentário: “Eu ando, mamãe, eu bebo um copo ditava a outra d’água, eu me sento.” Julguei possuir duas vozes, uma das quais mal me pertencia e não dependia de minha vontade. (Sartre, 2018, p 126).

As vozes que Sartre possuía permitiam que pudesse trazer à tona as realidades que descansavam no seu inconsciente, a espera pelas palavras corretas, a testa franzida, o olhar alucinado para a folha em branco, com aquela sensação de ideia à espreita pronta para se manifestar como coisa, era como se sentia escritor.

Apesar de que a tarefa de escrever lhe trouxesse conforto e refúgio, como muitos escritores, o filósofo sentiu a solidão da escrita, o peso de uma vocação desde muito novo, escrever muitas vezes é se ausentar do mundo para poder compreendê-lo em uma perspectiva ampla e perspicaz, observando uma sociedade mais real possível, quando tiramos as variáveis do desejo de intervenção.

Nesse sentido, é fundamental apontar que para o filósofo francês o escritor deve estar engajado¹⁷ com os problemas existentes e não os ignorar esperando que

¹⁷ O engajamento na filosofia sartreana é, como também são outros conceitos, ambíguo: é uma estrutura ontológica que mantém unida a liberdade humana com si própria no âmbito do projeto e da ação concreta do Para-si. Além disso, o termo engajamento possui características que ultrapassam o

não cheguem até ele e aos outros suas consequências, isso quer dizer que não podemos escrever por escrever, como se não existisse uma razão ou uma necessidade, se engajar é saber que é necessário, que não deveria haver palavras expostas ao vento sem propósito.

Sartre discursava pelos meios acadêmicos e ficcionais de maneira ímpar, sendo talentoso em ambas as vertentes de escrita, uma vez que tanto a Filosofia quanto a Literatura são partes do projeto de compreensão da condição humana sartreana. Ao notarmos isso, é necessário também desenvolver o conceito de *Literatura Engajada* que é fundamental para a análise do tema apontado nessa pesquisa.

2.2.2 Literatura Engajada

O filósofo francês Jean-Paul Sartre não estava sozinho quando o assunto era Literatura¹⁸, sendo este um objeto muito aclamado pela comunidade acadêmica, contudo no período Contemporâneo talvez tenha sido o único a propor uma análise mais profunda do que seria a Literatura e qual a sua relação com a sociedade. Por conta dessa inquietação escreveu o livro *Que é Literatura?* (1948), em um período pós-guerra onde a Europa ainda estava buscando se reerguer das destruições causadas pelo nazismo e fascismo, com uma sociedade esfacelada e tentando compreender o que havia perdido e o que ainda detinha.

Dentro desse panorama caótico entre os questionamentos sociais latentes estavam os valores morais e a ética, que são responsáveis pelas ações e comportamentos que a humanidade se apoia, é justamente nesse momento de dúvidas a respeito do futuro que Sartre, como escritor e filósofo, abordará o conceito de *Literatura Engajada*, uma vez que para ele a Literatura é um veículo para a liberdade e responsabilidade individual.

âmbito estrutural e que se afirmam como um valor moral, uma escolha, uma tomada de consciência e, como consequência, assunção autêntica da realidade humana. (HILGERT, 2011, p. 290)

¹⁸ Primitivamente, o vocábulo designava o ensino do alfabeto ou das primeiras letras, ou do que hoje em dia seria a gramática ou filologia. Com o tempo, passou a significar “arte das belas letras” e, por fim, “arte literária”. Até meados do século XVIII, preferiu-se o termo “poesia”, ao qual se atribuía sentido solene e elevado. Uma narrativa, como *Telêmaco* (1699), de Fénelon, era considerada “poema sem versos”, ou “poema em prosa”. A “invenção da Literatura” deu-se a seguir. Somente a partir do século XIX é que a palavra “literatura” entrou a ser empregada para definir uma atividade que, além de incluir os textos poéticos e os prosísticos, abrangia todas as expressões escritas, mesmo as científicas e as filosóficas. (Reiss 1992: 70 e ss, 229-233)

Posto isso, o engajamento sartreano é, assim como outros conceitos ambíguo: é uma estrutura do ser que o mantém unido a sua liberdade, tornando seu eu livre e transcendente – para-si -, ocorrendo a autorreflexão em si mesma; é também um termo que ultrapassa a estrutura ontológica e se afirmar como um valor moral – movimento de ação para com o mundo -, uma escolha e uma tomada de consciência da autenticidade da realidade humana.

Segundo Sartre (1947), o engajamento é a retirada do véu do mundo feito pelo homem, fugindo das regras da doutrinação e uma única interpretação possível a respeito do que é percebido em uma situação. O homem quando estar inserido no mundo está constantemente a encontrar-se e perder-se, essa é sua forma de desvelar o mundo, fazendo isso por necessidade e liberdade.

Todavia, a liberdade humana não é abstrata, em outras palavras, toda ação tem uma reação, por isso o agir no mundo deve ser feito de modo responsável e comprometido, dado que existe uma possibilidade real de ocorrer mudanças – individuais e coletivas - no corpo social por meio dos nossos atos, isto é, o engajamento trata a respeito das decisões e escolhas, das palavras pronunciadas ou silenciadas, isso quer dizer que no ato de existir do homem ele já está engajado. Existe uma citação na obra *Que é literatura?* (1948), que diz:

Ao falar, eu desvendo a situação por meu próprio projeto de mudá-la; desvendo-a a mim mesmo e aos outros, para mudá-la; atinjo-a em pleno coração, traspasso-a e fixo a sob todos os olhares; passo a dispor dela; a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do porvir. (Sartre, 2004, p. 20).

Sartre (1947) coloca o engajamento como um compromisso com o mundo, por isso não se trata somente do ser em si, mas também de uma relação ética com o mundo. A ação de falar faz com que haja uma ruptura da situação de acordo com o entendimento que o Para-si define, ao fazer isso o Para-si faz as modificações de acordo com o seu projeto existencial, pois ao falar o homem o faz com a visão que tem de si mesmo, ao fazer isso ele se direciona ao porvir.

Ao falar, segundo Sartre (1947), nós projetamos uma intencionalidade, por isso toda palavra lançada não deve ser vista como uma “contemplação inofensiva” (Sartre, 2004, p. 20), quando falamos agimos, toda ação é cercada de uma intenção, por isso a fala é uma ação envolta na intencionalidade, ou seja, ela não é inofensiva, Por isso,

quando uma situação ocorre e ela é transmitida pelo Para-si, a palavra possui a sua consciência ao ser nomeado, descrita e contada por ele. Explica o filósofo:

O homem é o ser em face de quem nenhum outro ser pode manter imparcialidade, nem mesmo Deus. [...] É no amor, no ódio, na cólera, no medo, na alegria, na indignação, na admiração, na esperança, no desespero que o homem e o mundo se revelam em sua verdade. (Sartre, 2004, p. 21)

Em virtude disso, que o filósofo francês (1948) defende que o escritor engajado é aquele que tem consciência do poder da ação da sua palavra, pois estão norteadas pela intenção, ou seja é àquele que entende a importância das palavras, e as utiliza para desvendar o mundo, pois faz com o entendimento que elas não são inofensivas. Por conta disso, o escritor não tem permissão para falar se não tiver a intenção de revelar o mundo e mudar de alguma maneira a situação. Sartre afirma que o escritor engajado é aquele que “abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da Sociedade e da condição humana” (Sartre, 2004, p. 20-21).

Na obra *Que é Literatura?* (1948), o autor apresenta, inicialmente, as distinções entre as artes¹⁹ e de que forma podemos enxergá-las dentro da nossa sociedade e se elas deteriam algum papel – engajamento – dentro do que estavam dispostas a oferecer para o meio social. “A obra de arte sempre fez parte da vida do homem, que vê e tenta compreender o que vê por meio do que não é real, por meio do que é imaginado” (Souza, 2008, p. 17), ou seja, as representações levam o ser humano a imaginar, idealizar e se deleitar com a beleza irreal do absoluto que somente as expressões artísticas podem proporcionar.

Entretanto, para o filósofo francês Jean Paul-Sartre a *prosa* é a arte que será considerada e debatida, pois tomará uma proporção mais grandiosa para o autor do que somente se envolver com a imaginação e o inteligível. Ela terá como evento principal de sua época se *engajar* com a Sociedade, retirando a premissa do belo pelo belo ou mesmo a arte pela arte, não obstante se fazendo presente para dar “voz” aos autores de maneira mais enfática e preocupada com a realidade, uma vez que a filosofia sartreana nega a metafísica clássica, um universal e um abstrato separados do singular e do concreto e impõe que a Literatura o faça também. A citação do autor Renato Santos Belo (2020) corrobora com o que foi apresentado:

¹⁹ As expressões artísticas a que Sartre irá se referir são a pintura, música, poesia, teatro e prosa. Apesar de explicar que cada uma com suas distintas representações oferece algo para a organização social, deixa claro que nenhuma delas pode se engajar e desvendar o mundo do mesmo modo que a prosa.

A palavra na prosa é um meio de acesso à significação. Não se exige das outras artes e dos outros artistas o engajamento, ou pelo menos não o mesmo tipo de engajamento, porque só na prosa temos uma tomada de posição em relação às coisas externas, só na prosa a palavra nos encaminha ao exterior e por isso faz sentido perguntar pelos motivos do escritor. (Belo, 2020, p. 15).

Nesse ponto de vista, o escritor Renato Santos Belo (2020) aborda a perspectiva da responsabilidade que advém da escrita que não busca nesse caso ser somente bela, mas também procura estar engajada e consciente das coisas externas. Convém ressaltar que temos uma diferença muito bem demarcada do poeta e do prosador, nas linhas gerais do pensamento de Sartre, enquanto o poeta está voltado, completamente, para a ideia de palavras como coisas, que podem ser ditas, lidas e observadas sem que tenham objetivamente um significado, ele as usa sem se ater aos seus signos; o prosador vê a linguagem com significação, por isso somente nesse caso podemos falar de engajamento, pois a prosa tem sua técnica para ser engajada.

Ainda segundo Sartre, a relação do poeta com a linguagem é à sua maneira inovadora, na medida que ele está fora desses padrões de signos e significados que foram vinculados aos nomes, fazendo o uso constante, por exemplo, da metáfora, se referindo às coisas, aos objetos, às pessoas e aos lugares, através das suas próprias regras literárias, conhecendo as palavras, contudo, se afastando de seus significados, falando de portas e pensando em janelas:

O poeta está fora da linguagem, vê as palavras do avesso, como se não pertencesse a condição humana, e, ao dirigir-se aos homens, logo encontrasse a palavra como barreira. Em vez de conhecer as coisas antes por seus nomes {...} não sabendo servir-se da palavra como signo de um aspecto o mundo, vê nela a imagem de um desses aspectos. E a imagem verbal que ele escolhe por sua semelhança com o saqueiro ou freixo não é necessariamente as palavras que utilizamos para designar esses objetos. (Sartre, 2015, p. 20).

Posto isso, a escrita é um projeto e este pode ser desenvolvido de infinitas maneiras, com narrativas e explicações que fazem sentido para cada escritor e leitor que assumem a responsabilidade de compreendê-las. Em contrapartida, o filósofo francês aborda o conceito de engajamento, de estar engajado com a vida, com as relações, com as pessoas e como os dilemas que o seu tempo está experienciando, não é à toa que Literatura - para os escritores que defendem essa teoria - toma um papel fundamental nessa jornada de engajar-se no mundo por meio da prosa:

A literatura arranca as coisas de sua ingenuidade primeira. Depois de nomeada e lida nenhuma situação pode ser simplesmente negligenciada,

ninguém pode verdadeiramente se dizer inocente diante do mundo (Sartre, 1948, p. 72).

A Literatura nos tira da ingenuidade, nos coloca frente a frente a questões éticas, isso ocorre, principalmente, porque Sartre faz distinção entre a Literatura e as outras formas de arte, afastando completamente a ideia de arte pela arte, que a pintura, a escultura, a música e a poesia poderiam trazer, já a prosa toma uma posição acerca das coisas externas que nenhum outro movimento faz ou não faz do mesmo modo –uma vez que a significação da palavra é fundamental –, isso quer dizer essencialmente que só a prosa, de acordo com o que Sartre entende por engajamento, descreve e compreende a realidade humana, “porque só ela lida com as palavras como signos, remetendo-nos a algo para além delas” (Belo, 2020, p. 14)

Sendo assim, a filosofia passou toda sua existência em busca de desvendar, contestar, argumentar a respeito da origem do universo, do homem e dos fenômenos e a literatura, ao ser alcançada na teoria de pensamento sartreano, irá à sua maneira, e com uma linguagem distinta da própria Filosofia, se debruçar nas mesmas problemáticas, ou seja, a Literatura sartreana tem por meio da *prosa* um modo particular de manifestar e descrever a realidade da condição humana.

Portanto, finalizamos este tópico em que foi imprescindível apresentar a respeito da relação literária advinda desde a infância de Sartre, os conceitos fundamentais do filósofo a respeito do início da vida de escritor, da responsabilidade do escritor, da liberdade e da literatura engajada.

Concluimos, que Sartre observou na Literatura um caminho para falar e se engajar com o mundo, vendo que o gosto da literatura existe a partir de uma responsabilidade do escritor, que tem por obrigação falar com os seus, assim como escolher o silêncio é também ser responsável por sua ausência diante do caos humano. Em vista de dar continuidade a essa pesquisa, observaremos a seguir a perspectiva de Clarice acerca da Literatura, sua relação com a escrita e o seu objetivo e observaremos como a Liberdade se mantém como conceito indissociável à produção literária de Lispector.

2.2.3 Clarice: É uma maldição, mas uma maldição que salva

Este subtópico terá o objetivo de apresentar quem foi Chaya Pinkhasivna Lispector e analisar a forma como o mundo literário invadiu a sua vida, passando a ser um fator decisivo para o que ela viria a se tornar no cenário mundial das letras. A

partir dessa investigação, buscamos compreender como escrever foi a sua salvação, a sua maldição, a sua vocação, que a deixou extasiada e presa a grilhões.

Ora, ao final do século XIX (1836) e até os dias atuais vivenciamos o período literário chamado de Era Nacional²⁰, que se iniciou no movimento do romantismo, passando pelo realismo, naturalismo, parnasianismo, simbolismo, pré-modernismo, modernismo e pós-modernismo. É nessa corrente literária histórica que uma das maiores escritoras da contemporaneidade irá surgir, fazendo da Literatura algo novo, cativante e intenso.

Clarice Lispector nasceu em 10 de dezembro de 1920, em Tchetchelnik, na Ucrânia, e faleceu em 9 de dezembro de 1977, no Brasil. A escritora teve um início de vida conturbada, quando sua família, em busca de uma vida melhor e mais segura, saiu de seu país de nascença²¹, a Ucrânia, e veio para o Brasil. Apesar de ter nascido distante, se considerava brasileira “e nada além disso”, dando seus primeiros passos em território brasileiro. Ademais, veio para cá tão jovem que não existia nenhuma lembrança de outro lugar que não fosse esse. Contudo, esse tema foi debatido em incontáveis momentos da sua carreira, mas ela defendia todas as vezes que pertencia ao Brasil. Clarice afirma em seus escritos esse pensamento, como podemos notar na citação:

Sou brasileira naturalizada, quando, por uma questão de meses, pode ria ser brasileira nata. Fiz da língua portuguesa a minha vida interior, o meu pensamento mais íntimo, usei-a para palavras de amor. Comecei a escrever pequenos contos logo que me alfabetizaram, e escrevi-os em português. (Lispector, 1999, p. 320.)

O comentador Benjamin Moser, no seu livro *Clarice*, (2011), discorre a respeito da vida e da obra de Clarice Lispector, pontuando momentos ímpares para seu desenvolvimento como pessoa e depois como escritora, que mudaria o jeito de pensar, ler e escrever no Brasil. Mesmo muito nova, a literata já possuía em si uma criatividade aflorada que a levava a escrever e encenar acerca da milagrosa

²⁰ Recebendo este nome porque foi no período que o Brasil recebe a sua independência, tendo nas obras literárias o nacionalismo como algo bem marcante e presente.

²¹ Clarice Lispector e sua família fogem da Ucrânia por conta das guerras civis que estavam ocorrendo no país, em virtude disso em busca de uma vida melhor e mais segura para todos, seus pais decidem sair de onde viviam e se refugiaram no Brasil.

salvação²² de sua mãe²³ doente. Em *Clarice*, Moser revela que a cura de sua mãe representava um mundo feliz para a autora e também, como ela se sentia a respeito da ausência da mãe, após a sua morte. Na obra *A descoberta do mundo* de Lispector ela relata a tristeza a respeito de não ter cumprido a missão para qual foi determinada, a citação a seguir ratifica o que mencionado:

Tenho certeza de que no berço minha primeira tarefa foi a de pertencer [...]. Quase consigo me visualizar no berço, quase consigo reproduzir em mim a vaga e, no entanto, premente sensação de precisar pertencer. Por motivos que nem meu pai nem minha mãe podiam controlar, eu nasci e fiquei apenas: nascida. No entanto, fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei [...] se no berço experimentei essa fome humana, ela continua a me acompanhar pela vida afora, como se fosse um destino. (Lispector, 1999, p. 110-111)

Assim, é possível perceber que Clarice desde muito jovem – seis anos de idade – utilizou as palavras para colocar no mundo sua tristeza e descontentamento com a vida real, usando a imaginação para encontrar felicidade, alívio e contentamento. Escrever era se afastar do mundo cotidiano, das dores, doenças²⁴ e do outro que não a compreendiam. O que nos lembra Sartre, que encontrava na imaginação e letras a sua fuga das “pessoas grandes”.

Contudo, como o próprio Moser (2011) destaca, “as fantasias de uma garotinha são uma coisa e a Literatura é outra” (Moser, 2011, p. 144), haja vista, assim como tudo produzido pela Humanidade, as palavras também necessitam de regras para que possam dizer algo, uma vez que as letras, também, são obrigadas a obedecer padrões, para que o leitor esteja em sintonia com aquele que escreve a todo momento, o que vai em contrapartida com a perspectiva de Clarice Lispector, que possuía uma

²² A jovem Clarice escreve uma história na infância sobre como sua mãe seria curada de forma milagrosa da doença que acabou a levando a falecer, o comentador Benjamin Moser na biografia que escreve a respeito da autora, comenta que esse foi um dos momentos que fizeram Clarice entender que fantasias não passavam de ‘fantasias’ e que salvasões milagrosas eram somente sonhos.

²³ Mania Krimgold Lispector, mãe de Clarice Lispector, sofria de Sífilis e acabou falecendo em virtude da doença algum tempo depois de sua chegada ao Brasil. Ela foi contaminada por soldados na Ucrânia no período das guerras civis.

²⁴ Podemos citar o conto “Resto de um Carnaval” (2020) de Clarice Lispector que tratava a respeito de uma menina que tinha o desejo de participar da festa de Carnaval que acontecia em sua cidade, infelizmente isso não ocorria por que todos estavam ocupados com afazeres cotidianos e sua mãe estava muito doente, impedindo assim a menina de participar. Contudo, a mãe melhorou e decidiu fazer uma fantasia para ela, finalmente estava feliz, ia participar de sua festa favorita e a mãe tinha melhorado, pelo menos foi o que a menina acreditava, mas para a tristeza da garotinha, perto da hora de sair para o Baile de rua sua mãe passa muito mal e toda a felicidade termina, desolada e distante de seu sonho.

forma de escrita muito singular, distante da Literatura clássica e, é justamente por essa razão, que despertou muito interesse no seu meio social.

Em 1933, aos 13 anos, Lispector decide que queria ser escritora, tomando posse, assim, do seu destino, entendendo muito cedo para que estava destinada, sem negar para si ou para o outro que a escrita era uma parte sua. Entretanto, escrever para a literata era também se ausentar do mundo, transportar-se para uma dimensão ainda não explorada e solitária, escrever era um ato solitário que a jogava em um vazio permanente que ninguém poderia salvá-la, somente ela mesma. Nesse ponto, também nos remetemos ao Jean-Paul Sartre que produzia solitariamente e “fugia” para o mundo das letras, onde encontrava apenas a si mesmo. Prosseguindo, a citação a seguir demonstra como Clarice se sentia a respeito da escrita:

O contato com o outro ser através da palavra escrita é uma glória. Se me fosse tirada a palavra pela qual tanto luto, eu teria que dançar ou pintar. Alguma forma de comunicação com o mundo eu daria um jeito de ter. E escrever é um divinizador do ser humano. (Lispector, 2010, p. 11).

Isso posto, a palavra escrita era seu método de comunicação mais sublime e diria até que aguardado, ela relata na citação acima que necessita tanto estar conectada com as letras, que certamente se não as tivesse precisaria imediatamente de outro tipo de arte para se comunicar, no fim do dia Clarice era isso, arte. E precisava dela para se fazer ser vista no mundo.

A escrita não foi algo simples de se compreender para a autora, visto que admite que não compreendia a si mesma em alguns momentos²⁵, em dado momento acabou se afastando e pensando nas carreiras que poderia seguir. Fez Direito e depois Jornalismo, sendo essa última uma das responsáveis pela sua volta ao mundo literário, quando começou a trabalhar em jornais e revistas, voltando assim a escrever e publicar os seus contos. Durante seu processo de aprendizagem sobre o que seria escrever, teve muita influência da obra *O lobo da estepe*²⁶ (1927), em que datilografou uma história sem fim baseado no que havia compreendido a respeito da obra, infelizmente acabou se desfazendo e não foi possível termos a oportunidade de fazermos essa leitura.

²⁵ A exemplo do conto *O ovo e a Galinha* (1964) que a própria autora em entrevistas e eventos relata que foi algo que escreveu, porém nem mesmo ela compreende o significado.

²⁶ *O lobo da estepe* é um romance de Hermann Hesse que narra a desintegração da personalidade em um homem maduro, sendo ele considerado um dos romances mais aclamados da literatura alemã, publicado em 1927.

O lobo da estepe para o comentador Benjamin Moser é como um alerta para a jovem adolescente Clarice Lispector, que apresenta uma “meditação filosófica baseada numa história fantástica” (Moser, 2011, p. 148), e que, além disso, também traz luz aos caminhos do artista *Harry Haller* personagem da obra de Hermann Hesse – escritor para Clarice - que são cheios de intempéries, mas também ressalta que o personagem observa que “aqueles que não têm um lobo dentro de si não são, por essa razão, felizes” (Moser, 2011, p. 149). Notamos, assim, que essa *coisa*²⁷ dentro de cada um, apesar de trazer dificuldades, também é responsável pela felicidade, por esse algo a mais que estamos continuamente em busca.

Logo, essa coisa ou mesmo o lobo que estaria presente em cada ser humano, pode ser definido de diversas maneiras, na medida em que cada ser pensante a utiliza e a detém à sua maneira, desde outro eu, até mesmo um motor para desvendar um mundo diferente do que estamos acostumados a participar. No caso de Clarice, a coisa em si foi responsável por dar vida para suas histórias fantásticas, por criar personagens e poesias que falaram desde a felicidade sublime até a ânsia/náusea, e para pôr em palavras a tristeza e a solidão.

Entretanto, a autora, que tinha o sonho de ser escritora quando mais nova, renuncia ao título anos mais tarde – ao amadurecer compreende que a palavra escritora não lhe cabia –, “a definição – esnobe, profissional, de alguém que se julga dono das palavras, ou pelo menos que se considera em seu comando – a enojava” (Castello, 2011, p. 9). Ela sentia que isso a isolava de todo o resto do mundo – e se o ato de escrever por si só já faria isso, ela não precisava de outro rótulo que a abstraísse do mundo –, ela não escrevia por obrigação, só escrevia quando queria e o que se assume escritor tem obrigação de escrever, já que é seu ofício – trabalho – e ela não queria esse peso, ou melhor, estava mantendo, assim, sua liberdade de não se deixar ser definida, enclausurada em um estereótipo, evitando que se sentisse aprisionada ou que travasse sua criatividade. Afirma Clarice Lispector:

Literata também não sou porque não tornei o fato de escrever livros “uma profissão”, nem uma “carreira”. Escrevi-os só quando espontaneamente me vieram, e só quando eu realmente quis. Sou uma amadora? O que sou então? Sou uma pessoa que tem um coração que por vezes percebe, sou uma pessoa que pretendeu pôr em palavras um mundo ininteligível e um mundo impalpável. Sobretudo uma pessoa cujo coração bate de alegria levíssima

²⁷ O termo *coisa*, o *it* são mencionados em momentos diversos pela autora, podendo ter muitos significados sobre a vida, a morte, a felicidade, a tristeza, a raiva, a paciência e até mesmo quando fala do que a leva a escrever.

quando consegue em uma frase dizer alguma coisa sobre a vida humana ou animal. (Lispector, 2010, p. 40).

À vista disso, Clarice não tinha interesse em ser considerada uma literata, apesar de, ser reconhecida desse modo no meio acadêmico e literário ela se afastava desse rótulo, acreditando que a melhor forma de ser denominada era ser compreendida como uma mulher que transpôs o inimaginável em palavras e, por meio das letras, expressava sentimentos que eram reconhecidos por outros, sendo unicamente uma pessoa que fez do seu coração a escrita. Isto relembra que o menino Sartre experimentou um dilema semelhante, quando as pessoas começaram a dizer que ele era escritor e deveria se dedicar a esse ofício, mas diferente de Clarice que renunciava esse posto, Sartre vai se apoderar disso e então propor uma escrita engajada.

Benjamin Moser (2011) conta ainda em *Clarice*, que a própria autora afirmou que seus primeiros escritos eram caóticos, intensos, como quem busca alimento e sente uma fome insaciável, que passavam a sensação de uma busca que nunca tinha fim, não havia um encontro, um objetivo, não havia uma comunicação entre leitor e escritor.

A autora entre os doze e quinze anos lia muito, às vezes dois livros por dia, Dostoiévski e Hermann Hesse foram autores que a marcaram profundamente, em que falavam acerca do amor e do desamor, da morte e da vida, da ilusão e da desilusão, da felicidade e da tristeza, da afeição e da náusea, todos estes prontos a influenciar a jovem Clarice a ser Clarice Lispector, que era tão intensa em seus escritos que chegava a ser tensa. Clarice aprendeu muito com esses autores e sempre que podia comunicava o que sentia, atenta à sociedade que a rodeava, questionava se usar as palavras era o suficiente para mudar alguma coisa, uma comunidade que muito já estava adoecida com temas sociais, políticos e econômicos.

Entretanto, mesmo que tenha lido a respeito de infinitos temas, existem coisas que não podem ser identificadas nas palavras, mas toda pessoa que se dedica às letras possui um instinto²⁸, algo que a leva a continuar a escrever, uma centelha que queima sem parar e a ajuda a criar novos contos e histórias.

A escritora Clarice, quando criança e cheia de esperança, acreditava na mudança das coisas, no fim das desigualdades sociais, na ruptura de um sistema

²⁸ “De novo, não se trata de modéstia e sim de uma realidade que nem de longe me fere. Ser intelectual é usar sobretudo a inteligência, o que eu não faço: uso é a intuição, o instinto (Lispector, 2010, p. 39).”

incapaz de cuidar dos direitos humanos, mas, infelizmente, passando dessa fase de fantasias e entrando na vida adulta descontente e solitária, percebe que nada fez para alterar os males sociais, ela nunca foi indiferente a eles, no entanto, não fez muito, já que para ela compreender o que se sentia e contar para a sociedade era quase nada, seria como falar para o vento e esperar que ele respondesse.

Dando continuidade, Benjamin Moser observou que em uma de suas últimas entrevistas ela enfatizou: “Não muda nada. Escrevo sem esperança de que alguma coisa que eu escreva possa mudar o que quer que seja. Não muda nada” (Moser, 2011, p. 120). Então, por quê? Qual o sentido de escrever?

Ela mesmo responde: “Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria” (Lispector, 2020, p. 11). Deixar de escrever para Clarice Lispector era o mesmo que lhe tirar a própria vida, uma relação de necessidade e enforcamento que só é possível ser explicada pela existência de uma maldição.

O ato de escrever é para a autora uma maldição e uma salvação, é esse encontro com ela mesma, tendo um sentido único que a permite se reconhecer e ao mesmo tempo buscar uma conexão com o mundo, que anteriormente foi exilada.

É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação. Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, (Lispector, 2010, p. 91)

Nesse sentido, a escrita salva e liberta Lispector, é seu modo de se comunicar com o mundo, ao escrever tinha uma felicidade genuína, em contrapartida, a maldição de Clarice Lispector estava, justamente, em não ter outra forma de pertencer e se comunicar – como dançar ou pintar – com o mundo que por conta da escrita lhe deixou solitária, já que quando entrava no seu momento literário abdicava da presença, escolhendo estar ausente e escrever para contar e pôr para fora o que já estava sufocando, que somente seria a sua salvação quando terminasse de entregar tudo por inteiro em palavras.

A mulher de olhar marcante e escrita visceral, que ficou conhecida no século XX, dedicou sua vida a escrever, o que fez até as suas últimas horas de vida, quando disse na coletânea de *Crônicas para jovens: de escrita e vida* (2010) “pode-se ter vocação e não ter talento, isto é, pode-se ser chamado e não saber como ir” (Lispector,

2010, p. 94) reafirmando com sua vida que todos os temores e dúvidas a respeito de seu destino como escritora foram jogados no abismo das incertezas.

Dando continuidade ao que a autora chamou de maldição, iremos apresentar a vocação da escritora, reafirmando como a escrita era vista por Clarice, a importância e a carência que sentia quando não estava escrevendo e se dedicando ao seu dom, em contrapartida também iremos tratar o outro lado da sua vocação, que lhe causava angústia, sentimentos tensos e um certo sofrimento, dado que acabava por se expor em suas palavras e não era bem recepcionada em certas ocasiões.

2.2.3.1 Você pode ser chamado e não saber como ir

A palavra *Vocação*²⁹ é um termo derivado do verbo em latim *vocare* que significa “chamar”, isto é, uma inclinação, uma tendência ou uma habilidade que leva o ser humano a atuar em uma determinada carreira ou profissão. Nesse sentido, a vocação seria uma aptidão natural, uma capacidade de realizar determinadas tarefas com felicidade, facilidade e realização. O crítico e escritor literário Maurice Blanchot (1907-2003) discorre a respeito do termo vocação, citamos o autor:

O que significa aqui a palavra ‘vocação’? Ortega y Gasset afirmou que cada um de nós tem um projeto essencial - talvez único - que passamos a vida recusando ou realizando, lutando, porém quase sempre contra ele, num combate obscuro, desesperado e vivo. Assim, diz ele, foi Goethe, que passou sua vida ilustre traindo sua vocação autêntica. E toda existência é ruína, todo êxito brilhante um monte de escombros entre os quais o biógrafo deve procurar aquilo que a pessoa deveria ter se tornado. [...] A ideia de uma vocação (de uma fidelidade) é a mais perversa das que podem perturbar um artista livre (Blanchot, 2005, p. 148-149).

Isso significa que a relação com a vocação, independente qual ela seja, sempre é muito conflituosa, como Blanchot (2005) menciona “tudo pode vir a ser ruína” (2005, p. 148), assim como haver um êxito brilhante, em síntese sentenças como essas são perversas para qualquer artista que deseja ter a liberdade de escolher, sem que exista um caminho determinado a seguir.

Por conseguinte, iremos tratar a respeito da vocação se tornar uma busca e uma fuga constante, posto que durante muitos séculos o homem pensa acerca daquilo que nasceu para realizar, trabalhar e desenvolver, na maioria dos casos, pela necessidade de ser lembrado quando não estivesse mais aqui, pois cair no esquecimento é sempre tenebroso para alguém que se dedica a sua arte.

²⁹ Dicionário: *sf.* Tendências; predestinação; pudor. **Vocacional** *adj.* (De Oliveira, Nigro, 1993, p. 515).

Nesse contexto, diversos filósofos estudaram o comportamento dos indivíduos de suas épocas, buscando descobrir o que tornaria possível o desenvolvimento das suas habilidades, quais seriam os critérios que permitiam que determinados indivíduos fossem capazes de desenvolver suas aptidões, enquanto outros permaneciam alheios a elas.

A partir do que foi explanado, compreendemos o que o termo vocação representa; de acordo com que relatamos até o momento, sabemos que a vocação de Clarice está ligada à *escrita*, ela seria a representação de paraíso e de inferno, de maldição e de salvação, pois seria sua advogada, juíza e carrasco, por tudo que ela dará e tomará ao longo de sua vida. Ela explica:

Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada. Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a "coisa" vem. Fico assim à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos. Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros. (Lispector, 2010, p, 92).

Portanto, para a autora a escrita é espontânea, de certo modo, chega até a ser uma simples curiosidade intensa a respeito do que ela irá criar fora da realidade, o que lhe causa grande surpresa, acreditava que somente quando escrevia estava de fato consciente das coisas e dava a devida atenção às coisas, que quando inconsciente – sem estar escrevendo – acabava por não perceber.

No prefácio de *Crônicas para jovens: de escrita e vida* (2010), o jornalista Pedro Karp Vasquez pontua “escrever era viver e viver era escrever” (Vasquez 2010 *apud* Lispector, 2010, p. 09), apesar de parecer algo clichê e simplista para reduzir Clarice de alguma forma, é exatamente isso, é simples, é expressivo e completamente verdadeiro. A vida e a escrita de Clarice se fundem e se confundem, tornando difícil, para não dizer impossível, identificar onde uma começa e a outra termina.

O comentador Blanchot discorre, na sua obra *O Livro por vir* no tópico II- *A Questão Literária*, como alguns autores cansam de escrever, se sentem perseguidos, retirados do mundo, obrigados a reconhecer a escrita como uma maldição, que são atormentados pelas palavras e desafiados a se calarem (Blanchot, 2005, p. 64), portanto, a escrita é parte de todos aqueles que a aceitam, contudo passam por momentos muito conturbados, perseguidos por críticos e leitores, exilados pela necessidade de se abster para escrever e conscientes da sua maldição.

Desta maneira, o mesmo fenômeno descrito pelo escritor ocorreu com Clarice Lispector, que se vê lançada dentro do meio literário o qual recebe diversas críticas pela sua forma de escrita não convencional, cheia de significados ocultos, ao ponto de ser considerada hermética. Ela não compreende de onde saem críticas tão pouco explicativas a respeito da sua escrita, nunca deu muita atenção ao que era dito, mas sempre se questionava quando os críticos literários afirmavam que ela possuía uma escrita intrincada e difícil, por isso que quando ganhou um troféu pelo seu livro infantil ficou abismada e indagando qual seria a régua para defini-la como difícil. A passagem a abaixo relata o que foi exposto:

Ganhei o troféu da criança-1967, com meu livro infantil *O mistério do coelho pensante*. Fiquei contente, é claro. Mas muito mais contente ainda ao me ocorrer que me chamam de escritora hermética. Como é? Quando escrevo para crianças, sou compreendida, mas quando escrevo para adultos fico difícil? Deveria eu escrever para os adultos com as palavras e os sentimentos adequados a uma criança? Não posso falar de igual para igual? (Lispector, 2010, p. 79).

É possível que isso ocorresse porque Clarice não escrevia português, ela escrevia 'Lispector' como mencionou a filósofa francesa Hélène Cixous³⁰, a forma que ela colocava as palavras no papel era distinta de qualquer coisa já vista anteriormente, era pensadora do impensável, da coisa que se camuflava perante os nossos olhos, ocultavam-se e traziam à tona o mistério que era ser essa mulher diversa, essa literata filósofa, "ninguém escreve como ela e ela não escreve como ninguém" (Nunes, 2012, p. 13).

É certo que a crítica tem um poder imenso sob os escritores em todas as épocas, e, muitas vezes, eles acabam por dar mais crédito às negativas, "se o julgamento é bom, ela fica feliz, por um instante; se não é tão bom, fica aniquilada por muito tempo" (Blanchot, 2005, p. 142-143), e isto muitas vezes causa um sofrimento gigantesco para o autor, beira à crueldade o que podem fazer internamente consigo quando se sentem incompreendidos.

Contudo, até mesmo a crítica acaba por ser um mal necessário na vida do escritor, que tem uma certa necessidade dos holofotes. É óbvio que quem escreve

³⁰ Hélène Cixous nasceu em 5 de junho de 1937 em Orã, na França. É uma ensaísta, dramaturga, poetisa e crítica literária. Cixous escreveu ensaios, romances e peças teatrais, além disso ficou conhecida como uma das pioneiras feministas da Europa, ela também escreveu sobre Clarice Lispector, Maurice Blanchot, Franz Kafka, Heinrich von Kleist, Montaigne, Ingeborg Bachmann, Thomas Bernhard, e a poetisa russa Marina Tsvetaeva. Seu ensaio *Le Rire de la Méduse* foi traduzido em dezenas de línguas.

sempre espera flores a respeito do que foi publicado, quando ocorre o contrário existe sempre a mágoa da incompreensão, todavia, até mesmo o autor mais incompreendido prefere que comentem acerca dele, do que ajam como se ele não fosse relevante nem para uma nota de rodapé em um jornal ruim. Por isso, mesmo quando a crítica não compreende a proposta, o sentimento e o enredo, acabam por se tornarem um pedaço do quebra-cabeça do que faz alguém ser escritor.

Para Clarice Lispector, a crítica é ambivalente, e muitas vezes não entende o que a história está propondo de verdade e acaba por desqualificar sucessos que ocorrem com ou sem seu consentimento, na obra *Clarice: uma vida que se conta* (2013) de Gotlib, a comentadora apresenta uma carta de Clarice Lispector a Olga Borelli que trata a respeito dessa situação:

A crítica quase sempre, confunde as coisas, e acaba interpretando ao contrário o que, na verdade quero dizer. Por esta razão, nunca me interessei pela opinião dos críticos a meu respeito, por julgar que nem sempre ela é tão objetiva como deveria ser. Um exemplo que sempre me utilizo para justificar minha posição em relação ao assunto, é o da crítica ao meu primeiro livro publicado: *'Perto do Coração Selvagem'*, lançado em 1944, quando eu contava dezessete anos. Na época o livro foi classificado de hermético e incompreensível, e mais tarde tornou-se um dos mais vendidos (Lispector 1975 *apud* Gotlib, 2013, p. 545).

Isso é o que provavelmente ocasionou tantas críticas no começo de sua carreira: foi a forma e os temas que ela pretendia tratar, não sendo levada a sério de forma tão rápida por aqueles que só podiam imaginar as palavras sendo proferidas de uma forma única e repetitiva, tendo uma academia de letras muito cheia de regras e dogmas que a própria Clarice desconhecia, ou mesmo não se importava. Ora, a crítica pela crítica sem critério em nada acrescentou e não impediu o fenômeno que foi e é Clarice Lispector.

Sendo assim, as vezes que ela esteve feliz escrevendo o fez de todo o seu coração e cheia de tudo que poderia oferecer ao mundo. Entretanto, quando a tristeza e o pesar da escrita se fizeram presentes ela também devolveu ao mundo a sua dor e a angústia, na busca por uma transparência para além das palavras, “haveria outro modo de salvar-se? Se não criar as próprias realidades?” (Lispector, 2021, p. 12), por isso ela escrevia, para criar, dizer o indizível, botar para fora toda a perniciosidade presente na humanidade, a autora vasculhou a origem do desejo que tinha pelas letras, investigando de onde surgiu essa simbiose que a levou como um ímã para o

seu casamento mais duradouro, que foi feliz e triste, mas que permaneceu até o fim de sua vida.

Portanto, é possível afirmar que a escrita assume um lugar único e central na vida de Clarice Lispector, um divórcio jamais poderia ocorrer ali, só mesmo a dona Morte para lhes separar. Então, para dar continuidade a esse estudo analisaremos a seguir o papel que a Literatura, ou seja, a escrita possui para a autora.

2.2.4 Literatura: Liberdade e Solidão

Escrever é sempre um exercício que demanda tempo e dedicação, inclusive, muitas vezes necessita daqueles toques de inspiração, de magia, de euforia. A escrita moldou a vida da maioria dos seres humanos do planeta e Clarice Lispector estava entre essas pessoas que tiveram a vida transformada pela escrita, ela também acreditava que escrever era estar sozinha, imersa no seu próprio caos, que demandava um algo a mais para que causasse o impacto pretendido, que a fizesse sentir e tomar consciência das coisas. A citação da comentadora Nadja Battella Gotlib confirma o apreço pela solidão na hora de escrever:

A retirada tem a ver, naturalmente, com a necessidade de se isolar para escrever. A atividade da escrita exige, em certos momentos, total isolamento. Mas nunca foi feita por Clarice como uma obrigação. Afirmo, reiteradas vezes, que não é intelectual, não usa a inteligência, não tem erudição (Gotlib, 2013, p. 542).

Para ela, as palavras deveriam tocar o seu leitor da mesma forma que as tocava, em algumas ocasiões os sentimentos seriam os mesmos e outras vezes totalmente contrastantes, no entanto o mais importante era proporcionar alguma emoção, um reconhecimento, uma relação autor-leitor. Outro ponto válido de ser ressaltado, é que quando trata a respeito de não fazer uso da intelectualidade/inteligência, não pretende tentar desqualificar quem o faça ou se utilizar de uma falsa modéstia, ela somente se apropriou do instinto e da intuição para escrever.

A escrita de Clarice Lispector era como um furacão que estava dentro dela, não existia quem pudesse conter, ela tinha que “ir para fora e florescer”. A intenção de escrever sempre foi uma necessidade básica, estando conectada ao seu DNA e não tinha a ver com aquilo que ela poderia adquirir ou receber. A literata, no livro *Um sopro de vida*, diz “escrevo para me livrar de uma carga difícil de uma pessoa ser ela mesmo”

(Lispector, 2013, p. 10), esta pequena frase representa muito o que significa compor para ela, já que ao utilizar as palavras colocava para fora o que a desnudava.

O processo criativo de Clarice era inusitado, não começava do início e sim pelo meio, rabiscando com felicidade seus versos soltos, sem saber para onde ia até finalmente juntá-los e encontrar o inesperado e emergir tudo de si mesma. Na maioria das vezes, seus versos, textos e prosas eram reunidos e organizados pela sua secretária Olga Borelli, que a acompanhou por mais de 10 anos, depois que teve a mão direita queimada em um incêndio. Citamos a comentadora Nadja Gotlib:

É uma lucidez meio nebulosa porque a gente não tem direito a consciência dela. Assim, eu sempre começo tudo como se fosse pelo meio. Deus me livre de começar a escrever um livro da primeira linha. Eu vou juntando as notas. E depois vejo que tem uma conexão, e aí descubro que o livro já está pelo meio (Lispector 1975 *apud* Gotlib, 2013, p. 544).

Desse modo, a literata só escrevia quando queria, quando a inspiração se fazia presente, nos momentos em que algo muito além de ações exteriores ou sobrenaturais causava uma necessidade de produzir, de contar uma nova história, de tratar a respeito de um novo tema, levando ao ápice necessário do universo literário sendo posto em palavras. Clarice falou acerca do que seria a inspiração para ela no *Congresso de Bruxaria da Colômbia*³¹:

A inspiração em todas as formas de arte, tem um toque de magia porque a criação é uma coisa absolutamente inexplicável. Ninguém sabe nada a propósito dela. Não creio que a inspiração venha de fora para dentro, de forças sobrenaturais. Suponho que ela emerge do mais profundo 'eu' de uma pessoa, do mais profundo inconsciente individual, coletivo e cósmico (Lispector *apud* Gotlib, 2013, p. 535).

Nesse sentido, a autora buscava sua própria forma de escrita, de compreensão do mundo e de si mesma, trabalhando suas crenças, “eu acho que escrevendo a gente entende o mundo mais um pouco do que não escrevendo” (Lispector 1975 *apud* Gotlib, 2013, p. 544), Ao ser questionada sobre o porquê de escrever, Lispector responde que as palavras lhe permitiam tentar compreender o mundo, a ela mesma e, talvez, o outro do jeito que nenhuma outra forma de comunicação conseguiria. A alegria da escrita, da sua natureza, estava nesses instantes em que tinha suas

³¹ O Congresso de Bruxaria da Colômbia ocorreu há 40 anos, na capital colombiana de Bogotá, terra do Realismo Mágico, contou com as presenças de feiticeiros, curandeiros, curiosos e charlatões de todo o mundo. Clarice Lispector foi convidada para ministrar uma palestra no dia 26 de agosto de 1975 intitulada “Literature and Magic”, leu o conto o “Ovo e a Galinha” que para ela era a escolha certa para o evento, pois nem mesmo ela o compreendia tão bem.

inspirações, suas conexões inexplicáveis com o mundo das letras, quando datilografava em sua máquina e punha para fora tudo que via do universo, da terra, da sociedade e de si mesma. Aqui é possível identificar outra semelhança com o Sartre, que também via prazer e satisfação nas Letras, apesar de lhe consumir ferozmente, como foi exposto anteriormente.

Clarice foi pedida em casamento pela escrita e disse sim aos seis anos de idade quando sentava no pátio da escola lendo e escrevendo, se propondo a criar as primeiras linhas do que viriam ser histórias, contos, romances e poesias, a partir desse momento ela realizou todas as felicidades e tristezas do que é ter, por meio das palavras, sua forma de revelar ao mundo o que estava habitando dentro de seus pensamentos e precisava ser conhecido pelos outros, o casamento literário de Clarice Lispector foi o verdadeiro até que a morte os separasse.

Embora essa relação matrimonial fosse ao mesmo tempo sua liberdade, era também sua prisão, “quando eu escrevo, eu já estou morta” (Lispector *apud* Moser, 2011, p. 630), são as palavras de Clarice durante uma entrevista, era como se algo dentro dela a deixasse juntamente com as palavras, mas “vamos ver se eu renasço de novo” (Moser, 2011, p. 630), relata o outro lado das letras para ela, se voltará a redigir novamente, pois renascer está ligado a uma coisa nova, uma nova história, um novo começo, uma nova Clarice que precisava estar conectada com as palavras.

Dando prosseguimento, a vida ensinou a Clarice Lispector que ser criança é ter imaginação e ver um mundo mais cheio de possibilidades, porém, quando crescemos perdemos essa perspectiva, esse jeito de enxergar nossa existência, e nos tornamos adultos tristes e solitários – desconectados da nossa imaginação –. No dia que ela estava se deslocando para o hospital³², conheceu um taxista que também estava passando por uma turbulência como a dela.

Durante a corrida, ela, sua amiga Olga Borelli e o taxista se imaginaram indo para Paris, falando dos passeios e tudo que fariam quando chegassem, esquecendo um pouco a alma adulta e deixando as possibilidades de o pensamento infantil tomar conta. A mulher adulta de meia idade sabia que nada daquilo mudaria o que estava destinado a acontecer, mas ela viu a importância de imaginar aquele sonho distante, ele era um consolo, não para si, mas para os que a acompanhavam e, com isso, ela

³² Clarice Lispector foi hospitalizada para tratar um câncer de ovário já em estado avançado, que foi descoberto tardiamente, no dia 16 de novembro foi levada para o hospital INPS, onde ficou por 23 dias, no dia 8 de dezembro teve complicações e no dia 9 de dezembro faleceu aos 52 anos.

continuou a escrever até os últimos momentos de sua vida. O comentador Benjamin Moser (2011) observa que essa situação traz questionamentos importantes:

Aquela mulher, no entanto, dedicará toda a sua vida a escrever. Rabiscou notas até suas últimas horas. Por que, tendo visto a impotência de sua atividade demonstrada de maneira tão implacável ela continuava a se dar ao trabalho? Parte disso talvez fosse um reflexo, um recurso, numa situação desesperada, a uma velha tática. Parte era para consolar as outras pessoas no taxi, perturbadas pela doença da amiga. Em 1977, porém, a ilusão era para ela mesma. A decepção que vivenciara quando era uma menininha de 9 anos e ensinará como são inúteis tais esforços poéticos. Escrever era a última coisa que poderia conduzir a um final feliz uma realidade inflexível (Moser, 2011, p. 116-119).

As palavras inicialmente para Clarice tinham o intuito de fazer muito, de mudar alguma coisa – diminuir os problemas políticos, sociais e econômicos, evitar guerras, a desigualdade, entre outras –, de somar à sociedade e questionar injustiças. Entretanto, ela percebe que alterações significativas estavam longe de ser realidades presentes, ela em sua última entrevista acaba concluindo que escrevia sem a intenção de mudar coisa alguma, já se sentindo sem perspectivas e sem forças para travar essas batalhas. Escrever não era suficiente e muitas vezes lamentou de forma amarga a sua impotência: “terminei sendo uma pessoa que procura o que profundamente se sente e usa a palavra que o exprima. É pouco, é muito pouco” (Lispector, 2020, p.153).

Clarice e as letras foi um encontro, um reencontro, um casamento de almas que buscará uma a outra em cada reencarnação possível, todas as vezes sendo um furacão que transforma o conceito de escrita e revoluciona como uma cigana oblíqua o desejo de se reconectar com *o mais secreto de mim mesma*.

Sendo assim, ressaltamos que apesar de todo poder da escrita para Clarice, de modo algum lhe foi possível transformar o mundo por meio das palavras, apenas fez o possível que era transformar a si mesmo em um ato solidário e único em cada livro escrito.

Portanto, é possível notar que a Literatura de Clarice Lispector e a relação da autora com as Letras é algo muito singular e característico, da mesma forma acontece com a relação literária que o Jean-Paul Sartre irá desenvolver, assumindo o ofício do escritor de modo ímpar e comprometido. Então, a fim de realizar o encontro final entre os autores, passaremos ao próximo tópico, no qual analisaremos um texto de Lispector que tem o escritor como protagonista e identificaremos algumas afinidades conceituais com o Existencialismo sartreano e o Sartre-Escritor.

3 COLISÃO: ENCONTRO ENTRE CLARICE E SARTRE.

Destinamos este último capítulo dessa dissertação ao diálogo entre Sartre e Clarice. Ora, até aqui temos trabalhado separadamente os pensamentos dos referidos escritores, com o fim de primeiramente, detalhar ambas perspectivas teóricas e a relação construída com a Literatura, então, finalmente, temos condições de apresentar o objeto principal dessa pesquisa, a saber: A escrita como um ato solitário em Jean-Paul Sartre e Clarice Lispector.

Apesar de anteriormente termos observado que a Literatura tem um objetivo diferente para ambos os autores, será também possível observar que o processo de escrita para Sartre e Clarice têm o caráter de ausência, pois é necessário ausentar-se do mundo para falar sobre ele, sendo possível identificar aqui a solidão do escritor. Além dessa semelhança, no existencialismo sartreano trata-se do ser como primeiro existindo e depois definindo-se a sua própria essência, tal elemento também será possível perceber no pensamento de Clarice Lispector, que na medida em que escreve cada obra constrói algo em si mesma, se faz e refaz diversas vezes ao longo da sua existência.

Poderemos notar essa construção do ser em Clarice na obra *Um Sopro de Vida* (1978), principalmente com o personagem Ângela Pralini que primeiro existiu e no desenrolar da história vai se construindo enquanto ser dotado de características, identidade, emoções, valores e gostos. Entretanto, é preciso salientar que essa semelhança entre os autores é uma perspectiva teórica que aqui está sendo proposta, visto que factualmente Sartre e Clarice nunca se encontraram.

Portanto, a fim de aprofundar o diálogo aqui proposto apresentaremos no subtópico a seguir o referido livro de Clarice a fim de notar possíveis elementos do pensamento sartreano na obra de Lispector.

3.1 A escrita é um sopro de vida

“Quero escrever movimento puro”. Com a primeira epígrafe do livro *Um Sopro de Vida*, iniciamos essa análise sobre a obra adiantando que este derradeiro livro de Clarice Lispector causa a sensação de um desdobramento sem fim que é

representado pelas reticências no lugar de um ponto final, de uma história que não tem fim.

Um Sopro de Vida foi escrito entre 1974 e 1977 por Clarice Lispector, que ao final da vida e do tratamento de um câncer de ovário o produziu, concomitante com *A Hora da Estrela*, que a autora ainda conseguiu publicar em 1977, sendo o outro publicado apenas em 1978, após a sua morte, por Olga Berelli, amiga e confidente de Clarice Lispector, a qual sempre a auxiliou na produção dos seus textos, como ela mesmo afirma nas notas das primeiras edições do texto:

Durante oito anos convivi com Clarice Lispector participando de seu processo de criação. Eu anotava pensamentos, datilografava manuscritos e, principalmente, partilhava dos momentos de inspiração de Clarice. Por isso, me foi confiada, por ela e por seu filho Paulo, a ordenação dos manuscritos de *Um sopro de vida*. E assim foi feito.³³ (Lispector, 1978, p. 6)

Nesse movimento literário, Clarice produz nessa obra uma rica metaliterária, que narra a história de um autor que conta a história de uma escritora que está escrevendo um livro e que se chama Ângela Pralini. Assim, é o processo de criação e o ofício do escritor que serão detalhados pela autora que encontra na solidão da escrita inspiração para construir e viver, que, sem lamentações pelo passado ou ansiedade pelo futuro, delimita o aqui-agora como o tempo em que se escreve e se passa a sua obra. A solidão sempre foi um caminho a ser trilhado por Lispector, principalmente, quando se propunha a escrever, citamos, na biografia de Nadja Gotlib (2013), o momento em que ela deixa uma mensagem para sua saudosa amiga:

Olga, senti necessidade de maior concentração e de isolamento, longe do telefone, necessidade de "ir embora" e sozinha. De modo que estou no Hotel Continental, onde ficarei até sábado ao meio-dia. Se eu descansar logo, interrompo a estada e volto antes para casa. Até sábado! Abraço da Clarice. (Gotlib, 2013, p. 542).

Dando prosseguimento, a obra é dividida em quatro partes: 1- Prefácio de Clarice Lispector; 2- O sonho acordado é que é a realidade; 3- Como tornar tudo um sonho acordado?; 4- Livro de Ângela. E, a última publicação, feita pela editora Rocco, em 2020, conta com o Posfácio de Carlos Mendes de Sousa, amigo de Clarice

³³ Na edição de 1978 da Nova Fronteira existe um texto de apresentação escrito por Olga Borelli em que ela fala de forma curta e rápida sobre o processo criativo de Clarice na escrita desse livro e como ela que já havia ficado responsável outras vezes para organizar seus livros, também o fez em seu último.

Lispector, sendo essa a edição que utilizaremos. Desse modo, a obra terá três vozes: a de Clarice – autora – e os personagens o Autor – que é o narrador-personagem do livro– e Ângela Pralini – personagem que o Autor criou e que está escrevendo um livro. Explica Gotlib (2013, p. 591): “O fio do enredo consiste na história de um autor - o Autor - que escreve um livro sobre si mesmo como autora, ou seja, Clarice Lispector, que é ela mesma – ortônima -, enquanto o autor e a autora - personagens e espécie de heterônimas -.”.

Dessa maneira, não há roteiro semelhante a *Água viva* (1973), mas a forma fragmentada como foi escrito demonstra as explosões de sentimentos, pensamentos e a intensa agonia em que foi construído – Olga Borelli (1978) confirma tal fato. Para o delineamento dessa obra iremos dividir essa apresentação em duas partes, que são: a primeira parte é: *A voz de Clarice*, destinada a expor e refletir sobre o Prefácio produzido pela autora; e a segunda parte são: *As vozes de Clarice*, que apresentará a primeira parte da história até o fim da obra. Sendo que conforme apresentamos a obra, também apontaremos semelhanças com o pensamento de Sartre, tanto a sua perspectiva existencialista quanto literária.

3.1.1 A voz de Clarice

Por que ela produziu essa obra? Clarice inicia o texto:

ISTO NÃO É UM LAMENTO, é um grito de ave de rapina. Irisada e intranquila. O beijo no rosto morto. Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida. Viver é uma espécie de loucura que a morte faz. Vivam os mortos porque neles vivemos. De repente as coisas não precisam mais fazer sentido. Satisfaço-me em ser. Tu és? Tenho certeza que sim. O não sentido das coisas me faz ter um sorriso de complacência. De certo tudo deve estar sendo o que é. Hoje está um dia de nada. Hoje é zero hora. Existe por acaso um número que não é nada? que é menos que zero? que começa no que nunca começou porque sempre era? e era antes de sempre? Ligo-me a esta ausência vital e rejuvenesço-me todo, ao mesmo tempo contido e total. Redondo sem início e sem fim, eu sou o ponto antes do zero e do ponto final. Do zero ao infinito vou caminhando sem parar. Mas ao mesmo tempo tudo é tão fugaz. Eu sempre fui e imediatamente não era mais. O dia corre lá fora à toa e há abismos de silêncio em mim. A sombra de minha alma é o corpo. O corpo é a sombra de minha alma. Este livro é a sombra de mim. (Lispector, 2020, p. 11-12).

Mantendo sua característica enigmática, a autora abre essa obra como quem se desnuda ao leitor sobre o processo da escrita, que poderia ser considerada até caótico para quem observasse de fora. Lispector não tinha dia e nem hora para

escrever podia estar tomando um café ou no cinema, se algo viesse a sua mente e se tornasse pensamento, tão logo quanto pudesse pediria a Olga para anotar³⁴.

Prosseguindo em seus pensamentos, ela se questiona: “Escrevo ou não escrevo?” (Lispector, 2020, p. 13). Responder a isso não é simples para quem vive ao escrever e morre ao terminar um livro. Ainda mais, quando o fim desse livro pode ser o fim da sua vida, como foi. Pois, ao encerrá-lo, se é que o encerrou, Clarice finalizou a sua trajetória como escritora e como (sobre)vivente deste mundo.

A autora confessa que queria escrever um livro, mas pergunta “*onde estão as palavras?*” (Lispector, 2020, p.13). Quem é amante das letras e há tanto tempo se dedica ao ofício da escrita, que faz arte sagrada e profana com as palavras confessa: *esgotaram-se os significados* (Lispector, 2020, p. 13). Será essa a hora de desistir e abandonar o jogo das letras? Ou será que ainda é tempo de teimar e prosseguir como quem está à espera de um grande acontecimento? Que pode ser, como conta a autora, o fim do mundo ou a sua morte súbita.

Falando em morte, compreendemos ser essencial frisar que a morte é a temática do início ao fim dessa obra. Perceberemos que os três autores pautaram a morte como um momento inevitável, único e necessário. O interessante é que após o leitor estar certo de que esta obra é sobre Clarice, o fim da sua vida e a persona escritora, ela fará questão de negar e dizer que não há aqui uma autobiografia. É como se Clarice olhasse para o leitor e usasse o jargão brasileiro: *qualquer semelhança é mera coincidência*. Será se é? Carlos Mendes de Sousa (2020) afirmará que há muito de Clarice no Autor e em Ângela Pralini, mas entendemos que mesmo que Lispector rejeite a ideia de escrever sobre sua vida, é certo que temos, então, uma autobiografia ficcional.

Mas, para seguir a ordem que as coisas estão apresentadas, voltamos as angústias de Clarice expostas no Prefácio em que afirma:

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto - e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio

³⁴ Não é trabalho fácil também para Olga Borelli, que, movida mais por uma “lógica sensível”, vai reunindo os papéis que, de repente, Clarice escrevia: “Muitas vezes estávamos conversando e ela apanhava um papel para anotar ideias que podiam ser retomadas só três ou quatro anos depois. [...] Até dentro do cinema Clarice me pedia baixinho: - Olga, anota isso aí para mim”. E completa: “Era um pedaço de cheque, era um papel, um guardanapo... Eu tenho algumas coisas em casa ainda, dela, e até com o cheiro do batom dela. Ela limpava o lábio e depois punha na bolsa... de repente, ela escrevia uma anotação”. O destino de tais anotações variava. (Gotlib, 2013, p. 589)

terrivelmente perigoso, dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? talvez as diga. (Lispector, 2020, p. 13-14).

Se as palavras que Clarice mostra nos deixa em estado de êxtase e anestesia, entendimento e confusão, calma e tempestade, o que aconteceria se lêssemos as que estão escondidas? Sabemos que, mesmo escondendo as palavras e jogando com elas como quem quer se esquivar dos críticos, Clarice conseguiu e ainda consegue causar rebuliço emocional em quem a ler, sobretudo, por não esconder as emoções em seu jogo de escrita. Clarice quis que esta obra se tornasse pulsante e dentro dessas pulsações chegássemos ao cerne dos batimentos do coração do(a) autor(a). É por poder ser quem intimamente é ao escrever que a autora afirma:

Escrever é uma pedra lançada no poço fundo, Meditação leve e terna sobre o nada. Escrevo quase que totalmente liberto de meu corpo. É como se este estivesse em levitação. Meu espírito está vazio por causa de tanta felicidade. Estou tendo uma liberdade íntima que só se compara a um cavalgar sem destino pelos campos afora. Estou livre de destino. Será o meu destino alcançar a liberdade? não há uma ruga no meu espírito que se espraia em leves espumas. Não estou mais acossado. Isto é a graça. Estou ouvindo música. Debussy usa as espumas do mar morrendo na areia, refluindo e fluindo, Bach é matemático. Mozart é o divino impessoal. Chopin conta a sua vida mais íntima, Schoenberg, através de seu eu, atinge o clássico eu de todo o mundo Beethoven é a emulsão humana em tempestade procurando o divino e só o alcançando na morte. Quanto a mim, que não peço música, só chego ao limiar da palavra nova. Sem coragem de expô-la. Meu vocabulário é triste às vezes wagneriano-polifônico-paranoico. Escrevo muito simples e muito nu. Por isso fere. Sou uma paisagem cinzenta e azul. Elevo-me na fonte seca e na luz fria. Quero escrever esquálido e estrutural como o resultado de esquadros, compassos e agudos ângulos de estreito enigmático triângulo. "Escrever" existe por si mesmo? Não. É apenas o reflexo de uma coisa que pergunta. Eu trabalho com o inesperado. Escrevo como escrevo sem saber como e por quê por fatalidade de voz. O meu timbre sou eu. Escrever é uma indagação. É assim: Será que estou me traindo? será que estou desviando o curso de um rio? Tenho que ter confiança nesse rio abundante. Ou será que ponho uma barreira no curso de um rio? Tento abrir as comportas, quero ver a água jorrar com ímpeto. Quero que cada frase desse livro seja um clímax. (Lispector, 2020, p. 14).

E, é! Cada frase desse livro é um clímax. Apesar de seus críticos não serem nada complacentes fazendo-a se questionar tão veemente sobre si e até em não se reconhecer como intelectual, Clarice Lispector consegue cumprir com o seu desejo de ter frutos surpreendentes nessa obra. Dessa forma, a autora explica:

Este é um livro silencioso. E fala, fala baixo. Este é um livro fresco recém-saído do nada. Ele é tocado ao piano delicada e firmemente ao piano e todas as notas são límpidas e perfeitas, umas separadas das outras. Este livro é um pombo-correio. Eu escrevo para nada e para ninguém. Se alguém me ler

será por conta própria e autorrisco. Eu não faço literatura: eu apenas vivo ao correr do tempo. O resultado fatal de eu viver é o ato de escrever. Há tantos anos me perdi de vista que hesito em procurar me encontrar. Estou com medo de começar. Existir me dá às vezes tal taquicardia. Eu tenho tanto medo de ser eu. Sou tão perigoso. Me deram um nome e me alienaram de mim. Sinto que não estou escrevendo ainda. Pressinto e quero um linguajar mais fantasioso, mais exato, com maior arroubo, fazendo espirais no ar. Cada novo livro é uma viagem. Só que é uma viagem de olhos vendados em mares nunca dantes revelados a mordida nos olhos, o terror da escuridão é total. Quando sinto uma inspiração, morro de medo porque sei que de novo vou viajar e sozinho num mundo que me repele. (Lispector, 2020, p. 15).

De fato, escrever não é um ato simples, mas angustioso, solitário, doloroso, cruel e asfixiante, porém, para a autora, é necessário, porque existe algo nela que necessita ser expresso. Tal fato nos remete ao escritor Sartre, que em *As Palavras* – obra anteriormente discutida – revelou que o ato de escrever lhe fazia existir, mesmo suscitando angústias diante da realidade vivenciada, era a escrita o seu refúgio e por isso tão necessária para ele.

Assim, para Lispector cada obra, cada roteiro é como se fosse uma vida a ser gerada, dentro desse processo, um exemplo disso serão os seus *Personagens*. A definição deles acontece com e por essas emoções. A respeito deles e suas inspirações a autora relata:

Mas meus personagens não têm culpa disso e eu os trato o melhor possível. Eles vêm de lugar nenhum. São a inspiração. Inspiração não é loucura. É Deus. Meu problema é o medo de ficar louco. Tenho que me controlar. Existem leis que regem a comunicação... Eu vivo em carne viva, por isso procuro tanto dar pele grossa a meus personagens. Só que não aguento e faço-os chorar à toa. (Lispector, 2020, p. 15-16).

Apesar da autora afirmar que a impessoalidade é uma das condições que regem a comunicação (Lispector, 2020, p. 15), também somos cientes que cada personagem mantém um pouco da Clarice vivo em si. Por conseguinte, conforme Lispector prossegue nesse Prefácio de *Um Sopro de Vida*, se desvela a conjuntura que conduz a autora em suas criações, que é permeada por receios, um misto de sentimentos, detalhes e preocupações que são próprias da autora. Isso se torna mais evidente na seguinte passagem:

Pois também eu solto as minhas amarras, mato o que me perturba e o bom e o ruim me perturbam, e vou definitivamente ao encontro de um mundo que está dentro de mim, eu que escrevo para me livrar da carga difícil de uma pessoa ser ela mesma. Em cada palavra pulsa um coração. Escrever é tal procura de íntima veracidade de vida. Vida que me perturba e deixa o meu próprio coração trêmulo sofrendo a incalculável dor que parece ser

necessária ao meu amadurecimento – amadurecimento? Até agora vivi sem ele! [...] Tudo o que aqui escrevo é forjado no meu silêncio e na penumbra. Vejo pouco, ouço quase nada. Mergulho enfim em mim até o nascedouro do espírito que me habita. Minha nascente é obscura. Estou escrevendo porque não sei o que fazer de mim. Quer dizer: não sei o que fazer com meu espírito. O corpo informa muito. Mas eu desconheço as leis do espírito: ele vagueia. Meu pensamento, com a enunciação das palavras mentalmente brotando, sem depois eu falar ou escrever - esse meu pensamento de palavras é precedido por uma instantânea visão, sem palavras, do pensamento. (Lispector, 2020, p. 16).

Escreve, a partir do seu lugar no mundo, a partir de quem é, é como ser lançado nesse mundo vulnerável aos mais diversos tipos de desconfortos. E, aqui é possível identificar semelhanças com o Sartre que também procurava fugir desses desconfortos, admitindo em sua autobiografia que quando criança tinha a Literatura como fuga do mundo das “pessoas grandes”, como ele mesmo dizia, - e será no “palácio dos espelhos” (1963) onde conseguirá encontrar a si mesmo, sozinho e distante.

Clarice Lispector, ao ter que encarar mais do que desconfortos sociais, mas também os existenciais que são acarretados enquanto um ser humano, confessa:

Mas parece que chegou o instante de aceitar em cheio a misteriosa vida dos que um dia vão morrer. Tenho que começar por aceitar-me e não sentir o horror punitivo de cada vez que eu caio, pois quando eu caio a raça humana em mim também cai. Aceitar-me plenamente? É uma violentação de minha vida. Cada mudança, cada projeto novo causa espanto: meu coração está espantado. É por isso que toda a minha palavra tem um coração onde circula sangue. (Lispector, 2020, p. 16)

Afirmamos que o processo de escrita não é fácil, que o ofício de ser um escritor – mesmo que não consiga se reconhecer assim, como é o caso de Lispector – não é fácil. Entretanto, não é fácil nem mesmo ser um Ser Humano que tem que arcar com todos os custos da existência humana, a angústia suscitada pela responsabilidade por cada decisão e pela própria vida é tematizada no existencialismo sartreano, que como vimos anteriormente, a condenação à liberdade revela ao ser o peso diante da própria vida e que não pode ser transferido para ninguém, ou seja, na medida em que é livre, é também o único responsável por si.

O escritor no Universo lispectoriano está mais ainda sujeito a uma existência angustiada que o força a querer ser mais do que poderia e numa difícil definição de si mesmo. Afinal, como já diria o existencialismo sartreano, o ser primeiro existe, é e só a partir disso pode se definir.

Lispector (2020) prossegue em sua explicação sobre o seu processo de escrita e reflete sobre o *ato de pensar*, diferenciando em dois momentos: 1- o pré-pensamento, como um pré-instante ou “o passado imediato do instante” (Lispector, 2020, p. 17), que é preto e branco, não racional, quase virgem, agonizante e como uma “tortuosa criação que se debate nas trevas” (Lispector, 2020, p. 17); 2- o pensamento, este por sua vez é o instante, materializado, concretizado, com palavras, colorido, racional, que liberta e é guiado pelo pré-pensar que pode se ligar à inconsciência. Por essa inquietação, a autora afirma:

Vós me obrigais a um esforço tremendo de escrever; ora, me dê licença, meu caro, deixa eu passar. Sou sério e honesto e se não digo a verdade é porque esta é proibida. Eu não aplico o proibido, mas eu o liberto. As coisas obedecem ao sopro vital. Nasce-se para fruir. E fruir já é nascer. Enquanto fetos fruimos do conforto total do ventre materno. Quanto a mim, não sei de nada. O que tenho me entra pela pele e me faz agir sensualmente. Eu quero a verdade que só me é dada através do seu oposto, de sua inverdade. E não aguento o cotidiano. Deve ser por isso que escrevo. Minha vida é um único dia. E é assim que o passado me é presente e futuro. Tudo numa só vertigem. E a doçura é tanta que faz insuportável cócega na alma. Viver é mágico e inteiramente inexplicável. Eu compreendo melhor a morte. Ser cotidiano é um vício. O que é que eu sou? sou um pensamento. Tenho em mim o sopro? tenho? mas quem é esse que tem? quem é que fala por mim? tenho um corpo e um espírito? eu sou um eu? “É exatamente isto, você é um eu”, responde-me o mundo terrivelmente. E fico horrorizado. (Lispector, 2020, p. 17-18).

E, nessa perspectiva, Clarice procura até na relação com Deus respostas para isso. Procura naquEle que lhe soprou a vida e fabricou a sua imagem e semelhança o caminho para entender e compreender a vida. Acrescentando que deve ser por essa semelhança que Deus diz ao homem para se amar, pois, se amando, será possível amar a Deus e até se perdoar.

Essa procura por um amparo que esteja para além da existência é tema do existencialismo sartreano, que compreende que é uma tentativa do ser humano responder as próprias angústias e temores diante do Nada. O ser que para Sartre está na realidade desamparado, pois não há Criador, divindades ou seres extrassensíveis que possam justificar a existência humana dando-lhe algum auxílio ou sentido para viver, restando apenas a consciência de que não há pré-existência.

Porém, Clarice irá se apegar a essa relação Criador-Criatura, então a autora criará um personagem para através dele conhecer e compreender a si, esse personagem é Ângela, que irá lhe ajudar a compreender o sentido da vida, mostrando

apenas o que inspira a vida e a escrita. Nela e em Ângela. A autora antes de finalizar o prefácio explica:

Este ao que suponho será um livro feito aparentemente por destroços de livro. Mas na verdade trata-se de retratar rápidos vislumbres meus e rápidos vislumbres de meu personagem Ângela. Eu poderia pegar cada vislumbre e dissertar durante páginas sobre ele. Mas acontece que no vislumbre é às vezes que está a essência da coisa. Cada anotação tanto no meu diário como no diário que eu fiz Ângela escrever, levo um pequeno susto. Cada anotação é escrita no presente. O instante já é feito de fragmentos. Não quero dar um falso futuro a cada vislumbre de um instante. Tudo se passa exatamente na hora em que está sendo escrito ou lido. Este trecho aqui foi na verdade escrito em relação à sua forma básica depois de ter relido o livro porque no decorrer dele eu não tinha bem clara a noção do caminho a tomar. No entanto, sem dar maiores razões lógicas, eu me aferrava exatamente em manter o aspecto fragmentário tanto em Ângela quanto em mim. [...] O que está escrito aqui, meu ou de Ângela, são restos de uma demolição de alma, são cortes laterais de uma realidade que se me foge continuamente. Esses fragmentos de livro querem dizer que eu trabalho em ruínas. (Lispector, 2020, p. 19).

É como se Clarice Lispector não realizasse o projeto, que é tão caro na filosofia existencialista sartreana. Ela adverte:

Eu sei que este livro não é fácil, mas é fácil apenas para aqueles que acreditam no mistério. Ao escrevê-lo não me conheço, eu me esqueço de mim. Eu que apareço neste livro não sou eu. Não é autobiográfico, vocês não sabem nada de mim. Nunca te disse e nunca te direi quem sou. Eu sou vós mesmos. Tirei deste livro apenas o que me interessava deixei de lado minha história e a história de Ângela. O que me importa são instantâneos fotográficos das sensações pensadas, e não a pose imóvel dos que esperam que eu diga: olhe o passarinho! Pois não sou fotógrafo de rua. Já li este livro até o fim e acrescento alguma notícia neste começo. Quer dizer que o fim, que não deve ser lido antes, se emenda num círculo ao começo, cobra que engole o próprio rabo. E, ao ter lido o livro, cortei muito mais que a metade, só deixei o que me provoca e inspira para a vida: estrela acesa ao entardecer. (Lispector, 2020, p. 19-20).

A autora finaliza o Prefácio com as seguintes palavras:

A inspiração é como um misterioso cheiro de âmbar. Tenho um pedacinho de âmbar comigo. O cheiro me faz ser irmã das santas orgias do Rei Salomão e a Rainha de Sabá. Benditos sejam os teus amores. Será que estou com medo de dar o passo de morrer agora mesmo? Cuidar para não morrer. No entanto eu já estou no futuro. Esse meu futuro que será para vós o passado de um morto. Quando acabardes este livro chorai por mim uma aleluia. Quando fechardes as últimas páginas deste malogrado e afoito e brincalhão livro de vida então esqueci-me. (Lispector, 2020, p. 20-21).

Novamente, identificamos a angústia diante da finitude da vida, o que Sartre explica ao diferenciar em sua Filosofia o medo e a angústia. Para ele, o medo é sobre o receio de ser afetado por algo externo, enquanto a angústia se refere ao temor

interior diante de si mesmo, da vida humana limitada, da incerteza do futuro e da certeza do fim.

Talvez o que devemos nos ater para agora e para a continuação da análise de *Um Sopro de Vida* é que Clarice tem como a parte mais importante esse movimento puro, as pulsações que são possíveis de vislumbrar a cada página que se prosseguirá, sendo que os apegos as estruturas tracionais do texto o tornam cada vez mais impermeáveis e distantes dessa relação de narrador-personagem, ainda mais quando se trata de uma obra com a presença de três personagens, que perdem o possível fio lógico-inteligível a medida que nesse jogo de ser e não ser, o Autor e Ângela Pralini acabam sendo e não sendo Clarice Lispector, que aparece de forma corriqueira como narrador-personagem.

3.1.2 As vozes de Clarice

A primeira parte da história é intitulada *O sonho acordado é que é a realidade* e inicia com o Autor – como Clarice chama o primeiro personagem que aparece no livro – na história ele é um escritor e está escrevendo um livro sobre um outro personagem que se chama Ângela Pralini, que é uma escritora e que está também construindo um livro. Ou seja, Lispector fez um livro sobre um autor que está fazendo um livro sobre uma autora que está escrevendo um livro. E, o Autor descreve Ângela com as seguintes características: “Comprimento: ela falando Largura: atrás do pensamento Profundidade: eu falando dela, dos fatos e sentimentos e de seu atrás do pensamento.” (Lispector, 2020, p. 25)

Ângela Pralini é criada após um sonho em que o Autor brincava com o próprio reflexo, porém, quando olhava para o espelho não via a si e sim outra pessoa. E, o Autor lhe iluminará o caminho para que possa ver o descaminho em que estão, enquanto, contidamente alegre, a assistir levantar suas asas para voar.

Pralini irá vibrar, mesmo quando o Autor morrer, ela é um espelho, festa de nascimento, esculpida com raízes retorcidas no seu criador e que fala como seu interior, o Autor fez a Pralini porque necessitava de uma fac-símile de diálogo, ou seja, o aparelho que reproduz seus diálogos. Semelhantemente, no Existencialismo de Sartre é o ser humano que inventa o Criador supremo como forma de encarar a si mesmo.

Assim como Deus³⁵ soprou nos seres vivos, se fará o mesmo com este personagem – Ângela Pralini - que foi inventado. Quando inventou? Quando isso começou? Não sabe dizer ao certo, pois foi de repente, quase como o instante em que se lança ao suicídio e sem aviso prévio. Afinal, “escrever é sem aviso prévio” (Lispector, 2020, p. 29).

Antes de apresentar o livro sobre Ângela Pralini, mas explicando para o leitor sobre ela, o Autor confessa que não sabe o que esperar de Pralini, que precisa de paciência para não se perder dentro de si, já que é vários caminhos em si mesmo, “inclusive o fatal beco sem saída” (Lispector 2020, p. 29). Agora sim é possível nos aproximar do projeto de ser do Sartre que é sobre os caminhos que irão se percorrer para construir a si mesmo.

E, continua o personagem Autor:

Sou um homem que escolheu o silêncio grande. Criar um ser que me contraponha é dentro do silêncio. Clarineta em espiral. Violoncelo escuro. Mas consigo ver, embora mal e mal, Ângela de pé junto a mim. Ei-la que se aproxima um pouco mais. Depois senta-se ao meu lado, debruça o rosto entre as mãos e chora por ter sido criada. Consolo-a fazendo-a entender que também eu tenho a vasta e informe melancolia de ter sido criado. Antes tivesse eu permanecido na imanesença do sagrado Nada. Mas há uma sabedoria da natureza que me faz, depois de criado, mover-me sem que eu saiba para que servem as pernas. Ângela, eu também fiz meu lar em ninho estranho e também obedeco à insistência da vida. Minha vida me quer escritor e então escrevo. Não é por escolha: é íntima ordem de comando. E assim que recebi o sopro de vida que fez de mim um homem, sopro em você que se torna uma alma. Apresento você a mim, te visualizando em instantâneos que ocorrem já no meio de tua imaginação: você não começa pelo princípio, começa pelo meio, começa pelo instante de hoje. (Lispector, 2020, p. 29-30)

É interessante notar que assim como se revelam nas biografias de Sartre e Clarice, a escrita assume aqui um papel inerente a existência do personagem e crucial para a continuidade da sua vida.

Partindo disso, o Autor esclarece que Pralini é mais do que ele, que é incômodo ser dois, o eu-para si e o eu-para o outro e, por isso, ela é tão necessária, por ela não se reconhecer, confunde o para-mim e o de-mim. Ressaltamos que Pralini é parte do Autor, então esse é um diálogo consigo, o que nos permite identificar semelhança com

³⁵ O Autor age como Deus a criar Ângela Pralini, assim como Deus o criou, contudo, após passar tempo com Ângela o Autor, que se achava no topo da criação, percebe sua dependência dos outros dois para poder existir.

o Para-si em Jean Paul Sartre, que se refere a esse direcionamento reflexivo do eu diante de si mesmo.

Dando continuidade a análise da obra de Lispector, o Autor frisa as diferenças entre ele e Ângela, Criador-criatura, diz: “Eu como escritor espalho sementes. Ângela Pralini nasceu de uma semente.” (Lispector, 2020. p. 31). Portanto, não são frutos da mesma árvore, sendo ela tudo o que ele não conseguiu ser e queria que ela vivesse a vida no seu lugar, porém, Pralini só quer o clímax da vida.

Ele explica:

O que é ela? ela é as ondas do mar. Enquanto eu sou floresta espessa e sombria. Eu sou no fundo. Ângela se espalha em estilhaços brilhantes. Ângela é a minha vertigem. Ângela é a minha reverberação, sendo emanção minha, ela é eu. Eu, o autor: o incógnito. É por coincidência que eu sou eu. Ângela parece uma coisa íntima que se exteriorizou. Ângela não é um "personagem". É evolução de um sentimento. Ela é uma ideia encarnada no ser. No começo só havia a ideia. Depois o verbo veio ao encontro da ideia. E depois o verbo já não era meu: me transcendia, era de todo o mundo, era de Ângela. (Lispector, 2020, p. 31)

Sendo assim, Pralini é feita do Autor, mas não se confunde com ele, pois o transpassa, que se pergunta *se a fez para ter um diálogo consigo mesmo?* E responde que a inventou porque precisa se inventar também. Tal pensamento, nos remete a transcendência do ser sartreano, representada pelo Para-si que transcende a própria existência humana em busca de constituir-se.

Então, se encaminha para a história com o personagem Ângela Pralini e agora toda a obra se desenrola a partir da relação do Autor com Pralini, entretanto, ela não o responde ou interage com ele, já que ela que faz parte da história dele e não o contrário.

O Autor inicia frisando as contradições entre ele e Ângela, pontuando que para ele não houve exatamente um começo, mas para este personagem sim. Pois, ele sempre esteve lá, ela não, apesar de que ele também já começou várias vezes, e ela agora está começando junto. Assim, se percebe que só é possível uma pré-existência se houver um Criador e por querer tanto algo que justifique a sua existência que para Sartre o ser humano constrói as divindades – como já colocamos anteriormente.

Avançando, Pralini reúne em si “água e deserto, povoamento e ermo, fartura e carência, medo e desafio.” (Lispector, 2020, p. 33). Enquanto ele é recluso, ela é graciosa. Ele possui destino e ela não tem fim, é desproposital e não tem compromisso nem com a vida, nem com a Literatura, nem parece conhecer a si mesma. E ele diz:

Será que eu sei verdadeiramente que eu sou eu? Essa indagação vem de que observo que Ângela não parece saber a si mesma. Ela desconhece que tem um centro dela e que é duro como uma noz. De onde se irradiam as palavras. Fosforescente. Desânimo. Gosto de cigarro apagado. A sensação é a alma do mundo. A inteligência é uma sensação? Em Ângela é. Noto que os meus imitadores são melhores que eu. A imitação é mais requintada que a autenticidade em estado bruto. Estou com a impressão de que ando me imitando um pouco. O pior plágio é o que se faz de si mesmo. A luta é dura: se eu for fraco morro. Quanto a Ângela, devo dizer que sei perfeitamente que ela é apenas um personagem. Estou absolutamente lúcido e posso falar com alguma objetividade. Mas o que eu não entendo é por que inventei Ângela Pralini. Foi para enganar alguém. Talvez. O pouco de popularidade que eu tenho me desagrada. E há também os meus imitadores. Mas e eu? Para que estilo eu vou, se já fui tão usado e manuseado por algumas pessoas que tiveram o mau gosto de serem eu? Vou escrever um livro tão fechado que não dará passagem senão para alguns. Ou talvez eu não escreva nunca mais. Nada sei. O futuro - como diria Ângela - pesa toneladas em cima de mim. Estou perdido neste domingo sem frio e sem calor, já tendo me refugiado (Lispector, 2020, p. 35).

Esse conflito no escritor o faz necessitar desse livro e, sobretudo, desse personagem, que converge com o escritor Sartre, ao ver na Literatura a possibilidade de alívio diante do peso existencial, mas que em sua Filosofia existencialista aborda a vida autêntica, que se refere ao ser que assume a responsabilidade pela sua vida como contrário a má-fé, que é sobre quem foge diante das angústias e temores, delegando para outros a sua responsabilidade, o que perceberemos no Autor, pois veremos que Pralini existe, também, para arcar com o peso dos sofrimentos de seu Criador, que coloca nela uma carga que é muito mais dele.

O personagem Autor encerra a sua introdução se questionando se *a sua escuridão fatal é sinal de uma luz fatal?* Ele confessa que já é acostumado com a escuridão e teme a luz fatal. Que ele e Ângela transcendam ao humano. Então, ele encerra a introdução do seu livro e inicia a história, em que ele será um narrador-personagem e inicia confessando que criou Ângela Pralini há um tempo, mas que este personagem está lhe deixando muito inquieto, então, escreve um livro para ver se consegue se comunicar com ela ao colocar tudo em palavras, enquanto ela também está escrevendo um livro. Mas, ele escreve durante a madrugada e ela durante o dia, mostrando como ele se identifica com a escuridão – solidão – e ela com a luz – alegria.

Com muito esforço ele está escrevendo, pois há muitas coisas que não consegue traduzir em palavras, acostumado com a escuridão é o silêncio que o melhor expressa. Ângela Pralini também está tentando escrever, mas se sente ansiosa e aflita. O que fazer? Ele a aconselha a não começar pelo começo, mas pelo meio, pelo

agora – Clarice sempre falou em suas entrevistas que não começava suas histórias pelo começo, mas sim pelo meio –. Isso é um diálogo ou um duplo diário? É o Autor quem faz esta interrogação e só responde que há ali uma tentativa de ser dois, mas como ele só conhece sobre o *ato de escrever* então, Pralini precisará escrever também.

Ângela está introduzindo a sua obra relatando que nasceu junta com a solidão daquele momento e ela tem se prolongado tanto que parece mais ser a *solidão de Deus* e do deserto, sendo o frio a sua única companhia. Esta é a solidão do seu Criador, do escritor e a acompanhará também.

O narrador-personagem considera as palavras de Pralini desabafos como vindas do irracional dela, antipalavras, mas a deixará falar, pois ele a criou assim, inconsequente. E, ela prossegue em sua introdução, em que retrata, inicialmente, a sua dificuldade em viver, pois nunca se quer premeditou sobre o *ato de viver*, apenas brotou das trevas e está lutando para continuar (sobre)vivendo – novamente, nos remetemos a Jean-Paul Sartre que evidência o sofrimento do ser diante da indeterminação da vida, que lançado no mundo não teve nenhum manual de instrução do sobrevivente - o Autor analisa a sua fala e observa que ela parece se dirigir a ele, mas, não é! É para o ar! Ele leva em consideração? Sim! Ele diz: “eu aproveito do que ela fala porque ela é de mim para mim [...] ela diz o que eu não tenho coragem de dizer” (Lispector, 2020, p. 40). Ora, como já afirmamos aqui, o Autor jogará em Pralini suas responsabilidades.

Assim, como Sartre usava o “palácio de espelhos” para encontrar a sua única companhia que era ele mesmo, Pralini dará seguimento revelando que também tem de ser sua própria amiga por conta da solidão e conta:

ANGELA - Eu te amo tanto como se sempre estivesse te dizendo adeus. Quando estou só demais, uso guizos ao redor dos tornozelos e dos pulsos. Então quase cada um de meus pensamentos se externam e voltam para mim como respostas. Minha mais tênue energia faz com que eles logo vibrem estremecendo em luz e som. Eu tenho que ser minha amiga, senão não aguento a solidão. Quando estou sozinha procuro não pensar porque tenho medo de repente pensar uma coisa nova demais para mim mesma. Falar alto sozinha e para "o quê" é dirigir-se ao mundo, é criar uma voz potente que consegue – consegue o quê? A resposta: consegue - consegue o quê? A resposta: consegue o "o quê". "O quê" é o sagrado sacro do universo. (Lispector, 2020, p. 41).

Ângela Pralini prossegue confusa por não saber sobre *o quê escrever em seu livro*? Nesse interstício, o Autor resolve tirar férias de si e deixar ela falando, após

aconselhá-la a só falar para que ele não morra completamente. Ele afirma novamente: “Ângela tem asas” (Lispector, 2020, p. 42) e gosta do que não entende. Ela se sente como uma atriz para si mesma, que não gosta de ser sincera e finge ser uma pessoa, mas não é nada. Sabe o que ela faz? Ela cuida da vida.

Isto posto, o narrador-personagem afirma que ela é única e será o ato que o representará, visto que ele está perdido do seu próprio destino, com um pedido eterno que é *sempre poder pedir*, vive apenas porque nasceu, e, assim, como o nascimento a sua morte nada lhe simbolizará. Dirige-se à Ângela e pede que: “Chore! Dê um grito de dor! Um grito vermelho!” (Lispector, 2020, p. 43).

Sem poder lhe responder, ela prossegue em seu relato e se pergunta se é *pura*? Não responde, mas o narrador-personagem responde que a pureza lhe seria violenta e ela é cor de avelã. Dessa maneira, se encerra esse relato de introdução de Ângela sobre ela mesma, revelando que está pintando um quadro chamado de *Sem Sentido*. Nota-se que de fato esse foi um dos quadros³⁶ de Lispector.

O Autor passa a narrar os fatos da vida dela, que possui os seguintes traços biológicos, segundo conta: “nasceu no Rio de Janeiro, tem 34 anos, um metro e setenta de altura e é bem-nascida, embora filha de pais pobres. Uniu-se a um industrial” (Lispector, 2020, p. 45).

Ângela Pralini se via como um passaporte individual, pertencente ao mundo. Era um casulo do Autor, que só após a sua metamorfose e ficar sozinho e mudo que a soltaria para ser uma leve borboleta. O Autor ainda acrescenta que ela é intuitiva, curva interminável sinuosa espiral, não tinha medo de errar com o uso das palavras, sem equilíbrio, sem se reprimir. Ela se via como uma estrela espatifada e que virou caco no chão. Ângela é um nome! Isso é pouco? Para ela, sim. A citação a seguir ratifica como ela se sentia:

ÂNGELA - Falando sério: o que é que eu sou? Sem resposta. [...] Eu sou nome. Eis a resposta. É pouco. De repente eu me vi e vi o mundo. E entendi: o mundo é sempre dos outros. Nunca meu. Sou o pária dos ricos. Os pobres de alma nada armazenam. A vertigem que se tem quando num súbito relâmpago-trovoada se vê o clarão do não entender. EU NÃO ENTENDO!

³⁶ Foi por volta de 1975, de março a setembro, que Clarice dedicou-se mais à pintura, como um mero passatempo. No decorrer desse ano e do seguinte, pintou dezoito telas. Essa atividade mostra coerência com os fragmentos que escreve nessa época e que, depois, irão compor o universo da personagem de *Um Sopro de Vida*. De fato, nota-se uma tendência para se deslocar cada vez mais do figurativo, na escrita, aproximando-se do ritmo e de sons puros, desvinculados de compromissos com a linha contínua do discursivo e da história; e na pintura, detendo-se em cores e linhas, com manchas fortes, em construção que indicia inquietação e turbulência interior (Gotlib, 2013, p. 593).

Por medo da loucura, renunciei à verdade. Minhas ideias são inventadas. Eu não me responsabilizo por elas. O mais engraçado é que nunca aprendi a viver. Eu não sei nada. Só sei ir vivendo. Como o meu cachorro. Eu tenho medo do ótimo e do superlativo. Quando começa a ficar muito bom eu ou desconfio ou dou um passo para trás. Se eu desse um passo para a frente eu seria enforcada pelo amarelado de esplendor que quase cega. [...] Minha vida é um grande desastre. É um desencontro cruel, é uma casa vazia. [...] Minha vida é um reflexo deformado assim como se deforma num lago ondulante e instável o reflexo de um rosto. Imprecisão trêmula. Como o que acontece com a água quando se mergulha a mão na água. Sou um palidíssimo reflexo de erudição. Minha receptividade se afina registrando sem parar as concepções de outros, refletindo no meu espelho os matizes sutis das distinções entre as coisas da vida. Eu que sou um resultado do verdadeiro milagre dos instintos. Eu sou um terreno pantanoso. (Lispector, 2020, p. 47-49).

Ângela é tudo isso apresentado na citação e mais um pouco. Ela é o contrário de seu criador, pois ele admite o seu fracasso na vida, sobrando-lhe apenas o silêncio e deu a Ângela Pralini uma forma de vida tão potente que parece até mais real do que quem a inventou – a saber, o Autor -, e reconhece não ser possível possui-la, nem mesmo diante do espelho, o seu criador a ver como desequilibrada e sabe que ela é aventureira, que gosta de perigos, mas ele lhe pede que tenha cuidado com a fragilidade deles dois. Ela é Extra situacional. “Livre das velharias científicas e filosóficas” (Lispector, 2020, p. 51).

O problema de viver é algo comum ao próprio ser, como salientou Sartre em sua filosofia existencialista. Assim, o narrador-personagem prossegue contando que passar por esse livro é identificar que, além do problema de viver, Ângela e ele possuem outro problema em comum: *o da escrita compulsiva* e que acha “que parar de escrever é parar de viver”. (Lispector, 2020, p. 52) – incontestavelmente, nota-se a voz de Clarice Lispector aqui. Inclusive, Pralini explica que o seu ser existe entre a palavra e o pensamento.

Além disso, ela também confessa que se dá melhor consigo mesma quando está infeliz, pois acontece um encontro, identifica-se melhor quando está *levemente infeliz*. Acerca disso, o Autor diz que gostaria de curá-la de si mesma. Como quem lhe responde, já que em seguida ela declara: “Sou a contemporânea de amanhã.” (Lispector, 2020, p. 55). Por isso, quer procurar entender o entendimento e pintar um quadro de um quadro.

Conforme o Autor, Pralini vive no futuro, como se cada dia tivesse um amanhã no futuro, mesmo que ela não queira quebrar o pensamento existente no presente. Para ele, Ângela está rodeada de um enigma intangível – característica que também

era de Clarice Lispector apresentada no tópico anterior -. Apesar disso, Pralini anseia descobrir novas coisas em si mesma, porém confessa que quando entra em si, rapidamente, logo quer sair assustada com tanta voracidade e ímpeto. Todavia, de vez em quando ela se recolhe sozinha, nua e sem função, apenas pensando. Se pensar for uma função, então, ela não estará tão sem função assim.

Só é ciente que a única vez que será chamada e eleita será pela morte e ela ainda não gostaria de isso acontecer. Tenta continuamente se equilibrar no instável. Adiante, o Autor confessa que Ângela é a sua grande aventura e tantas outras coisas que ele se perde a escutando falar, até que nota que tem esquecido a sua própria vida e cuidado apenas de Ângela, por isso encerra essa parte de seu livro e escreverá para o ar, de forma livre. E, o que deseja o Autor nessa parte do seu livro? Surpreender a si mesmo e confessa:

Ser tomado de assalto: estremecer diante do que nunca foi dito por mim. Voar baixo para não esquecer o chão. Voar alto e selvagemmente para soltar as minhas grandes asas. Até agora parece-me que eu não voei grande. Este livro, estou desconfiado, também não me fará voar apesar do desejo. Porque não se decide nessa matéria, nessa matéria vale o que acontece quando vindo do nada. Mas o pior é que já está gasto o pensamento da palavra. Cada palavra solta é um pensamento grudado a ela como unha e carne. (Lispector, 2020, p. 78).

Ângela segue falando e então diz que é o *atrás do pensamento*. O autor aponta que parece que ele está falando, mas é ela quem fala por ele. Com base nisso, ele admite que esse é o seu diálogo interior e tudo isto se refere ao seu estado *estou sendo*. Logo, quer quebrar os limites da raça humana, liberdade para imaginar, mas isso se revelaria na realidade? Ou a antecede? A vida é um real sonho só que em câmara lenta, segundo ele. Ângela é um sonho do Autor, que parte da linguagem para a existência.

Ambas as vozes prosseguem nesse diálogo sobre o Desconhecido que se pode alcançar na vida, a liberdade de sonhar, imaginar e realizar, e, como o processo de escrita, que é solitário, possibilita o acontecimento de todos esses anseios e por isso é libertador, mas doloroso. Tal perspectiva aparece no escritor Sartre ao revelar que apesar da escrita lhe sugar completamente, ela permite uma realização e satisfação inigualável.

Então, se passa para a segunda parte da história que é intitulada *Como tornar tudo um sonho acordado*? E, de forma mais breve, o Autor irá escrever em seu diário

mais sobre os fatos. Enquanto isso, Ângela também escreverá um diário sobre as situações que lhe ocorrem cotidianamente. Só que ambos estarão escrevendo sobre o *ato de escrever* e não sobre o que ocorre externamente.

Sobre o *ato de escrever*, o Autor revela que não pensa nem em si e nem no leitor ao escrever, só nas palavras ditas. Ele vê a palavra como o dejetivo do pensamento. Não escreve porque quer, mas por necessidade. Sente-se coisificado quando lhe chamam de escritor – outra semelhança com Clarice -, rejeita e odeia esse papel e mesmo que neste livro careça de explosão, aqui só haverá implosão.

Concomitante a ele, Ângela conta que gosta das palavras, mas tem dificuldades em definir sobre o que escrever, quando pensa em definir algo pensa na existência, no outro e no que fazer com isso, mas ainda é confuso – existir é confuso -. É que ela quer viver muito, só sentir e escrever não é isso. Não gosta de publicar o que escreve, tem vergonha, tem feito mais crônicas para um jornal, o que ela não considera como Literatura, mas paraliteratura. E, seus contos? Foram rejeitados pelas editoras por serem considerados fora da realidade. Enquanto isso, está se dedicando a tapeçarias.

Na esteira dessa reflexão sobre a escrita, Jean-Paul Sartre verá a escrita como uma forma de afetar a realidade. Apesar do sofrimento que vivência ao ser pressionado a se tornar escritor, diferente de Lispector, ele irá assumir esse cargo com todo ônus, pois verá na Literatura um modo de se engajar com o mundo e se possível, transformá-lo. Lispector não acreditava que seria possível impactar o mundo a partir da sua escrita e por isso rejeita ao ofício de ser Escritora ou Literata.

Para dá continuidade, o Autor passará ao livro de Ângela, que sofre muito para definir sobre o que escrever, até que decide escrever sobre *coisas*, o que ela também é e se sente encantada e atraída pela aura de várias delas, com uma das epígrafes de sua autoria sendo: “Só me interessa o que não se pode pensar – o que se pode pensar é pouco demais para mim.” (Lispector, 2020, p. 109). A lista será a seguinte: mulher-coisa, mãe-coisa – essas duas primeiras ela se identifica com elas –, o biombo, o estado de coisa, o indescritível, a caixa de prata, a casa, o relógio, o gradil de ferro, o carro, a vitrola, a borboleta, a lata de lixo, a joia, o elevador, um ser.

Após o seu livro, o Autor confessará está apaixonado por Ângela Pralini, que é louca e apressada, é um amor-ódio daquela que humaniza coisas, que não tem medo do futuro e não quer a morte. Enquanto ele procura se apaziguar com Deus, tem medo do futuro e sabe que a morte é inevitável e está próxima – mais uma vez, identificamos

este ser que recorre ao divino para sanar suas angústias, em vez de encarar como a vida de fato é, algo que será veemente criticado por Sartre.

Nas páginas finais, os personagens de Clarice Lispector abordarão o Divino e a Morte como temas principais, necessários e, devidamente, no final da história que foi escrita próximo a morte da Autora que finaliza na voz da escritora-personagem, o reflexo do espelho:

ANGELA- Está amanhecendo: ouço os galos. Eu estou amanhecendo. O resto é a implicância tragédia do homem – a minha e a sua? O único jeito é solidarizar-se? Mas “solidariedade” contém eu sei a palavra “só”. [Quando o olhar dele vai se distanciando de Ângela e ela fica pequena e desaparece, então o AUTOR diz:] - Quanto a mim também me distancio de mim. Se a voz de Deus se manifesta no silêncio, eu também me calo silencioso. Adeus. Recuo meu olhar minha câmera e Ângela vai ficando pequena, pequena menor - até que a perco de vista. E agora sou obrigado a me interromper porque Ângela interrompeu a vida indo para a terra. Mas não a terra em que se é enterrado e sim a terra em que se revive. Com chuva abundante nas florestas e o sussurro das ventanias. Quanto a mim, estou. Sim. "Eu... eu... não. Não posso acabar." Eu acho que... (Lispector, 2020, p. 174-175).

O livro que termina com reticências para mostrar a continuidade da existência criadora mesmo quando a criatura se vai - que é ela também - e acaba, revelando que ele não possui um final e voltamos ao começo, para novamente ver se algo nascerá daquelas palavras, que é o que Clarice espera que aconteça todas as vezes que “termina” um livro, como forma de solucionar inclusive a angústia diante da finitude existencial humana.

Desse modo, podemos notar a escrita de Lispector como carregada de muitos elementos existenciais e perspectivas sobre a escrita que se assemelham com a de Jean-Paul Sartre. Ao construir seus personagens, Lispector nos mostra a ânsia por liberdade, a angústia diante do peso da vida e como o ser se constrói conforme experiencia a vida, além disso notamos o ofício do escritor como solitário e é por isso que nos próximos subtópicos iremos nos ater, especificamente, a esse ponto que é nosso objeto principal, aproximando teoricamente ainda mais Clarice Lispector e Jean-Paul Sartre a respeito do processo de escrita.

3.2 A solidão da escrita ou a escrita da solidão

A palavra solidão teve sua origem no latim *solitudnem*, *solus*, que é associado ao termo solidão e, concomitantemente, a respectiva forma em latim *solitatem*, ela diz respeito à qualidade de estar sozinho, ou seja, de sentir-se desamparado. Este é um dos estados e sentimentos mais comuns entre as pessoas atualmente, que vivem

suas vidas mais afastadas umas das outras, passando pela ausência do outro. Na sociedade atual, isso pode vir a acontecer por inúmeros motivos, entres eles, o desejo de estar sozinho, mesmo tendo pessoas disponíveis para lhe fazer companhia; ou estar sozinho por não ter ninguém para dividir a vida, a depender do indivíduo, isso pode vir a causar tristeza ou felicidade.

A solidão pode vir a possuir dois caminhos distintos, um positivo, que aproveita e permite esse sentimento tipificado pela tranquilidade e ausência de outros, em que é possível refletir, pensar, se conhecer-se e se sentir com liberdade para fazer uso do seu lado criativo e de impulsos motivadores, que, no caso de muitos artistas, é quando usam da inspiração para criar uma obra e isso dificilmente é feito na presença de um número vasto de pessoas.

O segundo caminho, é o negativo, esse se refere ao cenário em que a solidão se torna um martírio, uma grande dor, tornando-se difícil de ter que aguentar o *estar só*, mesmo que em alguns momentos esteja fisicamente com outras pessoas. Nesse caminho, a solidão abre margem para a angústia e o pesar em um espírito que não possui ninguém além de si mesmo, revelando a vulnerabilidade e o desamparo da existência humana.

Partindo disso, os autores Jean-Paul Sartre e Clarice Lispector tematizaram em suas obras sobre a *solidão* que acompanha o escritor. Como analisamos anteriormente nas referidas obras dos autores, em muitos momentos o *estar só* é desejado, mas em outros é completamente rejeitado pelo escritor que sente o peso da sua própria companhia. Para cumprir com o objetivo de consumir o encontro entre Sartre e Clarice, apresentaremos neste próximo subtópico, uma reunião entre eles, ou seja, aqui adiante será proposto um diálogo existencial entre ambos.

3.2.1 O que há entre uma palavra e outra?

Há uma resposta única para a pergunta que nos conduz nesse subtópico? Certamente, não, pois há um Universo de coisas e sensações entre as palavras, inclusive, o *nada*. Entretanto, apontaremos uma das possíveis respostas a partir do diálogo entre Sartre e Clarice sobre o exílio do Escritor, que tem a solidão como eterna companheira.

Para iniciar esse diálogo, refletiremos sobre o exílio. Exílio ou ser exilado é estar lançado no mundo sozinho, aquém da vida com os outros, é uma punição desde os tempos mais remotos da humanidade, uma vez que o ser humano não sabe viver

sozinho e sempre sofre quando se sente marginalizado ou excluído na sociedade. Aristóteles já dizia que o homem é um animal político, ele é um ser sociável e que passa por muitos mais traumas se afastado da sua comunidade.

Todavia, o que acontece com o escritor? Que abdica da presença, se coloca na posição de silêncio, ironicamente, ao dedicar-se às palavras, se colocando por "livre e espontânea" vontade na posição de escritor, que necessita estar solitário para produzir a respeito do que enxergar? Acontece que ele vivência um exílio para exercer o ofício da escrita, como é possível identificar no pensamento dos autores. Citamos primeiramente Jean-Paul Sartre:

O escritor não prevê nem conjectura: ele *projeta*. Acontece muitas vezes que fique à espera de si mesmo; que espere, como se diz, a inspiração. Mas não se fica à espera de si mesmo como se fica à espera dos outros; ele hesita, sabe que o futuro ainda não, está feito e que é ele mesmo quem o fará; se ainda não sabe o que acontecerá ao seu herói, é que simplesmente ainda não pensou no assunto, ainda não decidiu; [...] Assim, para onde quer que se volte, o escritor só encontra o seu saber, a sua vontade, os seus projetos, em suma, a si mesmo; nada atinge além da sua própria subjetividade; o objeto por ele criado está fora do seu alcance, ele não o cria para si. (Sartre, 2015, p. 41).

Paralelamente, identificamos a perspectiva de Clarice Lispector, na biografia que Nadja Battella Gotlib faz sobre ela, diz:

A atividade da escrita exige, em certos momentos, total isolamento. Mas nunca foi aceita por Clarice como uma obrigação. Afirmo, reiteradas vezes, que não é intelectual, não usa a inteligência, não tem erudição. E que não é profissional: "Porque eu só escrevo quando eu quero". Sob esse aspecto, considera-se uma "antiescritora": "E eu não sei me comandar. Escrevo só quando a 'coisa vem'". Daí o tipo de escrita compulsiva: "Eu queria saber o que pretendem de mim os meus livros. Daí o peso que é escrever: "Escrever é um fardo. A minha libertação seria poder não escrever", principalmente por causa da necessária solidão: "Olhe, eu tenho amigos, amizades, mas escrever é um ato solitário. [...] Às vezes sinto solidão. [...] Muito profunda até". (Gotlib, 2013, p. 52).

Posto isso, compreendemos que o exílio do escritor é necessário e crucial ao seu processo de criação literária, essa que é impulsionada pelo mundo externo, mas também pelo Universo que há no interior do sujeito escritor, que só em reclusão consegue acessá-lo, ouvi-lo e entender o que se passa ali dentro.

Durante os anos de suas vidas, sempre estavam postos a escrever noites a fio, aproveitando da inspiração que os arrebatava em momentos singulares de isolamento, ou seja, sozinhos consigo mesmo, Sartre e Clarice aproveitavam esse momento de silêncio onde podiam ficar absortos em seus próprios pensamentos e

permitirem que a realidade pensada por cada um deles ganhasse forma. Tal situação é revelada pelos autores. Apresentamos a citação em que Clarice fala sobre estar sozinha para escrever:

Tudo o que aqui escrevo é forjado no meu silêncio penumbra. Vejo pouco, ouço quase nada. Mergulho enfim em mim até o nascedouro do espírito que me habita. Minha nascente é obscura. Estou escrevendo porque não sei o que fazer de mim. Quer dizer: não sei o que fazer com meu espírito. O corpo informa muito. Mas eu desconheço as leis do espírito: ele vagueia. Meu pensamento, com a enunciação das palavras mentalmente brotando, sem depois eu falar ou escrever esse meu pensamento de palavras é precedido por uma instantânea visão, sem palavras, do pensamento palavra que se seguirá, quase imediatamente - diferença espacial de menos de um milímetro. (Lispector, 2020, p. 16).

Em concordância com que o pontuamos, a escritora Thana Mara de Souza utiliza, em seu livro *Sartre e a Literatura Engajada*, no capítulo *A Especificidade da Prosa*, um trecho da obra *Que é literatura?* do Sartre que corrobora a respeito do que estamos tratando:

E que essas artes são necessárias e indispensáveis, pois a comunicação pressupõe momentos de solidão narcisista e também porque "há sempre muito mais em cada frase, em cada verso, como no céu amarelo acima do Gólgota há mais que uma simples angústia". (Souza, 2008, p. 37).

Nesse caminho, os autores creêm que a escrita é uma necessidade tão importante quanto respirar, escrever é viver, viver tão intensamente que quando não tivermos certeza sobre nada, ainda sentiremos no âmago, no coração que pulsa que a escrita é a certeza, pois é com ela e por ela que nos comunicamos, tanto Sartre quanto Clarice acreditam nisso, como a passagem a seguir do filósofo confirma:

Eu perdi muitas ilusões literárias: que a literatura tenha um valor absoluto, que ela possa salvar um homem ou simplesmente mudar os homens (exceto em circunstâncias especiais), tudo isso me parece, hoje, primário: o escritor continua a escrever, uma vez perdidas as ilusões, porque ele, como dizem os psicanalistas, investiu tudo na escrita. [...]. Mas me resta uma convicção, uma só, a qual eu não abandonarei: escrever é uma necessidade para todos. É a forma mais elevada da necessidade de comunicação. (Sartre, 1972, p. 38).

Corroborando o pensamento de Sartre, Clarice Lispector afirma na seguinte passagem:

Minhas intuições se tornam mais claras ao esforço de transpô-las em palavras. É neste sentido, pois, que escrever me é uma necessidade. De um lado, porque escrever é um modo de não mentir o sentimento (a transfiguração involuntária da imaginação é apenas um modo de chegar); de outro lado, escrevo pela incapacidade de entender, sem ser através do processo de escrever. Se tomo um ar hermético, é que não só o principal é não mentir o sentimento como porque tenho incapacidade de transpô-lo de um modo claro sem que o minta - mentir o pensamento seria tirar a única

alegria de escrever. Assim, tantas vezes tomo um ar involuntariamente hermético, o que acho bem chato nos outros. Depois da coisa escrita, eu poderia friamente torná-la mais clara? Mas é que sou obstinada. E por outro lado, respeito uma certa clareza peculiar ao mistério natural, não substituível por clareza outra nenhuma. E também porque acredito que a coisa se esclarece sozinha com o tempo: assim como num copo d'água, uma vez depositado no fundo o que quer que seja, a água fica clara. Se jamais a água ficar limpa, pior para mim. Aceito o risco. Acetei risco bem maior, como todo mundo que vive. E se aceito o risco não é por liberdade arbitrária ou inconsciência ou arrogância: a cada dia que acordo, por hábito até, aceito o risco. (Lispector, 2010, p. 103).

Isto posto, as palavras para ambos possuem uma força motora dentro da realidade, uma vez que permite a eles se comunicarem com o mundo, transpor em palavras seus questionamentos e criações acerca de outras perspectivas que não seriam possíveis de serem percebidas se não estivessem envoltos pela a escrita.

Diante disso, a autora afirma que para escrever precisa estar lançada ao vazio, e somente, nesse momento que passa a existir. Da mesma forma, Sartre, defende que passou a existir porque escrevia, Lispector também fará a mesma afirmativa (2020). A citação a seguir corrobora tal perspectiva, afirma Sartre:

Começava a descobrir-me. Eu não era quase nada, quando muito uma atividade sem conteúdo, mas não era preciso mais. Eu escapava à comédia: não trabalhava ainda, porém não brincava mais, o mentiroso encontrava sua verdade na elaboração de suas mentiras. Eu nasci da escrita: antes dela, havia tão somente um jogo de espelhos; desde o meu primeiro romance, soube que uma criança se introduzira no palácio dos espelhos. Escrevendo, eu existia, escapava aos adultos: mas eu só existia para escrever, e se eu dizia eu, isso significava: eu que escrevo. Não importa: conhecia a alegria; a criança pública marcou consigo mesma encontros privados. (Sartre, 2018, p. 92).

A partir disso, ambos os autores também assumem a alcunha que escrever é liberdade, é viver sem amarras, é poder tudo e realizar-se da forma mais desejável possível. Clarice irá exemplificar que é como voar, estar em movimento é finalmente ser “eu” e para Sartre a escrita possibilita se desconectar da realidade que ele não pode controlar, tendo liberdade para decidir o que vai acontecer, Sartre se sente onipotente, essa sensação vivenciada pelo autor é descrita na sua autobiografia, onde conta como ficou encantado e com os olhos alucinados frente às possibilidades imaginativas de ser e criar o que quisesse.

Prosseguindo o diálogo sobre o pensamento dos referidos autores, notamos que enquanto Sartre faz a afirmação categórica que não existe um destino pré-determinado, Clarice questiona se de fato não existiria um destino e se o seu destino no final das contas não foi sempre ser livre, mas tão rápido quanto a questão ter uma

sina estabelecida, ela responde que não seria possível estar marcada a ser algo que sempre foi e não necessitava de permissão para ser, ou seja, podemos identificar a aproximação com o conceito existencialista de liberdade defendido por Sartre, que afirma que o ser humano é condenado a ser livre e que não houve determinação divina ou que é possível cercear a liberdade de alguém, a seguir a explicação da autora a respeito do mencionado:

Escrevo quase que totalmente liberto de meu corpo. É como se este estivesse em levitação. Meu espírito está vazio por causa de tanta felicidade. Estou tendo uma liberdade íntima que só se compara a um cavalgar sem destino pelos campos afora. Estou livre de destino. Será o meu destino alcançar a liberdade? não há uma ruga no meu espírito que se espraia em leves espumas. Não estou mais acossado. Isto é a graça. (Lispector, 2020, p. 14).

Elucida Sartre (1970):

Para começar, não encontra desculpas. Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. [...] Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz (Sartre, 1970, p. 18).

Avançando nessa relação, na obra *Um Sopro de Vida* (1978), podemos identificar alguns elementos que corroboram para a afirmação que defendemos nessa pesquisa: que o escritor se afasta dos outros para escrever, porque a escrita é um ato solitário, que demanda esse ausentar-se e trata a respeito dos temas que moldam a nossa existência enquanto seres pensantes. O prefácio da obra de Clarice estabelece a relação com a angústia, que é causada por uma existência que precisa ser denominada, ou melhor, que está em busca de se constituir como um ser, mesmo que isso signifique estar lançada para morte, Sartre trata a respeito desse ser que está lançado no mundo e busca por significado, por compreender que não há regras pré-definidas, não existindo algo denominado, tais sentimentos irão levar o ser a questionar a respeito do seu próprio eu.

A obra de Clarice apresenta dois personagens que são bastantes enigmáticos e que vão se constituindo a partir do desenvolvimento da obra. A princípio, nos ateremos ao Autor, ele é homem, casado, com filhos e é um escritor que se sente, constantemente, sozinho e desamparado, tentando sempre entender quem é e quais são as suas motivações.

O Autor, assim como Clarice, acredita na existência de um criador – Deus³⁷ –, coloca nele as suas esperanças para entender a si mesmo, crê que o que tem sentindo e suas responsabilidades estavam atribuídas a outro – Deus –, porque havia sido criado, e, para o Autor, a quem recorrer a respeito de uma angústia tão violenta se não seu Criador, contudo, se ver desorientado buscando por respostas e recebendo silêncio, ao vivenciar a solidão e o desamparo, decidiu não estar mais só e inventou seu personagem Ângela Pralini, que, ao mesmo tempo, seria quem o Autor buscava ser, era também Clarice – personagem-escritora – nas sombras contando que tipo de escritora queria ser também.

Por isso, compreendemos que existe uma relação evidente da religiosidade, tanto pelas passagens bíblicas, tanto pelas referências a um Criador. Sendo assim, como o Autor foi criado por Deus, ele também criou Ângela Pralini, depois de um sonho com um espelho, em que ao brincar com o espelho via outra pessoa e não a si mesmo. O Autor que estava sozinho escrevendo longe dos seus, cria um outro para diminuir a sua solidão. Inclusive, podemos identificar a voz de Clarice Lispector presente em ambos os personagens ao mesmo tempo e também é uma terceira voz, é possível, dado a presente religiosidade, que se faça referência a Trindade cristã – Pai, Filho e Espírito Santo –.

E Ângela Pralini, que era o reflexo de outro e passou a existir? Ângela quando nasceu tinha uma parte do Autor, foi formada por uma Literatura viva de pensamentos, ela não sabia da existência de seu criador e nem tinha ideia de que estava sendo observada, todavia, mesmo sem ter conhecimento de que foi originada a partir de outro, foi capaz de superar o seu criador ao ir criando identidade própria e existir ao seu bel-prazer, desconectada das vontades e dos desejos daquele que firmou a primeiro momento suas características. Na passagem a seguir, identificamos o momento que o Autor compreende que não tem mais controle sobre Ângela e decide só observar o seu crescimento:

Ângela é um cachorro vadio atravessando o deserto das ruas. Ângela, nobre cão vira-lata, segue a trilha do seu dono, que sou eu. Mas muitas vezes descarrilha e se dirige em vagabundagem livre para nenhum lugar. Nesse nenhum lugar eu a deixo, já que ela tanto quer. E se encontrar o inferno em vida será ela própria a responsável por tudo. Se quiser seguir então me siga porque assim sou eu que mando e controlo. Mas não adianta mandar: essa

³⁷ Sartre não acreditava em Deus e se afastou da ideia de um ser criador, apesar disso, os autores ainda sim possuem uma relação com a forma que pensam a existência do ser livre e não determinado por coisas externas a si, recaindo no conceito filosófico de Sartre.

criatura frívola que ama brilhantes e pérolas me escapa como escapa a ênfase indizível de um sonho. (Lispector, 2020, p. 59).

Pralini é uma mulher, a “água e deserto, povoamento e ermo, fartura e carência, medo e desafio. Tem em si a eloquência e a absurda mudez, a surpresa e a antiguidade, o requente e a dureza. Ela é barroca” (Lispector, 2020, 33-34), estas são algumas das características iniciais que o Autor dá a Ângela, que fica feliz de ser ela mesma, esse misto de contradições que não se apetece com o simples. Ela também é uma escritora, a partir dela e por meio dela que ele – o Autor – buscará chegar ao que acredita ser um Escritor de sucesso, entretanto, identifica o peso existencial de ser quem é e, enquanto a observa, descobre quem ele é. Citamos a passagem em que Ângela Pralini tomou conhecimento de si e viu que estava viva:

ÂNGELA - Eu nasci amalgamada com a solidão deste exato instante e que se prolonga tanto, e tão funda é, que já não é minha solidão, mas a Solidão de Deus. Alcancei afinal o momento em que nada existe. Nem um carinho de mim para mim: a solidão é esta a do deserto. O vento como companhia. Ah, mas que frio escuro está fazendo. Cubro-me com a melancolia suave, e balanço-me daqui para lá, daqui para lá, daqui para lá. Assim. É! É assim mesmo. (Lispector, 2020, p. 39).

Convergentemente, o filósofo Jean-Paul Sartre debate e conceitua a respeito da existência do ser que vai se constituir como um ente humano, enquanto existe no mundo e depois vai se constituindo de essência – a partir das suas vivências, culturas, meio social, relações com o outro – vai definindo quem virá a ser essa pessoa, juntamente com essas questões, o ser também vivência situações angustiosas, e são potencializadas no escritor, pois neste as emoções são maximizadas e as situações ampliadas em seu exílio.

Nesse sentido, o conceito existencialista de Sartre nos ajuda a compreender que tanto o Autor quanto Ângela somente se constituem como entes desassociados de ideias pré-concebidas quando passam a vivenciar suas realidades – mesmo que aqui estejamos tratando de uma realidade fantasiosa – notamos que inclusive a noção de pertencimento de si de Ângela somente desponta quando não há mais controle do Autor para quando ela se cala e para quando é silêncio. Sendo assim, quando Ângela reconhece sua pulsação e o bater do seu coração percebe que está viva, a citação ratifica o que mencionado:

ÂNGELA. - Senti a pulsação da veia em meu pescoço, senti o pulso e o bater do coração e de repente reconheci que tinha um corpo. Pela primeira vez da

matéria surgiu a alma. Era a primeira vez que eu era una. Una e grata. Eu me possuía. O espírito possuía o corpo, o corpo latejava ao espírito. Como se estivesse fora de mim, olhei-me e vi-me. Eu era uma mulher feliz. Tão rica que nem precisava mais viver. Vivia de graça. (Lispector, 2020, p. 53).

Para tanto, Sartre e Clarice veem no ato de escrever o desvelar do ser que é angustiado, cruel e solitário. Isso se torna evidente nos quatro escritores – a saber, Sartre, Lispector, Autor e Ângela Pralini – que se questionam quem são e o porquê de escrever, contudo, desassistidos e vulneráveis, encontram nesse ofício a causa e a solução das suas angústias.

Todos em algum momento se voltam para a escrita por que não suportam mais a realidade a que são submetidos, interpelam a si mesmo a respeito do porquê continuar a escrever, talvez acreditem que ao escrever eles compreenderiam muito mais o mundo do que não escrevendo, mas vale o transtorno? Sartre e Lispector compreendem que sim, como já vimos eles não saberiam comungar desta realidade sem a escrita.

Voltemos a pergunta que interpela o início desta seção: O que há entre uma palavra e outra, afinal? Existe o instante de angústia sobre as inúmeras possibilidades da palavra seguinte, conscientes que somos livres e responsáveis pelo que será proferido, ficamos angustiados, temerosos, porque não sabemos o que podemos ter decidido falar – escrever –, assim, o que há é a angústia e a solidão.

Por fim, neste capítulo buscamos tratar a respeito do exílio do escritor, que em seu isolamento se sente solitário e desamparado, utilizando o pensamento sartreano para analisar a perspectiva literária de Clarice Lispector em *Um sopro de Vida* (1978) identificando esse Autor que se vê na necessidade de criar um outro para não estar mais só, no entanto o outro também é escritor e sofrerá com os temores suscitados por este ofício, e apesar dos quatro escritores – a saber, Jean-Paul Sartre, Clarice Lispector, Autor e Ângela Pralini - terem objetivos diferentes com os seus textos, identificamos a convergência principal que nos propusemos: o escritor produz em profunda solidão.

4 CONCLUSÃO

A arte da escrita é interessante, por que ela apresenta possibilidades, ela pode descrever, a seu modo a linguagem, as complexidades e os paradoxos que o homem realiza no mundo; ela ainda permanece ambígua, porque uma construção de frases é

capaz de ter inúmeras interpretações, principalmente, porque ela pode brincar com a ideia do real e do irreal. A arte da escrita pode ser tanto uma fuga quanto uma conquista, isso sozinha não é suficiente para ajudar o homem a optar pelo imaginário, porque ao escolher um ao outro poderia ser conquistado de outras formas. Sartre irá afirmar que comumente os artistas optam pela Arte e, no caso dos nossos autores, escolheram a escrita.

Por conseguinte, a proposta dessa dissertação era estabelecer que quando o escritor se propõe a escrever ele acaba, conseqüentemente, abdicando da sua presença para com o outro, uma vez que a escrita é um ato solitário. Para isso, utilizamos para dar embasamento conceitual o filósofo francês Jean-Paul Sartre e a autora Clarice Lispector, sendo assim, fizemos uso da interdisciplinaridade com a Filosofia e a Literatura para concluirmos que a partir do pensamento sartreano seria possível apontar paralelos na obra de Clarice *Um sopro de vida* (1978)

Desse modo, os resultados obtidos mostraram que a escrita é um ato solitário e isso pode ser identificado na obra clariceana e, a partir dessa conclusão, ressaltamos a interdisciplinaridade e como o trabalho em conjunto permite que se explore novos conceitos acerca de assuntos já trabalhados por outros autores, em que analisamos, também, qual era a vocação de ambos. Concluindo que eles teriam a escrita como força motora, como desejo e habilidade, isto influenciou a vida dos escritores ao longo de seus processos de desenvolvimento filosófico e literário

Para tanto, podemos constatar o encadeamento proposto na pesquisa entre Filosofia e Literatura durante o desenrolar do segundo capítulo *Existencialismo e Literatura no século XX*, que teve como intuito apresentar, inicialmente, a influência da Filosofia Existencialista na Literatura do século XX, demonstrando a forma que se relacionaram e complementando o pensamento social da época, dando destaque para o Existencialismo desenvolvido por Jean-Paul Sartre que foi caracterizado a fim de esmiuçar os principais conceitos trabalhados pelo autor, como forma de demonstrar as bases do seu pensamento filosófico e como também exerceu impacto na Literatura.

Ainda na construção desse capítulo, vimos a necessidade de apresentar o filósofo Sartre na Literatura, uma vez que ele já teve sua filosofia existencialista bem demarcada, por conta disso nos dedicamos a demonstrar como a Literatura e a prosa estavam presentes desde muito cedo na vida do jovem Sartre. Ora, observamos que a prosa será protagonista para Sartre pelo fato de por meio dela ser possível realizar

o jogo de dizer verdades sobre o mundo real e também, ser possível criar um outro mundo, sendo o seu processo de leitura e escrita desde muito cedo solitário.

Nesse sentido, observamos que a Clarice Lispector também desenvolverá uma relação com a Literatura, tendo em vista a possibilidade imaginativa, sendo característica a relação que os dois autores construíram com o mundo literário. Para isso, apresentamos elementos biográficos da escritora Clarice Lispector que mostram a importância da escrita e quais foram as consequências de ter sua vocação tão latente desde muito jovem. Por conta disso, tratamos a respeito de elementos fundamentais para traçar o porquê de Clarice ver a escrita como um ato solitário e particular, em que precisava se isolar e desenrolar os pensamentos.

A vida e a obra de um autor algumas vezes tendem a se misturar, isso acontece na maioria das vezes porque se escreve acerca daquilo que estar observando e vivendo de algum modo. Os autores trabalhados nessa pesquisa, em suas obras, têm essa característica: o Sartre com a *Literatura Engajada* e a Clarice sobre a escrita como liberdade e solidão.

Assim, ao observar Sartre em *Literatura Engajada* e Clarice falando sobre a escrita concluímos que o papel, ou seja, o objetivo da Literatura possui sentidos diferentes para ambos, a saber: Sartre vê a Literatura como liberdade, mas uma liberdade não irrestrita, com responsabilidade, o escritor que é consciente do poder das palavras as usa para mudar as coisas, tendo compromisso com o mundo; no entanto, Clarice vê a Literatura como liberdade em seu sentido mais literal possível, sem amarras, responsabilidades ou compromisso político e social, sem o valor moral da *Literatura Engajada*. A autora até admite que tinha o desejo de ter usado a escrita para transformar algo no mundo, mas não foi possível, ou seja, não se desvencilhou da escrita solitária, livre e que não se compromete com o mundo, mantendo suas peculiaridades.

Apesar desse distanciamento acerca do objetivo da Literatura, observamos que ambos os autores mantêm uma semelhança acerca do processo de leitura e escrita, a saber: essa produção se dá em exílio. Além dessa semelhança, no existencialismo sartreano trata-se do ser como primeiro existindo e depois definindo-se a sua própria essência, tal elemento também foi possível de constatar no pensamento de Clarice Lispector, que na medida em que escreve cada obra, constrói algo em si mesma, se faz e refaz diversas vezes ao longo da sua existência.

À vista disso, foi possível construir o terceiro capítulo intitulado *Colisão: Encontro entre Sartre e Clarice*, no qual apresentamos uma análise da obra *Um sopro de Vida* (1978) para compreender de que maneira Clarice, sendo uma escritora que imaginou um personagem Autor, que também criou uma autora, podia corroborar para o tema principal da escrita como ato solitário e, quais aproximações podemos identificar com o Existencialismo sartreano. Nesse sentido, observamos que em Lispector o ser primeiro é, existe e, a partir daí, enquanto vivência o seu mundo ele vai se constituindo, elemento característico do personagem Ângela Pralini.

Além disso, ao observar o diálogo entre os personagens que estão escrevendo, simultaneamente, cada um o seu livro, é possível atestar a solidão que cada um experiencia, a angústia diante da vida e o apreço pela liberdade, todos temas do existencialismo sartreano, assim, nesse capítulo se consumou o encontro entre Jean-Paul Sartre e Clarice Lispector, conduzindo pelo objetivo principal, ou seja: o exílio que parte do próprio escritor em busca de se conectar com os seus instintos para fazer uso da palavra para comunicar ao mundo o que estavam percebendo, sentindo e vivenciando.

Portanto, concluímos que a escrita é um ato Solitário e ambos os autores citados compreendem a necessidade de estarem em contato consigo mesmo, afastados da multidão, exilados da sociedade que os toma sempre um pouco, mas que ainda sim precisam para se fazerem palavra.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Notas de literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1965.

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. **Teoria da literatura**. 8 ed. Coimbra: Almedina, 1997.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Edição Pastoral. Tradução, introdução e notas: Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancim. São Paulo: Ed. Paulus, 2008.

BELO, Renato dos Santos: **Filosofia e Literatura em Jean-Paul Sartre**. Minas Gerais: Universidade Federal de Lavras, 2020.

BLANCHOT, Maurice: **O livro por vir**. Tradução: Leyla Perrone - Moises. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BLANCHOT, Maurice: **Os romances de Sartre**. In: A Parte do Fogo. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CANTON, James. **O Livro da Literatura**. Tradução: Camile Menfrot. 2 ed. São Paulo: Globo, 2016.

CARDOSO FILHO, Antônio: **Teoria Literatura I**. 2 ed. São Paulo: Cesad, 2011.

DUMONT, Jean-Paul (édition établie par), Les Présocratiques, Pléiade, Gallimard, Paris 1988.

ESCORCIO, Dalriane Miranda; MONTEIRO, Felipe Sávio Cardoso Teles. **Reflexões sobre a Filosofia Existencialista**. v. 11, n. 26. (Cadernos Zysmunt Bauman). Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2021.

FONSECA, João José saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. 2 ed. Fortaleza: Editora UECE, 2002.

FONSECA, Célia Freire A. Existencialismo e o século XX. **Revista de História**. v. 34, n. 69. São Paulo: Revista de História, 1967.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar Escrever Esquecer**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

GONÇALVES, Magaly Trindade, BELLODI, Zina C. **Teoria da literatura “revisitada”**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOTLIB, Nádia Battella: **Clarice: Uma vida que se conta**. 7 ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

HOMEM, Maria Lucia: **No Limiar do silêncio e da letra**: traços da autoria em Clarice Lispector. São Paulo: Editora Boitempo, 2012.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas e Conferências de Paris**. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

LESHER, J.H. **Xenophanes of Colophon: Fragments**, Toronto: University of Toronto Press, 1992.

LISBOA, Camila Pereira. Introdução ao Existencialismo. **Revista Pensativas Literárias. Problemata: R Intern. Fil.** v. 7, n. 2, p. 254-267. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

LIMA, Hélio Pereira. O conceito de Razão de Habermas. **Revista Symposium**. 4 ed. Pernambuco: Universidade Católica de Pernambuco, 2000.

LISPECTOR, Clarice. **Um Sopro de Vida**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LISPECTOR, Clarice. **Um Sopro de Vida**. 1º ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Clarice: Clarice na cabeceira: Contos**. Organização: Tereza Monteiro. Rio De Janeiro: Rocco, 2009.

LISPECTOR, Clarice. **Clarice na cabeceira: Jornalismo**. Organização: Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **Clarice na cabeceira: Romances**. Organização: José Castello. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Crônicas para Jovens: de escrita e vida**. Organização: Pedro Karp Vasquez. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MÉSZÁROS, István. **A obra de Sartre**: Busca da liberdade e desafio da história. Tradução: Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2012.

MENDROT, Camile; CUNHA, Luiza Leal da; CORRADINI, Ana Paula; BRUNELLI, Ive. **Livro da Literatura**. Rio de Janeiro; Editora Globo, 2016.

MOREIRA, Mayara Franco. **Em torno da Literatura Engajada**: Sartre e o debate estético. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

MOSER, Benjamin. **Clarice**. Tradução: José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NUNES, Benedito. **Hermenêutica e poesia - O pensamento poético**. Organização: Maria José Campos. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

NUNES, Benedito: **O dorso do Tigre**. Coleção Debates. Direção: J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

PERDIGÃO, Paulo. **Existência e liberdade**. Introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995.

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Tradução: Caesar Souza. 2 ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução: Rita Correia Guedes. In: Os Pensadores, vol. xlv. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

SARTRE, Jean-Paul: **As Palavras**. Tradução: J. Guinsburg. Prefácio: Fabio Caprio Leite de Castro. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

SARTRE, Jean-Paul. Conferência de Jean-Paul Sartre. Universidade Mackenzie (1960). **Revista Discurso**. n. 16. [S. l.: s. n.], 1987.

SARTRE, Jean-Paul. **L'être et le néant**. Paris: Gallimard, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. Apresentação de "Les Temps Modernes". **Revista Praga**. 8 ed. 1999.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética**. Tomo I. Porto Alegre: DP&A Editora, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **Situações I. Críticas literárias**. São Paulo: Cosac& Naify, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **Situations II. Littérature et engagement**. Paris: Gallimard, 1948.

SARTRE, Jean-Paul. **Les écrivains en personne**. In: Situations IX. Paris: Gallimard, 1972.

SARTRE, Jean-Paul. **Les mots**. Paris: Gallimard, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do ego**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é Literatura?** Tradução: Carlos Felipe Moises. Petrópolis - Rio de Janeiro. Vozes, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. **Qu' est-ce que le littérature?**. Paris: Editora Gallimard, 1948.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Tradução: Paulo Perdigão. 24. ed. Petrópolis - Rio de Janeiro. Vozes, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. **O idiota da família**. Porto Alegre: L&PM, 2016 (3 volumes).

SANTOS, Dominique V. C. dos. Mito e pensamento entre os gregos: uma discussão sobre os termos μυθος, ἀλήθεια, λόγος e παιδεία. **Revista Mundo Antigo - Ano I**. v. 01, n. 02, dez. [S. l. : s. n.], 2012.

SICARD, M. **Essais sur Sartre**. Paris: Galilée, 1989.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Ética e literatura em Sartre**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Sartre e o Humanismo**. São Paulo: Almedina, 2019.

SOUZA, Thana Mara de. **Sartre e a literatura engajada**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. **Literatura e História da Educação Medieval**. São Paulo: UNESP, 2011.

VERNANT, Jean Pierre. **As Origens do Pensamento Grego**. Tradução: Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

VERNANT, Jean Pierre. **Mito e o Pensamento Entre os Gregos**: estudos de psicologia histórica. Tradução: Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VILLELA-PETIT, Maria da Penha. **Platão e a Poesia na República**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

VOLTAIRE: **Dicionário Filosófico**. Editor: Victor Cevita. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1973.

WAHL, Jean. **Vers le concret**. Paris: Vrin, 2004.